

## CDS DEVE APOIAR A REJEIÇÃO PROPOSTA PELO PS

# Será o "antigo Governo" a rejeitar o "novo"



Esta manhã, em breves declarações solicitadas pelo «DL», Ribeiro e Castro, porta-voz do CDS, admitiu a possibilidade de o seu partido votar a proposta do PS. O dirigente centrista acentuou que «seria ridículo que se formasse uma maioria política contra o Governo, mas que da rejeição se não produzissem resultados jurídico-constitucionais, por haver moções cruzadas». E acrescentou: «Isso seria uma espécie de jogos florais em que nós não entramos.»

Quanto à moção do PCP, Ribeiro e Castro considerou obviamente que «não seria natural» que o CDS viesse a apoiá-la.

Relativamente à possibilidade de a moção de rejeição do CDS vir a ser votada por outras forças políticas, o porta-voz centrista nada adiantou com previsão, lembrando no entanto que o facto dessa moção se apresentar desprovida de considerandos tinha como objectivo facilitar a formação de uma maioria.

Entretanto, prosseguiu esta manhã, com bastante atraso em relação ao horário previsto, o debate parlamentar sobre o Programa do Governo.

Ruben Raposo, do PSD, falou de autonomia regional, com especial incidência na questão dos Açores. No final da sua intervenção, estabeleceu-se controvérsia com Vital Moreira a propósito de o que deve ser a autonomia. Para o deputado comunista, nas formas de concretização da autonomia regional tem-se virado

sistematicamente de o avesso o texto constitucional, estabelecendo normas e regulamentos para uma coisa que ainda não existe: o estatuto de autonomia.

Usou da palavra depois o socialista António Arnaut, que proferiu um requerimento contra o Governo por ter copiado quase na íntegra o Programa do Executivo anterior, excepto no que se refere ao Serviço Nacional de Saúde.

Muito aplaudido pela sua bancada e em alguns «lances» pelos deputados do PCP, o ex-ministro dos Assuntos Sociais afirmou que «o SNS é um imperativo e exigência histórica da Revolução», apresentando uma série de dados sobre os efeitos da sua não aplicação: 1000 médicos desempregados até ao fim do ano e 3000 dentro de dois anos.

A hora de o fecho da nossa edição, discursava o social-democrata Monteiro de Andrade, prevendo-se a seguir uma intervenção à do ministro da Agricultura e Pescas.

Págs. 4 e 5

### NICARÁGUA:

## Situação de Somoza é crítica

Pág. 11

## Por que é o peixe tão caro? E os salários tão baixos?

— Sindicato das Pescas responde



### MARINHA MERCANTE

## Reunião decisiva esta tarde

Os Sindicatos representativos dos trabalhadores do mar e o armamento da Marinha de Comércio encontram-se esta tarde no Ministério dos Transportes, convocados pelo respectivo ministro.

De acordo com um porta-voz da Federação dos Sindicatos do Mar, depois de algumas reuniões de negociação directa com o armamento, estão em princípio criadas as condições objectivas para se chegar a acordo quanto aos aumentos salariais, diferendo que custou à economia nacional muitas centenas de milhares de contos de prejuízo (praticamente um milhão, como já noticiámos).

Os representantes sindicais fazem no entanto depender a sua resposta definitiva da consulta aos trabalhadores, pelo que a recusa ao trabalho extraordinário e a subsequente imobilização da frota de comércio se prolongarão por mais uns dias.



O drama da Nicarágua, submetida à longa e feroz ditadura de Somoza, é um dos temas do «Exclusivo» de hoje, que inclui ainda comentários de Pequim acerca da ofensiva diplomática dos sucessores de Mao. O nosso suplemento das terças-feiras, dedicado aos problemas internacionais, publica ainda um estudo do Quênia, depois da morte de Kenyatta, e inicia um estudo sobre as multinacionais e o Terceiro Mundo.



Poema de Maria  
Velho da Costa

Pág. 10

Pág. 2

## post-scriptum

### Cantiga da orça branca

Maria Velho da Costa escreveu para o «DL» a propósito de Vitorino Nemésio. Eis o poema

Uma espada no mar, afarolada, sangra,  
Ponta Delgada é tua.  
Vitorino Nemésio. Sapateia Açoriana

Nove ilhas nove estrelas  
na ponta do coração  
os meus olhos estão mais grados  
de ver a tua ermidão

Ó parque do paraíso  
escondido numa ermidinha  
o mar nas bocas do fogo  
nasceu em rosa mais minha

que as verdes folhas de alma  
varridas pelo açor  
que fez ninho nesta calma  
maior que o menor amor

Pequena pátria encontrada  
onde não posso nascer  
onde escolhera morar  
até a pátria morrer

na perda do maior bem  
que é florir na limpidez  
da lama que ferve e chama  
azálea que sai do pez

cachão de hortenses para nada  
mais que bordar uma estrada  
para a língua que mesmos fez

o açor perdido na seta  
esse menino na mata  
tiro na boca cantata  
do mesmo mal português.

Ponta Delgada  
24-8-78



DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

## PODER LOCAL

# Até que enfim! Crianças de barco no Parque de Bonfim...

Quem conhece o Parque de Bonfim em Setúbal...? Certamente que muita gente. Pois bem: encontra-se em consideração a exploração de barcos de recreio e outras diversões para crianças no lago daquele recinto...

Efectivamente, já foi tornado público o pedido de concessão de instalação no lago do Parque do Bonfim de cinco barcos de pequena dimensão, para alugar, ao preço de dez escudos por pessoa e por períodos de trinta minutos — e de outros divertimentos, como jogos e concursos em troca de prémios a oferecer aos concorrentes.

Os referidos barcos serão movimentados com os pés e só poderão ser utilizados por crianças com idade não superior a 12 anos.

Tudo se encontra bem estudado...

Junto da rampa destinada a dar acesso aos barcos, será criado um posto de trabalho, competindo ao funcionário que ali presta serviço assegurar e controlar as entradas e saídas das crianças, sendo da responsabilidade dos pais ou dos respectivos encarregados a segurança durante o uso dos barcos.

De momento, propôs-se a redacção de um protocolo estabelecendo as condições da exploração — e no qual sejam salvaguardadas as posições da Câmara de Setúbal e dos requerentes, estabelecendo-se nele, entre outras condições, constituir responsabilidade dos últimos os danos que possam sofrer as crianças, e não ser essa responsabilidade atribuída aos familiares como os interessados pretendiam.

Como...?

Para esse efeito, os requerentes deviam realizar um contrato de seguro de responsabilidade civil que cobrisse os riscos que para as crianças pudessem resultar da mencionada exploração recreativa.

Um vereador, que, entre outros, falou sobre o assunto, lamentou que os barcos fossem movidos a pedal e não...

«E não a quê...?» — perguntaram-lhe.

«A remos. E sabem porquê...?»

«Diga, diga...»

«Dispondo Setúbal de condições para tal prática desportiva, poderia partir daquele ponto, do lago do Bonfim, os primeiros passos para a iniciação de tal desporto...»

## MUSEU DE SETÚBAL — QUEM O SALVA?

Encontram-se no Museu de Setúbal mais de 1200 peças destinadas ao Museu do Trabalho, peças que, apesar de devidamente catalogadas, se encontram em condições de se deteriorarem.

O Museu do Trabalho fundou-se por acordo entre a Câmara Municipal de Setúbal e o Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL).

Enquanto a Câmara manteve os compromissos assumidos, consta que o INATEL os descuro, interessando-se por outros de ordem política e partidária que o levaram a esquecer o apoio devido ao Museu.

Ora (na última reunião do Município) entendeu-se que o património reunido no Museu é demasiado valioso, tendo resultado de muitos dias de Trabalho fundou-se por acordo entre a Câmara Municipal de Setúbal e o Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL).

Enquanto a Câmara manteve os compromissos assumidos, consta que o INATEL os descuro, interessando-se por outros de ordem política e partidária que o levaram a esquecer o apoio devido ao Museu.

Ora (na última reunião do Município) entendeu-se que o património reunido no Museu é demasiado valioso, tendo resultado de muitos dias de trabalho de dezenas de pessoas que, integrados no Serviço Ci-



Talvez já no próximo Verão, em Setúbal, as crianças tenham barcos no lago do Parque do Bonfim. Um problema para já: barcos movimentados com os pés ou a remos...? Segundo o Município, se os barcos fossem a remos, talvez se dessem os primeiros passos para a concretização de uma prática desportiva que, na região, encontraria as melhores condições...

vico, recolheram peças em todo o País, conseguindo a constituição de uma colecção única. Assim...

Assim, pela voz de um vereador, foi proposto que se insistisse junto do INATEL no sentido deste Instituto prestar o apoio que, de início, se comprometera a prestar.

E se o INATEL se recusar...? Na hipótese de o INATEL se recusar, de qualquer forma, a voltar a prestar o seu apoio, alviou o mesmo vereador que se buscassem novos meios junto da Secretaria de Estado da Cultura.

Dado o valor das obras colecionadas, e a importância do Museu, esta proposta foi aprovada por unanimidade pela verificação.

## AÇORES — POVO FESTEJOU O DIA DA CASA

Com algumas iniciativas de carácter desportivo, recreativo e

cultural, a maioria das Casas do Povo dos Açores assinalou já o dia nacional daquelas instituições, que ontem se comemorou por todo o País.

Enquanto algumas Casas do Povo açorianas assinalaram a data incluindo nos seus programas diversas actividades desportivas, outras houve que a comemoraram com manifestações culturais que englobaram exposições de Grupos de Teatro, de Ranchos Folclóricos e de bandas de música.

Apesar da maioria já o haver comemorado ontem, o Dia Nacional das Casas do Povo será assinalado ainda durante alguns dias, pelo que o Grupo de Teatro terceirense «Pedra Mole», que para comemorar a data se deslocou em helicóptero da Força Aérea à ilha Graciosa, onde actuou duas vezes, se deve exhibir hoje, também em dois espectáculos, na ilha de S. Jorge.

A par das actividades desportivas e culturais, o Dia Nacional das Casas do Povo foi assina-

lado na ilha Terceira com a realização de touradas à corda.

## E A GUARDA TAMBÉM...

Doze Casas do Povo do distrito da Guarda festejaram neste fim-de-semana o Dia daquelas instituições.

As comemorações, que englobaram provas desportivas, teatro, cinema, variedades e exibição de ranchos folclóricos, tiveram como principal objectivo «a mobilização da comunidade em redor da Casa do Povo num ambiente de festa, convívio e reflexão».

O final das comemorações está marcado para Nespereira, no concelho de Gouveia, onde se irá realizar, no próximo domingo (dia 17), um colóquio subordinado ao tema «Agricultura, Saúde e Previdência».

O programa prevê ainda várias actividades culturais e desportivas, exposições e exhibições de ranchos.

# MAPRU salienta em comunicado reivindicações urgentes dos agricultores

«As Casas do Povo não podem ser esquecidas, desprezadas e muito menos liquidadas» — declara o MAPRU (Movimento de Agricultores por uma Previdência Rural) em comunicado a propósito do «Dia da

Casa do Povo», que ontem se comemorou em todo o País.

Aquela organização chama a atenção da importância das Casas do Povo no aspecto cultural, desportivo, recreativo, associativo, de prestação de servi-

ços, de terminais de Segurança Social e de Serviços Médico-Sociais.

Salienta-se no comunicado que «reivindicações urgentes dos agricultores no sector da Previdência Rural continuem por serem satisfeitas», destacando-se as pensões de reforma de velhice e invalidez, de 1750\$00, o Abono de Família para todos os agricultores e melhor assistência médica e medicamentosa.

O MAPRU faz votos para que as suas reivindicações não sejam ignoradas — e apela a todas as Casas do Povo para que não desanimem nem desistam da sua luta em prol de um futuro autêntico ao serviço dos agricultores e das populações rurais.

## NAS ÚLTIMAS 24 HORAS

# Doze mortos e 186 feridos na estrada

Quinze mortos e 186 feridos, dos quais 76 em estado grave, constituem o balanço dos acidentes de viação registados nas últimas 24 horas, informa a Bri-

gada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana.

No mesmo período de tempo, a Brigada assinalou a ocorrência de 110 acidentes.

## ponto a ponto



Reuniu esta manhã, na Secretaria Geral da presidência do Governo a comissão nomeada para a investigação e redacção do livro negro sobre a governação fascista. Só muito recentemente foram criadas condições para este trabalho ser iniciado.



A festa do «Avante», que decorreu no Vale do Jamor de sexta-feira a domingo últimos, teve a participação de 28 delegações de órgãos centrais de partidos comunistas e operários, além de uma revista internacional. Todas estas delegações foram recebidas no Comité Central do PCP, conforme refere uma nota deste partido distribuída aos órgãos da Comunicação Social.

Vasco da Gama Fernandes deu ontem conta à Assembleia da República, ao abrir os trabalhos respeitantes à discussão do Programa do Governo, de um ofício do Presidente da República solicitando a necessária autorização constitucional para se deslocar, de 8 a 16 do próximo mês, em visita oficial à Bulgária, Roménia e Hungria. O pedido baixou, para parecer — com recomendação de «prioridade e urgência» — à Comissão Parlamentar de Negócios Estrangeiros, à qual preside Manuel Alegre.



A participação dos emigrantes nas eleições locais dos países onde residem deverá ser objecto de estudo num futuro próximo, de acordo com uma resolução aprovada na Conferência dos ministros da Administração Interna do Conselho da Europa, efectuada entre 6 e 10 do corrente nos arredores de Estocolmo. Esta informação foi prestada pelo novo titular do M.A.I. coronel Gonçalves Ribeiro, que participou na conferência, ao chegar da Suécia e em conversa com os jornalistas que às 22 e 30 de domingo o aguardavam no aeroporto da Portela.



O submarino «Flore», comandado pelo capitão-tenente da armada francesa, Borgis, atraca hoje a Lisboa, onde permanecerá até sábado, podendo ser visitado pelo público amanhã, quinta e sexta-feira, das 14 às 17 horas. O navio, que tem 58 metros de comprimento e desloca 700 toneladas (velocidade de 13,5 nós à superfície, e 16 quando mergulhado), abarca uma tripulação composta por 6 oficiais, 29 sargentos e 25 cabos e marinheiros.

# Sobre relações de produção e formas de consciência

Ernesto Sampaio

**Desde há dois séculos que a sociedade civil atribui ao intelectual o dever de tornar seus os problemas dos outros e de criar plataformas de encontro baseadas na sociabilidade dos diferentes indivíduos.**

Contudo, ao indagarmos as razões do falhanço permanente da impostação teórica dessa última grande filosofia revolucionária da burguesia (o Iluminismo), verificamos logo à partida que há um limite para a conciliação dos indivíduos na comunidade: a estruturação económica da vida social.

Na verdade, enquanto tudo o que releva da economia não se tornar propriedade dos indivíduos sociais, quer a capacidade criativa dos homens, quer a sua tendência comunitária, correm o risco de se traduzirem apenas em mais alienações da sua vida.

A fermentação destas questões reais e não imaginárias do mundo de hoje, quando o capitalismo atinge, em toda a parte, o ponto crítico no domínio das relações sociais, colocando cada vez mais a perspectiva do socialismo como única saída possível para a solução dos problemas fundamentais da humanidade, exige novas responsabilidades e confere outras atribuições ao intelectual, que não pode limitar-se a analisar e descrever uma realidade em transformação (no fim da análise já a realidade mudou), mas deve contribuir para o movimento dessa realidade, inserindo-se nela.

Aos intelectuais põe-se hoje uma opção muito clara: serem sacerdotes celebrantes dos valores passados ou fortalecerem, em si próprios e nos outros, a vontade de modificar as coisas.

Descontado já o facto de os intelectuais «liberais» terem, no chamado «mundo livre», o seu «liberalismo» fortemente controlado pelos bancos e pelos gru-

pos de negócios, ou de se poder abordar a obra de Marx com «inocência», através de metodologias «sociológicas» ou sem quaisquer outros interesses que não sejam as preocupações «filosóficas» gerais, a verdade é que as opções teóricas, para além do condicionalismo ideológico que pressupõem, se inserem necessariamente na luta política, e esta à condição e não consequência da luta social.

Neste plano, ensina-nos a experiência histórica que o socialismo só triunfou onde foi possível fazer revoluções que não marcassem passo no estádio transitório do desenvolvimento paralelo das «democracias» burguesa e socialismo, isto é, que na passagem do capitalismo ao socialismo, cortassem cercas as veleidades da burguesia «progressista» e «iluminada» tomar a dianteira e impor a sua hegemonia.

Mas a burguesia também tem conhecimento dessa experiência histórica, e daí os seus esforços para submeter a teoria socialista cada vez mais intensamente à influência burguesa. Isso, porém, significa que do ponto de vista da burguesia, ela própria é já incapaz de defender ideologicamente a sua posição com as suas próprias forças originais, necessitando não só das pessoas que abandonam o campo do proletariado, mas ainda do método científico do proletariado, desde que, bem entendido, previamente submetido a deformações.

Uma das originalidades da burguesia «progre» é não reconhecer o socialismo nos países

onde efectivamente o capitalismo foi derrubado de modo irreversível e o socialismo foi ou está a ser construído. Isso justifica a decepção do burguês de «esquerda» quando visita países socialistas: não há lá nada, efectivamente, que seja à sua medida, onde possa reconhecer o predomínio da sua ideologia, do seu padrão de vida, a hegemonia da sua cultura.

O que está em crise, na verdade, não é o marxismo, é a economia e a ideologia burguesa. Incapazes de levar a sua submissão do marxismo à falsificação do que é fundamental na construção crítico-analítica de Marx, isto é, a hipótese científica de uma transformação socialista não utópica da sociedade, os novos Kautsky e Bernstein tentam, hoje como ontem, substituir as teorias do valor-trabalho, da transformação do valor em preços, da mais-valia e da exploração-alienação dela decorrente, por uma redução do marxismo e mero cânone histórico ou brumosa metafísica de um generoso revolucionário post-ricardiano.

Quanto ao leninismo, cujo corpo prático-teórico é insusceptível de falsificações ou deformações, por constituir o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, e por ser a teoria e a tática dessa revolução, os demo-sociais rejeitam-no pura e simplesmente.

Uma frente antimarxista-leninista de peso é a de certa arte. Elos de toda uma tradição poética e cultural, desde o fim do romantismo que gerações inteiras de escritores se interrogam sobre o seu destino.

Nos últimos anos, o motivo dramático final das consciências individuais que assistiram ao fim de todos os seus mitos e que

falharam todas as suas tentativas de ancorar na realidade e na história, é o «silêncio», o «calar».

Os grandes motivos da última poética ocidental são o «horrendo futuro», a tensão lucidamente autodestrutiva da «desesperada vitalidade», a auto-negação como única possível afirmação do conhecimento e da liberdade. Longos, majestosos e fúnebres monólogos que reflectem a visão poderosa de um universo burguês imóvel, tragicamente fechado nas suas lutas intestinas, sem amanhã, como que a prefiguração piedosa-impiedosa do destino inelutável de uma classe (e natureza) burguesa, que só na própria ininterrupta autocondenação e autopunição pode encontrar uma razão de sobrevivência.

Dir-se-ia que para os burgueses visionários o fim do seu mundo é o fim do mundo. Lamentavelmente, também este é um aspecto da crise das formas sociais, ou seja, das relações de produção e das formas de consciência, indicando a caducidade complexa de uma história sobre

cujo tempo dominante se desencadeou o movimento das forças produtivas.

Neste sentido, o marxismo-leninismo é o início de uma história nova. Não porque seja a negação mecânica do passado, nem porque genericamente reconheça o carácter histórico e transitório das formas de produção, mas por reflectir um crescimento das capacidades produtivas que liquida o domínio da

velha história, subverte as formas mistificadas de consciência que lhe estão ligadas, liberta as estruturas alienadas do trabalho e replasma as formas materiais e ideológicas vinculadas ao novo curso libertador.



## DÚVIDAS SOBRE O TEMPO PERDIDO

Não temos razões para crer que a desautorização do Governo pela proposta de «moções de rejeição» em «ordem dispersa» constitua, para os ministros do Governo do eng.º Nobre da Costa, circunstância inibitória. E não cremos, igualmente, que os condicionamentos do carácter transitório e da duração limitada, se convertam em impedimentos não só para uma «gestão tecnocrática» como para as imprescindíveis decisões gerais e urgentes cujas consequências excedem as responsabilidades e a missão de um «Governo de recurso». Se o Governo passar, o Governo governará.

Teríamos, nesse caso, a mais «excepcional governação». Um «Governo de recurso», sem apoio partidário, sem maioria parlamentar coerente. Um Governo sem base parlamentar que lhe assegure estabilidade. Dir-se-ia que a «iniciativa presidencial» evidenciará os defeitos que o Presidente recusará a fórmulas novas, a experiências renovadas ou a continuidades que não eram de sua iniciativa.

A debilidade, ou mais rigorosamente a incoerência estrutural que apresentará o Governo do eng.º Nobre da Costa, independentemente das pessoas e quanto a alguns dos seus reconhecidos méritos, ressalta à mais superficial análise: o Governo do eng.º Nobre da Costa é minoritário, incoerente e não oferece condições de estabilidade. Para afirmar a sua incoerência, a qual excede a própria heterogeneidade, não precisamos ver o «olho de Moscovo» na Praça de Londres ou o «braço da CAP» no Terreiro do Paço. Não é a diversidade das origens, das carreiras, das simpatias ou das ligações, aliás patente; não é a composição do Governo que nos impressiona e até nos surpreende na medida em que tem a aquiescência do Presidente da República e que a este cabe garantir e defender a Constituição.

Não pensamos só na presença, no Governo, dos agrários (ou dos seus procuradores), dos servidores do «desenvolvimentismo marcelista», dos «fantasmas» de 24 de Abril, — o que nos impressiona, e em nosso juízo determina, é o oportunismo programático, a indiferença à sua contestação global, a intenção de governar, se a «omissão» ou a «ordem dispersa» das «moções de rejeição» favorecer a experiência (ou a aventura).

A contestação deduzida perante a Assembleia da República e oferecida à opinião pública nacional, mesmo

quando se contestou com o expresso propósito de «não inviabilizar», foi severa. E pluralista, também. O Governo do eng.º Nobre da Costa está ferido na asa. Não poderá voar alto, nem cobrir longa distância. Governo fraco e doente. Padece de uma doença política que se chama «transitoriedade». Ontem, houve quem lhe tivesse chamado, por ironia, o «7.º Governo Provisório».

Mas a questão não é para sorrir. Há uma Constituição para cumprir. O Governo não é um «conselho de gestão». É o «órgão superior da administração pública», é o «órgão de condução da política geral do País». O Artigo 185.º da Constituição estabelece: «O Governo define e executa a sua política com respeito pela Constituição, por forma a corresponder aos objectivos da democracia e da construção do socialismo». A «pausa» na construção do socialismo que já foi invocada, não contraria a necessidade de o Governo ser constituído por democratas abertos à perspectiva de construir um «País novo» e não preocupados em recuperar posições e privilégios. Pensamos na equipa do MAP? E não só. Essa foi ontem denunciada pelo deputado Carlos Brito. Não é o seu argumento que nos determina, mas o facto de ter sido empossado como secretário de Estado, num «Governo apartidário de independentes», o militante de um partido que contesta a Constituição e faz pública campanha para a sua «revisão» antecipada e referendária.

Um secretário de Estado não faz lei no Governo, — dir-se-á. Mas é iniludível que a sua presença é significativa. E será este um caso singular? Não haverá outrem que, na «área-do-Poder» instalado pela benevolência ou pela imprevidência, se proponha a contestação de Abril, a recuperação, a «pausa» não já só «socialista», mas, também, «democrática».

Governar com o «controlo parlamentar» será o mesmo que governar com a confiança da Assembleia da República? A dupla responsabilização do Governo, tal como vem estabelecida no Artigo 193.º da Constituição, perante o Presidente da República e perante a Assembleia da República, não parece compadecer-se com o prolongamento da vida, para um exercício que vá além da gestão corrente, do expediente ordinário, de um Governo que não satisfaça essa condição dupla e veja rejeitado o seu Programa.

A rejeição formal, contudo, pouco adiantará, moral e politicamente, à maioritária contestação. O País precisa de um Governo que governe. Mas de um Governo que governe com a Assembleia da República e com as forças democráticas (políticas e sociais, parlamentares e extraparlamentares, com as forças de Abril civis e militares); e não que se proponha governar sem, ou contra, as forças democráticas e a sua expressão real, popular e parlamentar. O País precisa de um Governo que represente, para a «crise», uma solução democrática e constitucional, duradoura e responsável. Um Governo que governe, até 1980, por consenso das forças políticas e sociais.

# TRÊS MOÇÕES DE REJEIÇÃO DO GOVERNO NOBRE DA COSTA TRÊS MOÇÕES DE REJEIÇÃO DO



## Quem congelou o socialismo pode (sem querer) liofilizar a democracia

A apresentação de três moções de rejeição (PCP, PS e CDS) assinalaram ontem, na Assembleia da República, a primeira sessão de debates do programa do Governo.

Os considerandos das moções referidas permitem caracterizar fielmente (até pela sua ausência, como no caso do CDS) a posição de comunistas, socialistas e centristas face não só à forma da constituição do Governo e sua composição, mas também em relação ao conjunto da crise política e ao modo de sair dela (ou de a agravar).

O PS rejeita o Governo por ter sido «constituído numa lógica de marginalização dos partidos políticos, altamente inconveniente numa democracia pluripartidária como a nossa», condena a incoerência do programa, por causa das suas «concessões oportunistas, à direita ou à es-

recuperação capitalista, latifundista e imperialista, salientando-se medidas contra os interesses dos trabalhadores e demais classes laboriosas, as indemnizações, medidas contra a Reforma Agrária e as nacionalizações e a submissão passiva às exigências no FMI».

descobrir comunistas em todos os recantos de um Governo tão «democraticamente» imaculado como este (até tem «insuspeitos» agrários expropriados) convergiram, de facto, naquele ponto de equilíbrio instável em que as mãos do trapezista — «base» — agarram os pulsos do voador,

ção para o desastre que muitos temem ser uma das suas fixações peculiares, estar (sem querer) a contribuir para a liofilização da democracia.

Temos, portanto, que o CDS acha o Governo demasiado à esquerda, o PCP, demasiado à direita, e o PS não acha nada, a não ser que — ilegítimamente — parturejado em Belém em vez de ter sido honestamente engendrado em S. Bento — se trata de um bastardo que é preciso abafar quanto antes.

Entretanto, as pessoas olham para a televisão e enjoam-se, de tal modo que temos de convir numa coisa que disse ontem o adido opcionista Sousa Franco (PSD), agora em fase de reconciliação com o chefe do seu partido, ao avisar amigavelmente a navegação de que fazer cair este Governo já equivale a transformá-lo num mito popular.

Fazer cair o Governo? Muito bem. É verdade que não interessa nem ao menino Jesus. Ocorre, no entanto, perguntar duas coisas aos socialistas: a primeira é por que tipo de Governo «de base partidária e parlamentar» optam; a segunda é até onde, na ausência de uma saída rápida para a crise actual, estão dispostos a prosseguir o jogo perigoso, na complexa situação político-militar que o País atravessa, de tentar isolar o Presidente da República.

### OS MALES MAIOR E MENOR

Ontem, ficámos a saber coisas interessantes: que para o PSD, por exemplo, este gabinete é um «mal menor». Inquirido sobre o que é que consideraria «mal maior», o representante do partido do dr. Sá Carneiro deu a entender que seria um Governo de «maioria de esquerda». A propósito de males maior e menor, lembrámo-nos de uma coisa que Álvaro Cunhal disse outro dia, no Alentejo: entre este Governo e outro Governo do PS aliado à direita, «venha o diabo e escolha»...

Entretanto, enquanto o PCP foi o único partido que criticou o Governo essen-

cialmente pela sua composição e pelo seu programa (afinal aquilo que estava em debate), PS, CDS e PSD saltaram por cima da ordem de trabalhos e aproveitaram a circunstância para irem já definindo posições quanto à saída da crise aberta pelos centristas.

Por ordem de subida ao «podium», produziram intervenções nos debates de ontem o srs. Salgado Zenha («quem ocupa a Secretaria de Estado do Trabalho é um conhecido adepto da Intersindical e fervoroso defensor da unidade sindical»), Freitas do Amaral («A linha divisória entre o PS e os grandes partidos à esquerda deste diferença e separa dois mundos absolutamente distintos»), Carlos Brito («Uma alternativa democrática pressupõe, entre outras, as seguintes condições: uma decisão favorável do Presidente da República, a participação, ou acordo do PS, um entendimento entre o PS, PCP e outras forças e sectores democráticos»), Sousa Franco

(«apesar de tudo, de todos os males já apontados e que têm vindo a fazer perigar cada vez mais a democracia, a passagem deste Governo será ainda um mal menor»), Acácio Barreiros («A preocupação deste Governo não é a resolução séria dos problemas dos trabalhadores e do País, mas tão-somente o rápido acatamento das exigências da direita»), Vital Rodrigues («o programa, ao invés de pôr a economia ao serviço do homem, do trabalhador, põe o trabalhador ao serviço da economia»), Correia Gago, ministro dos Negócios Estrangeiros («Haveremos de saber distinguir as solidariedades dos servilismos; as dependências dos enfeudamentos; as escolhas livres dos preitos de vassalagem») e Costa Freitas, ministro-adjunto de Nobre da Costa («o Governo só será de gestão se o programa for rejeitado»).

Prosseguem hoje os debates, estando a decorrer desde esta manhã em S. Bento.

E. S.



Sob a ameaça de três moções de rejeição, Nobre da Costa ainda está sentado. Mas o «Executivo» dá mostras de um equilíbrio deveras instável

querda» e, por último (pasmem-se), reprova o documento proposto a debate por ser «um decalque, sem novidade nem imaginação, dos programas dos Governos constitucionais anteriores».

Quanto ao PCP, rejeita-o porque «vários dos mais importantes departamentos, designadamente o MAP, foram confiados a personalidades cujas filiações e posições políticas ou ligação directa a interesses económicos de classe provocam sérias dúvidas acerca da orientação democrática e da isenção na sua acção governativa», e por anunciar no seu programa «a aceleração da

Por último, a moção do CDS, que não apresenta razões, rejeita o programa do Governo, e pronto.

### DUAS VIAS CONVERGENTES E UMA DIVERGENTE

PS e CDS, através das intervenções dos seus representantes em S. Bento, aplaudiram-se mutuamente e convergiram, sob o manto diáfano da crítica a um Governo sem base de partidos e sem apoio parlamentar, em alguns objectivos fundamentais.

PS, por um lado, a assentar mais as suas baterias sobre Belém do que sobre Nobre da Costa, e CDS, por outro, a

criando, dentro dos princípios da estratégia do «balancê», tão cara aos oscilantes maquiáveis da Rua da Emenda, condições para uma nova aliança entre o PS e a direita, na fórmula já desacreditada PS/CDS ou naquela outra, mais ampla e devastadora, denominada «convergência democrática» (PS, CDS e PSD, se forem feitas concessões compensadoras aos sá-carneiristas, susceptíveis de os desengodar da perspectiva lucrativa de novas eleições).

O pior é se o voador se estatela. Nesse caso, o PS, que já congelou o socialismo, pode muito bem, com a voca-

## E se as moções cruzadas não derrubam o Governo?

E o Governo, com três moções de rejeição na Mesa — portanto uma real maioria de oposição ao seu Programa, ainda que por diferentes motivos insistirá em ser Governo? «Vamos ter de ponderar», disse o ministro adjunto do Primeiro-Ministro, dr. Costa Freitas, elemento indicado pelo Executivo para as relações com a Assembleia

e os Partidos. A sessão iniciara-se havia já algumas horas. As três moções já tinham sido lidas publicamente e aceites pela Mesa. Os discursos, no geral contundentes e críticos para com o Programa, já se sucediam uns aos outros. Nenhum favorável ao Executivo. Costa Freitas saíra para «respirar» e falou nos

Passos Perdidos com o repórter do «Diário de Lisboa». Segundo garantiu o ministro adjunto do Primeiro-Ministro, o Governo só na Assembleia tomara conhecimento das três moções. Ficavam ainda de pé hipóteses matemáticas de o Programa passar desde que todos os partidos e recusassem a

votar em consonância com outros as moções apresentadas. Seria uma situação especial de a maioria rejeitar o Governo mas este poder governar. Costa Freitas comentou: «Perante esta situação nova o Governo vai ter de ponderar. Vamos estudar a situação e tirar daí as conclusões que entendermos mais úteis.»

## O texto das moções

As três moções ontem apresentadas na Assembleia da República são do seguinte teor:

### MOÇÃO DO PS

« — Considerando que o Governo Nobre da Costa foi constituído numa lógica de marginalização dos partidos políticos, altamente inconveniente numa democracia pluripartidária como a nossa, e que não serve o País nem a democracia; — Considerando que a equipa heterogênea que se conseguiu formar, com personalidades ditas independentes, não dá ao País quaisquer garantias de uma política governativa coerente nem, portanto, de eficácia;

— Considerando que o Programa apresentado constitui no essencial, um decalque, sem novidade nem imaginação, dos Programas dos Governos Constitucionais anteriores — os quais foram elaborados num contexto partidário e para governos de legislatura, quando o Governo Nobre da Costa não dispõe de qualquer apoio parlamentar e tem, à partida, um horizonte temporal muito limitado;

— Considerando, finalmente, que as poucas notas inéditas do referido Programa são meras concessões oportunistas, à direita ou à esquerda, sem coerência global nem pensamento próprio;

— O Grupo Parlamentar do PS propõe à Assembleia da República a rejeição do programa do Governo Nobre da Costa, nos termos e com as consequências do Art.º 195.º da Constituição».

### A MOÇÃO DO PCP

« 1. Considerando que na composição do Governo do Primeiro-Ministro Nobre da Costa, vários dos mais importantes departamentos, designadamente o MAP, foram confiados a personalidades cujas filiações e posições políticas ou ligação directa a interesses económicos de classe provocam sérias dúvidas acerca da orientação democrática e da isenção na sua acção governativa;

2. Considerando que tal Governo anuncia no seu Programa a aceleração da recuperação capitalista, latifundista e imperialista, salientando-se medidas contra os interesses dos trabalhadores e demais classes laboriosas, as indemnizações, medidas contra a Reforma Agrária e as nacionalizações e a submissão passiva às exigências do FMI,

Nestes termos, apreciada a composição e o Programa, Ao abrigo e para os efeitos do disposto nos artigos 195.º e 198.º da Constituição, a Assembleia da República delibera REJEITAR o Programa do Governo apresentado pelo Primeiro-Ministro Nobre da Costa».

### A MOÇÃO DO CDS

«Nos termos do n.º 3 do artigo 195.º da Constituição, o Grupo Parlamentar do CDS apresenta o seguinte:

**PROJECTO DE RESOLUÇÃO**  
(Moção de rejeição do programa do Governo)  
**A Assembleia da República rejeita o programa do III Governo Constitucional».**

## DO GOVERNO NOBRE DA COSTA TRÊS MOÇÕES DE REJEIÇÃO

## PERGUNTA DO "DL":

**"O Governo passa, dr. Zenha?"**

## RESPONDE O "LEADER" DO PS:

**"Matematicamente possível mas não provável"**

«Matematicamente possível, mas não provável» — respondeu Salgado Zenha, «leader» parlamentar do Partido Socialista à pergunta que ontem lhe formulou o «DL»: «O programa do Governo passa?»

Conjugada esta resposta com o aditamento que o mesmo dirigente socialista nos formulou, ou seja, que interessam nas moções de rejeição os seus objectivos e menos os considerandos, dá-se como certa a morte à nascerça do Governo dirigido por Nobre da Costa e formado por iniciativa presidencial, à margem dos Partidos representados na Assembleia da República.

Apresentadas três moções de rejeição (Ver a crónica parlamentar), as do PS e do PCP com diferentes considerandos justificativos e a do CDS propondo, tão só, a rejeição, sem considerandos de qualquer espécie, defende fundamentalmente do Partido Socialista que uma delas reúna a maioria absoluta exigida para a rejeição do Programa. Ouvimos a propósito Salgado Zenha e disse-nos o deputado do PS que o seu partido ainda não tinha decidido o modo de votar as outras moções.

«Só agora tomámos conhecimento delas — disse Zenha. Vai depender da reunião do Grupo Parlamentar e do secretário-geral, Mário Soares, mandatado pela Comissão Nacional do Partido Socialista, a decisão definitiva».

Da conversa julgámos perceber, até, a possibilidade, se necessário, de o PS votar a rejeição proposta pelo Partido Comunista. Isto sempre baseado na afirmação de Zenha que o que conta em termos práticos é o objectivo das moções e só secundariamente, os considerandos.

Por outro lado a moção dos centristas não contém considerandos. Daí outra pergunta a Zenha:

— «A moção do CDS não pretende arrastar o PS de modo a que o seu partido a possa votar, sem causar grandes estragos no Grupo Parlamentar ou irritação nas bases?»

«As motivações internas do CDS não as conhecemos. Mas também não nos preocupam muito. Interessa, sim, que apresentadas as moções e

seguindo-se o debate este contribua para a formação da vontade democrática da Assembleia e para o voto em conformidade». — E no caso provável de os votos conjugados do Partido Socialista e do CDS contribuírem para derrubar o Governo tal voto será mais uma achega para a recomposição do acordo entre os dois partidos e a consequente formação do IV Governo, pelo PS e o CDS?

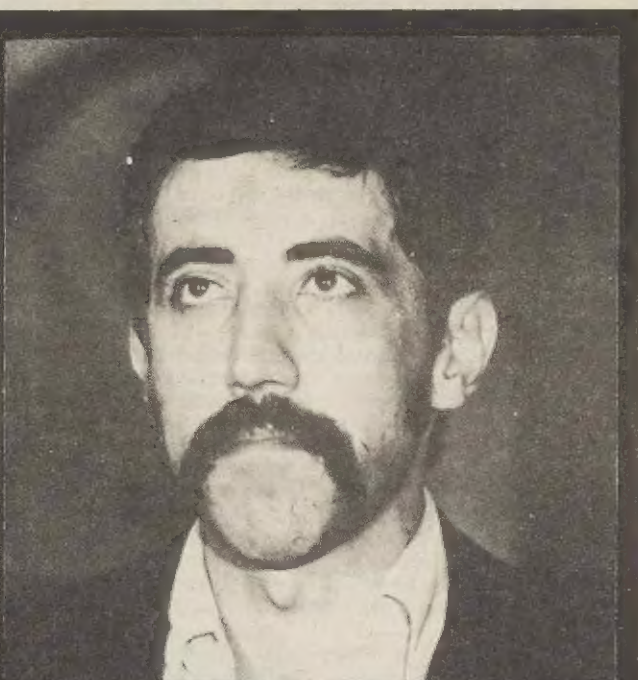
«Se o Governo não passar devido aos votos do PS e do CDS — respondeu, ainda, Salgado Zenha — não é lícito tirar outras conclusões que não as previstas na Constituição, ou seja, a rejeição do Programa. Aliás, o I Governo socialista caiu por efeito dos votos conjugados dos outros partidos. Puderam juntar-se para derrubar o Governo, sem que se juntassem, depois, para apresentar uma alternativa ao Governo derrubado. Além disso não há que contar só com os partidos. Há um segundo elemento a ter em conta, a vontade do Presidente da República. Mas eu estou certo que os partidos e Presidente da República saberão encontrar as opções que interessarem à democracia para sairmos da crise».

Salgado Zenha dar-nos-ia uma outra indicação sobre o futuro do Governo do eng. Nobre da Costa, ao comentar que, derrotado ou não na Assembleia, teria sempre tendência para funcionar como Governo de Gestão.

«Até pode acontecer que exerça essa gestão melhor como Governo de transição do que como Governo no pleno exercício das suas funções políticas e administrativas».

Acrescente-se a estas declarações do dr. Salgado Zenha a informação de que o CDS admite, oficialmente, a possibilidade de votar a moção de rejeição do Partido Socialista (aliás, a que primeiro será submetida ao Parlamento, por ter sido a primeira a entrar na mesa). Isso mesmo confirmou à Anop o deputado Oliveira Dias que explicou essa possível votação no facto de «os considerandos da moção do PS não contradizem os pontos de vista do CDS».

Ou seja: este Governo é mesmo para cair.



## SÓ RESISTIRAM CINCO Barreiros "afugentou" o CDS

Acácio Barreiros subia a tribuna para a sua primeira intervenção nos debates sobre o Programa do Governo Nobre da Costa e a reacção do CDS foi imediata: tudo desertou das bancadas da direita.

Os deputados do grupo de Freitas do Amaral levantaram-se instintivamente e retiraram-se do hemiciclo para continuar lá fora as conversas de bastidor em que a sessão parece estar a ser rica. Ficaram na bancada do CDS apenas cinco deputados, um deles o «independente» Galvão de Melo.

Mas também do PS saíram as figuras gradas, nomeadamente o ex-primeiro-ministro Mário Soares. Ouça advinhou as críticas duras e habituais do deputado da UDP ao comportamento e actuação do Governo de Junto, so alimentado durante seis meses pela momentânea conjugação de interesses do PS e do CDS.

## Rui Pena e Veiga de Oliveira

Nas passeatas e conversas de bastidor — ontem nem deu para intervalo, momento particularmente apreciado pelos repórteres e pelos deputados interessados em mostrar-se — despertou particular curiosidade a longa conversa, sempre em movimento, do ex-ministro Rui Pena, do CDS, e do dirigente do PCP, Veiga de Oliveira.

Por lá andaram, a sós, no corredor ao fundo, conversando como se momentos antes não tivesse subido de tom a troca de mimos entre as bancadas comunista e centrista, imediatamente após a intervenção do prof. Freitas do Amaral.

O que se sabe sim, é que a conversa era o contraste mais vivo possível com a batalha verbal de Vital Moreira, Veiga de Oliveira e Carlos Brito com o chefe centrista Freitas do Amaral, verdadeiramente o momento mais animado das seis longas horas de sessão parlamentar.

Mais agreste e em tom para ser ouvida até por ouvidos menos sensíveis, era a discussão de Vital Moreira com António Guterres, um economista de serviço no PS, e António Campos, até há pouco secretário de Estado no controverso MAP do discutido Luís Sáias. Reforma Agrária era, evidentemente, o

tema. Só que nenhum dos interlocutores parecia deixar-se facilmente convencer pelos argumentos alheios, ainda que aduzidos num tom a dispensar altifalantes.

Um mano-a-mano Vital Moreira/Freitas do Amaral foi o momento mais vivo da primeira sessão.



## LONDRES 1 SEMANA

### FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS em avião especial TAP:

**SÉRIE «A» Domingos**  
Agosto 6, 13, 20, 27  
Setembro 3, 10, 17, 24  
Outubro 1, 8, 15, 22, 29

**SÉRIE «B» 5ªs feiras**  
Agosto 3, 10, 17, 24, 31  
Setembro 7, 14, 21, 28  
Outubro 5, 12, 19

**SÉRIE «C» 3ªs feiras**  
Agosto 1, 8, 15, 22, 29  
Setembro 5, 12, 19

Preços excepcionais desde 6.650\$

\* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas do Abreu".

### PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

**abreu**

fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade 160. Telef. 371341

PORTO Av. dos Aliados 207. Telef. 317921

COIMBRA Rua da Sora 2. Telef. 27011/2

FARO Rua Cons. Bivar 65. Telef. 25035/6

FUNCHAL Rua do Górgulho 1. Telef. 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

## MORADORES DA LINHA DE SINTRA

Da Estação do Rossio, continuam a partir e chegar comboios que servem os utentes da Linha. Do Rossio, mas no n.º 85, chegam e saem todos os dias, satisfeitos com os preços de saldo do TOP ROSS, moradores, ou não, na linha.

As Florestas são uma riqueza nacional.

Compele a todos defendê-las e protegê-las.

Não faça queimadas.

**NÃO FAÇA LUME**

**PROTEJA AS FLORESTAS**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

## INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE LISBOA

R. CONSELHEIRO EMÍDIO NAVARRO — LISBOA-6

CONSELHO DIRECTIVO

## AVISO

AOS CANDIDATOS AOS CURSOS DE ENGENHARIA

As matrículas nos Bacharelados em Engenharia de:

decorrerão no mês de Setembro.

Estes cursos têm a duração de três anos lectivos, dando direito ao grau de BACHAREL EM ENGENHARIA — ENGENHEIRO TÉCNICO.

Para mais informações devem contactar a Secretaria deste Instituto.

INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE LISBOA

RUA CONSELHEIRO EMÍDIO NAVARRO

CHELAS

LISBOA-6

TELEFONE 38 52 15 — 38 52 16 — 38 52 17

CONSELHO DIRECTIVO DO ISEL, aos 6 de Setembro de 1978.

Pe'l'o CONSELHO DIRECTIVO

(Assin. ilegíveis)

PUB.

## Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local COMUNICADO

AO POVO PORTUGUÊS

A POPULAÇÃO DO BARREIRO

Os trabalhadores da Câmara Municipal e Serviços Municipalizados do Barreiro, por força da situação económica daquela Autarquia, têm visto os seus salários pagos tardiamente, não tendo no corrente ano recebido qualquer participação na assistência na doença.

Nomeadamente, nesta data, ainda não lhes foram pagos os salários do mês de Agosto.

Perante esta situação, dada a inexistência de fundos da Câmara Municipal do Barreiro, que possibilitem o pagamento dos seus salários, face a um constante aumento do custo de vida, perante a falta de resultados de diversas diligências efectuadas, os trabalhadores reunidos em plenário decidiram-se pela luta, tendo a sua organização sindical apresentado à Câmara Municipal do Barreiro, o seguinte pré-aviso de greve:

«Ao abrigo do disposto nos pontos 1 e 2 do art.º 5.º da Lei N.º 65/77, de 26 de Agosto, vimos por este meio avisar que os trabalhadores representados por este Sindicato da Câmara Municipal e Serviços Municipalizados do Barreiro, por falta de pagamento de ordenados, farão greve progressiva a partir do dia 13, inclusive, nos seguintes termos:

1. No primeiro dia, 4 horas, sendo 2 horas de manhã e 2 horas à tarde;
2. Após o primeiro dia de paralisação é aumentada uma hora por dia até à paralisação geral.
3. Não sendo afectados de imediato com a paralisação as horas de ponta, recolha de lixo, águas, saneamento, cemitérios e mercados».

Os trabalhadores da Câmara Municipal e Serviços Municipalizados do Barreiro conscientes de que a sua situação actual resulta primeiramente da inexistência da «Lei das Finanças Locais», conscientes da justiça que lhes assiste, certos da solidariedade de todos os trabalhadores, nomeadamente dos da Administração Local unidos em torno do seu Sindicato — o STAL responsabilizam as entidades competentes pelos prejuízos e mal-estar que a sua justa luta possa causar à população do seu Concelho.

QUE A NOSSA LUTA SEJA COMPREENDIDA, POIS O SEU MOTIVO É SÓ ESTE — NÃO PAGAM O NOSSO SALÁRIO.

Setúbal, 8 de Setembro de 1978.

A Secção Sindical do S.T.A.L.

(Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local)

## CONSTRUA O SEU NEGÓCIO DESDE 2700\$ POR MÊS

(Sem entrada inicial e com encargos bancários incluídos)

Importante Empresa Nacional tendo em curso um vasto plano de desenvolvimento de múltiplas actividades comerciais e também industriais, a curto e a médio prazo, proporciona a firmas e a pessoas singulares, meios directos para constituírem a sua própria base de trabalho, explorando, de conta própria ou não, os ramos de negócio que mais lhe interessarem, em vários pontos do País.

Assunto de extraordinário interesse para:

- Pessoas de qualquer sexo, idade, profissão, estado, posição social, e inclusive para quem pretenda iniciar um modo de vida, e também para os que em situação de reforma desejem uma ocupação rentável.
- Os que possam dispor mensalmente entre 2 700\$00 e 105 000\$00, de conformidade com a dimensão e o ramo de negócio pretendido.
- Residentes em qualquer ponto do País que queiram dedicar-se a sua própria actividade Comercial ou Industrial em tempo inteiro, ou nas horas vagas.
- Os que desejem assegurar uma situação futura num negócio pessoal, do qual serão os únicos proprietários.
- Proporcionar um meio de vida aos seus familiares, escolhendo o ramo de negócio que mais lhes convenha.
- Defesa, especialmente, das pequenas e médias poupanças dos que só pretendem investir solidamente, criando assim riqueza e contribuindo para o desenvolvimento nacional e ao mesmo tempo protegendo-se dos efeitos da inflação.

Assim, em condições inéditas em Portugal — num programa de pagamentos a vários anos de prazo — ao dispor dos interessados o acesso a criação dum negócio individual integrado numa gama de centenas de actividades comerciais, industriais e outras de iniciativa pessoal, com garantia de exclusividade total de exploração de acordo com o tipo de ramos pretendidos.

Os pedidos de informações dos interessados, serão atendidos pela ordem da sua recepção, devendo indicar as suas preferências: Comércio, Indústria; outras actividades pessoais ou só investimento puro.

Dirigir ao Apartado n.º 21005  
Referência: Serviços de MARKETING  
Lisboa-2

### NOTARIADO PORTUGUÊS

#### 1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua dos Douradores, 135 - 2.º

É fotocópia, extraída para efeitos de publicação da escritura de um do corrente mês, exarada desde folhas uma a folhas três, do livro número D-Dois mil seiscientos e onze, de escrituras diversas, de uma constituição de sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre Fernando Arouca Fortunato, Fernando Antonio dos Reis Pombo e Liberdade Adelaide Ferreira Reis Pombo, nos termos dos artigos adiante fotocopiados.

#### ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «FORPOM» — Comércio e Indústria de Peças de Automóveis e Materiais de Construção, Limitada, —, e a sua sede e estabelecimento, provisoriamente, na Rua Professor Sousa da Câmara, número cento e cinquenta e sete-A, loja, freguesia de Campolide, de Lisboa, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

#### ARTIGO SEGUNDO

O seu objecto e o comércio de peças de viaturas, materiais de construção e representações das mesmas, podendo exercer qualquer outra actividade que seja permitida por lei e acordada entre os sócios.

#### ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de trezentos mil escudos, inteiramente realizado, em dinheiro, já entrado na caixa social e correspondendo a soma de três quotas iguais de cem mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

#### ARTIGO QUARTO

É dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão de quotas, no

todo ou em parte a favor de um associado e para a divisão de quotas por herdeiros de sócios. A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com consentimento da sociedade.

#### ARTIGO QUINTO

Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral. Para a sociedade se considerar validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é necessária a intervenção de dois gerentes, excepto no acto de mero expediente em que será suficiente a de um só.

#### ARTIGO SEXTO

Os gerentes poderão delegar os seus poderes em quem entenderem por meio de procuração e da mesma forma a sociedade pode constituir mandatários para quaisquer fins.

#### ARTIGO SÉTIMO

Falecendo qualquer sócio, os seus herdeiros exercerão em comum, mas representados só por um deles, entre os mesmos escolhido, todos os direitos inerentes à respectiva quota, enquanto esta se mantiver indivisa.

#### ARTIGO OITAVO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com dez dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Lisboa, onze de Setembro de mil novecentos e setenta e oito.

#### O AJUDANTE

Alberto Vila Rodrigues

## RESTAURANTE antónio

Novamente com ar condicionado em pleno funcionamento.

Ao jantar continuamos servindo o nosso Fondue e Bife Flamejante.

Visite-nos quando do vosso aniversário e terá uma surpresa inesquecível.

RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 — TELEF. 53 87 80

# Partidos pronunciam-se sobre eleições de Mirandela

As eleições para a Câmara Municipal de Mirandela que se realizaram no passado domingo não constituem decerto uma amostragem clara das intenções de voto dos portugueses em 1978. O seu carácter estritamente local e os problemas pessoais que as envolveram impede extrapolações abusivas.

Mas, apesar disso, é indubitável que elas apontam algumas pistas, porventura ricas, nomeadamente sobre o futuro dos partidos que têm estado no Governo, o CDS e, principalmente o PS, que registaram votações anormalmente baixas, ficando este em último lugar, depois da APU.

Através de depoimentos de líderes partidários, caso de Meneres Pimentel, presidente da Comissão Política do PSD, o grande vencedor deste pleito eleitoral, ou dos gabinetes de imprensa dos principais partidos portugueses, o «DL» publica hoje uma primeira abordagem do significado e importância das eleições em Mirandela, aproveitando ainda para esclarecer questões relacionadas com a possibilidade de impugnação do acto eleitoral.

Aos quatro partidos representados no Parlamento pusemos as seguintes questões:

1. Considera que as eleições de Mirandela decorreram em condições de liberdade democrática e de igualdade para todas as listas?

2. Que comentários lhe merecem os resultados das eleições?

3. Considera que estes resultados têm significado que exceda o concelho de Mirandela e o distrito de Bragança?

4. Não estando actualizado o recenseamento eleitoral, como encara a possibilidade de serem impugnados os resultados eleitorais?

### MENERES PIMENTEL: «PSD É O MAIOR PARTIDO NO PODER LOCAL»

1. As eleições decorreram sem qualquer incidente de relevo. Todos os partidos ou associações políticas concorrentes não sofreram limitações quanto à sua propaganda eleitoral. Assim, existiu maior liberdade do que aquela verificada em outras alturas e outros momentos posteriores ao 25 de Abril.

2. Em 1.º lugar, importa tornar claro que, relativamente às eleições anteriores, o PSD conseguiu uma adesão muito superior aos seus objectivos sociais — democratas. Em valores absolutos, o PSD obteve mais cerca de 900 votos do que na eleição anterior.

Em 2.º lugar, as eleições evidenciaram uma descrença do eleitorado nas direcções políticas do PS e do CDS. Parece assim confirmar-se, como já escrevi para este jornal, que os sociais — democratas e os comunistas (os primeiros no Governo, os segundos na oposição) dominarão o panorama político dos anos 80. O PS e o CDS tornar-se-ão partidos de menor relevo.

Em 3.º lugar, as eleições revelaram um acréscimo da abstenção, que prejudicou o PSD. Contribuíram para este acréscimo as dificuldades de comunicação, sendo de lamentar que a distribuição das assembleias de voto não corresponda ao ordenamento habitacional.

Finalmente com estas últimas eleições de Mirandela, o PSD passa a ser o partido com o maior número de vitórias nas autarquias locais. Em sede de Poder Local, o PSD é hoje o maior partido.

3. Entendo que os resultados de Mirandela têm um duplo significado: — o PSD é o partido que hoje recebe o maior apoio e é aquele que melhor soube dinamizar o seu eleitorado. Assim, quando propusemos um maior reforço da actual obrigatoriedade do exercício do direito e do dever do voto, estávamos a tentar uma campanha cívica e democrática. Não era, não é, o PSD aquele que sofrerá mais com o não reforço daquela obrigatoriedade.

4. A não actualização do recenseamento não pode servir de fundamento a qualquer impugnação eleitoral, tal como foi reconhecido na proposta e lei recentemente aprovada na AR. Aliás é inútil tentar essa impugnação, pois o PSD voltará a vencer e com maior margem.

### PS: NÃO A ILAÇÕES NACIONAIS

Um responsável pelo Gabi-

nete de Imprensa do Partido Socialista, perante as questões postas pelo «DL», limitou-se a afirmar, à semelhança do que já o deputado Jorge Campinos fizera antes da realização do acto eleitoral, que as eleições concelhias naquela localidade transmontana não permitiam que se fizessem ilações de ordem nacional, porquanto elas tinham carácter marcadamente local.

Quanto às restantes questões, o referido elemento do PS recusou-se a adiantar quaisquer comentários.

### SIP DO PCP: APU DUPLICOU PERCENTAGEM DE VOTOS

1. O PCP e a APU protestaram repetidas vezes, quer através de estruturas locais, quer nacionais, contra as repetidas arbitrariedades, prepotências e ilegalidades verificadas ao longo da campanha eleitoral, e no período imediatamente anterior. A detenção e posterior aplicação de pesadas multas a cidadãos que participavam na propaganda eleitoral da APU; o boicote de sessões por caciques e arruaceiros e o boicote à cedência de salas; o desaparecimento «mistérios» de chaves das salas cedidas para sessões de propaganda; o arranque e destruição sistemático de cartazes da APU; as numerosas irregularidades cometidas durante o próprio acto eleitoral — chegando mesmo ao ponto de a urna ter sido substituída numa mesa de voto por um «caneco» de plástico (por sinal este facto verificou-se na terra do cabeça de lista do PPD) — criaram um clima de intimidação e restrição das liberdades que afectaram a igualdade democrática, a dignidade e a livre expressão da vontade do eleitorado. Anunciámos, aliás, publicamente o nosso apoio à decisão do «Povo Unido» de Mirandela de instaurar processos — crime a todos os violadores da ordem democrática que fosse possível identificar.

É, aliás, uma situação que não se verifica exclusivamente em Mirandela. Noutras regiões do país em que se verifica o domínio da reacção, como, por exemplo, nos Açores, a situação é a mesma, o que confirma a verdadeira natureza do PPD e do CDS.

2. O significado dos resultados eleitorais verificados em Mirandela só podem ser compreendidos à luz da comparação com os resultados anteriores. Assim, o PCP e, nas eleições para a Câmara, o Povo Unido, são as únicas forças que aumentam sempre o seu número de votos: 489

nas eleições para a Assembleia Constituinte, 530 para a Assembleia da República, 787 para a Câmara em Dezembro de 1976 e 1064 em Setembro de 1978. O PS, pelo seu lado, tem 3879, 3459, 2763 e 1029 respectivamente; o PPD tem 5530, 5162, 3118 e 4017 respectivamente; o CDS tem 2256, 3207, 3301 e 1128 respectivamente.

Nas últimas eleições, a APU não só sobe 277 votos em relação à votação do «Povo Unido» em Dezembro de 1976, como duplica a sua percentagem de votos.

É, assim, inadmissível que um órgão de informação estatizado como o «Diário de Notícias» venha atribuir o reforço do apoio da APU à abstenção. Por um lado, está por provar quem é mais afectado pela abstenção; por outro lado, o argumento é totalmente inválido dado que a APU não só duplicou a percentagem comoteve um grande aumento do número absoluto de votos.

Por outro lado é de destacar que o grande objectivo da campanha eleitoral da APU — levar a voz do Povo Unido à Câmara — foi alcançado com a eleição de um vereador, o que abre a possibilidade de uma maior fiscalização democrática e informação à população sobre a gestão incompetente que certamente o PPD vai prosseguir.

Em relação à votação do PPD, apesar de se traduzir num ganho efectivo, há três aspectos a assinalar: por um lado, foi o PPD que escolheu o momento e o pretexto para desencadear a crise da qual nasceu a necessidade de realização destas eleições; por outro lado, a deslocação de votos do CDS para o PPD resulta do facto de caciques locais que apoiavam o CDS passarem a apoiar o PPD e de este partido ter recolhido os votos que o CDS perdeu devido a uma gestão incompetente, caciqueira e completamente inoperante.

3. A realização de eleições locais num dos 304 municípios existentes no País não pode servir para tirar ilações que se possam mecanicamente transpor para a escala nacional.

No entanto, estas eleições, a par do seu significado local, não deixam de reflectir realidades que confirmam a justeza das análises do PCP.

A nível local, a derrota e o afundamento do CDS correspondem a um severo julgamento da sua gestão autárquica; o crescimento relativo do PPD deve-se ao facto de ter desencadeado a crise, servindo-se como pretexto da crítica a um estilo de gestão que é previsível

que não seja muito diferente daquele que o PPD vai fazer; o elevado crescimento relativo e absoluto da APU deve-se, por um lado, à deslocação do campesinato e de outras camadas da população de Mirandela para a esquerda, e por outro lado, ao espírito construtivo e unitário que tem caracterizado a acção do Povo Unido.

Estes resultados reflectem realidades a nível nacional: o crescente apoio do campesinato às forças democráticas e progressistas, como ponte da deslocação para a esquerda de amplas camadas médias da população; e o reforço da implantação, da influência e do apoio de massas do PCP e dos seus aliados mais próximos.

As votações da esquerda em Mirandela têm estado sempre muito abaixo da média nacional e as votações dos partidos de direita muito acima da média nacional: o Povo Unido teve 7% em Dezembro de 1976 em Mirandela contra 18% a nível nacional; e o PS teve 26% contra 33% a nível nacional. O PPD e o CDS obtiveram, pelo seu lado, 62% em Mirandela, contra 40% à escala nacional. Esta situação que se deve à dominação, opressão e obscurantismo dos caciques locais, como nesta campanha ficou amplamente provado, explica que encontremos nestes resultados a confirmação de que novas eleições gerais não só significarão nova derrota da reacção, como representarão um reforço do apoio e das posições do PCP.

Finalmente, pensamos que estas eleições são mais um motivo de reflexão para a direcção do PS sobre as consequências das suas alianças com a direita. Não são os democratas, e muito menos os comunistas, que estão interessados no enfraquecimento do PS. E se o PS resolver fazer uma política conforme com o seu Programa e estabelecer para isso as necessárias alianças, pode estar certo de que o seu apoio de massas crescerá.

4. As eleições em Mirandela não podem ser impugnadas com base na desactualização do recenseamento que actualmente existe, e que é válido por força da legislação eleitoral aplicável. Estamos tanto mais à vontade para o afirmar quanto foi por exclusividade iniciativa do PCP que a Assembleia da República aprovou a lei que regulará o novo recenseamento eleitoral.

De resto, os cidadãos não inscritos são sobretudo jovens e daí decorre que sejam as forças de esquerda e designadamente a APU, as forças políticas prejudicadas com tal desactualização.

## Ministro dinamarquês defende alargamento da CEE a Portugal, Grécia e Espanha

«O alargamento da CEE a Portugal, Grécia e Espanha é desejável, até se provocar dificuldades na política agrícola da Comunidade» — afirmou ontem, em Copenhaga, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca, em conferência de imprensa.

Por outro lado, sublinhou Henning Christophersen que também seria interessante, num plano económico e político, começar, paralelamente a este

alargamento, uma política mais aberta para com os países membros da EFTA.

Recorda-se que anteontem, e pronunciando-se também sobre a incorporação de facto e com todos os poderes, daqueles três países no Mercado Comum, o secretário-geral do PC italiano, Enrico Berlinguer, manifestou a mesma opinião que a do novo titular dos Negócios Estrangeiros dinamarquês.

## EMBAIXADOR DE CABO VERDE AO "DL" SOBRE COOPERAÇÃO

**"Apostamos no capital humano"**

O ensino e a formação profissional dos quadros cabo-verdianos têm merecido, por parte do Estado português, «um acarinamento especial e um apoio muito importante». Ambos os fenómenos se desenvolvem e verificam no âmbito dos Acordos de Cooperação estabelecidos entre Portugal e Cabo Verde, com resultados muito concretos para os bolseiros daquele jovem país africano de expressão portuguesa.

O embaixador de Cabo Verde em Lisboa, dr. Corsino Fortes, a quem pertence a expressão acima destacada, fez para o «DL» o ponto da situação, afluindo as questões mais importantes de toda a problemática e sua importância decorrente para o futuro do seu país. Teve não só palavras de reconhecimento relativamente ao Estado português, como para com a Fundação Calouste Gulbenkian, como de resto se observará nas declarações prestadas ao «DL», ontem, no gabinete de trabalho da Embaixada que chefia, no Restelo.

«Primeira preocupação dos nossos governantes na dinâmica do desenvolvimento socio económico do País», começou por declarar-nos o dr. Corsino Fortes, «o ensino e a formação profissional de quadros do meu país encontraram, por parte do Estado Português, um acarinamento especial e um apoio muito importante, que aqui nos cumpre sublinhar com apreço e realçar na sua devida proporção pelo papel que uma tal área de cooperação desempenha no alargamento e na consolidação das excelentes relações de cooperação e amizade existentes entre os dois Estados e respectivos Povos».

Há muitos cabo-verdianos no ensino superior português?

O repórter formulou a pergunta ao embaixador Corsino Fortes, e anotou a sua resposta, rápida e peremptória:

«Sim. No âmbito dos Acordos de Cooperação estabelecidos entre Portugal e Cabo Verde encontram-se a estudar nos vários estabelecimentos do ensino português largas dezenas de alunos cabo-verdianos, para cuja formação, ao nível superior, não dispomos ainda das infra-estruturas».

**CONTRIBUTO FINANCEIRO DO ESTADO PORTUGUÊS**

Insistimos na questão para apurarmos números concretos: Quantos estudantes cabo-verdianos há em Portugal? Quantos frequentam as Escolas Médias e as Escolas Superiores?

«Não temos dados exactos para responder à pergunta — observou o Embaixador Corsino Fortes —, na medida em que os registos de que dispomos só dizem respeito aos nossos bolseiros. No entanto, creio que deve andar entre 200 e 3000 o número de cabo-verdianos que frequentam em Portugal cursos superiores, com saliência para Medicina, Engenharia e Direito».

Já que tinham sido referidos números, e porque o embaixador cabo-verdiano aludiu à questão dos alunos-bolseiros, quisemos saber como (não propriamente questões de critério) se processava esse problema, e sobretudo quantos seriam os estudantes abrangidos por esse apoio. É óbvio que também o contributo financeiro do Estado português relativamente ao assunto foi referido.

O dr. Corsino Fortes não hesitou, e, depois de consultar seus apontamentos, afirmaria que «esse contributo tem vindo a ser alargado à medida que as nossas necessidades de formação de quadros aumentam». Mas não se quedaria nestas breves palavras e, não se coibindo de apresentar números, adiantaria ainda o embaixador de Cabo

Verde em Portugal que, para o ano activo de 78/79, «estão já garantidas 250 bolsas» que serão utilizadas não só e apenas para estudantes, como também para estagiários.

Reconstituindo a referida evolução na concessão de bolsas, ou «esse contributo que tem vindo a ser alargado», Corsino Fortes colocou em evidência, na progressão numérica apresentada, que em 75/76 tinham sido dadas 50 de 2500 escudos mensais, cifra que triplicará no último

contos), e de 900 contos para 77/78».

Igualmente abrangidos nesse louvor, digamos assim, seriam as Reitorias das Universidades e respectivas Faculdades e outras estruturas do ensino frequentadas por estudantes de Cabo Verde, que Corsino Fortes considerou como trabalhadores (futuros obreiros da «reconstrução nacional em que estamos de alma e coração empenhados», afirmou), bem como os professores daqueles.



ano lectivo (77/78), recebendo cada um dos 150 bolseiros a quantia de quatro mil escudos. Em 76/77 o total de bolsas foi de 75, à razão de 3000 por mês. «Nós, pelo nosso lado — acrescentou — apostamos no capital humano».

**CALOUSTE GULBENKIAN: «UM APOIO IMPORTANTE»**

A articulação entre a missão diplomática cabo-verdiana em Lisboa e o Gabinete Coordenador para a Cooperação, dependente do Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país, foi outra das muitas questões abordadas com ligeireza, o que não se verificaria, por exemplo, em relação à Calouste Gulbenkian.

Aqui, e sobre a instituição, o dr. Corsino Fortes foi vibrante. Aliás, já ao reportar-se ao contributo financeiro do Estado português quanto a bolsas de estudo, o diplomata cabo-verdiano lembrou a Gulbenkian:

«Cabe-me ainda evidenciar — sublinhou — o valioso contributo que nesse sector temos vindo a receber da Fundação Calouste Gulbenkian. Para referir o apoio mais recente da prestígio instituição, com a qual mantemos as melhores relações, direi que, para financiamento de bolsas de estudo a favor de estudantes nossos, a Fundação concedeu-nos, amavelmente, um subsídio de 750 contos no ano lectivo de 76/77 (no ano anterior essa participação fora de 500

**BOLSAS DE ESTUDO: RESULTADOS PRÁTICOS**

Ora (e transpusemos o diálogo para outro aspecto concreto de toda esta motivação), os acordos de cooperação, indistintamente na sua área, produzem os seus resultados. O da formação profissional de quadros e ensino, naturalmente, terá os seus, como boa semente que é. Até ao presente, que há de precioso?

O Embaixador cabo-verdiano manuseou os dados colhidos nos Serviços Culturais, onde se

refere que, no último ano lectivo, concluíram os seus estudos em Portugal os seguintes quadros (na sua maioria bolseiros subsidiados pela cooperação com Portugal): 29 engenheiros (14 civis, 8 electrotécnicos, 4 agrónomos e 3 de máquinas), 15 médicos, 7 preparadoras de análises, 5 juristas, 3 contabilistas 3 licenciados em Filologia Românica, e 1 economista.

Também aqui se verifica uma acentuada progressão relativamente ao ano anterior, o que justifica, numa outra dimensão, o aumento de bolsas entre 76/77 e 77/78. Recordar-se que, e ainda de acordo com os dados de que dispunha o dr. Corsino Fortes, nos anos lectivos de 75/76 e 76/77 o número de quadros formados foi o seguinte: 6 engenheiros (1 agrônomo, 1 de máquinas, 1 geógrafo e 3 civis), 5 economistas, 5 regentes agrícolas, 3 médicos e 1 enfermeira.

**RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO COM OUTROS ESTADOS**

Mas, não julgue o leitor que Cabo Verde só dispõe ou conta com o apoio de cooperação com Portugal. O repórter do «DL» pôs a pergunta ao seu representante diplomático em Lisboa, e quis saber quais os outros países com os quais Cabo Verde tem acordos de cooperação ou contribuições neste domínio específico. E registou:

«Não é o Estado Português o único onde formamos os nossos quadros técnicos. Com efeito, e na esteira do princípio de abertura do nosso país relativamente a todos os países do mundo, dispostos a cooperar em pé de igualdade e respeito pela soberania nacional, nós temos vindo a manter relações de cooperação e amizade com outros Estados que, no domínio do ensino e da formação profissional também nos têm apoiado».

«Assim (prosseguiu o dr. Corsino Fortes), em vários países da Europa, da África e também da América contamos com um número muito razoável de alunos que ali seguem os seus estudos superiores com bolsas subsidiadas pela cooperação com esses mesmos países. Mas, não há dúvida de que, no sector da cooperação no ensino e na formação profissional, Portugal ocupa o primeiro lugar entre os países amigos que nos ajudam, o que, aliás, se justifica pela existência de laços históricos que nos unem e pela comunhão de valores culturais que informam as nossas duas sociedades».

(Declarações recolhidas por JÚLIO RODRIGUES)

**PC de P (m-l) contra CDS sobre Governo de Macau**

O Partido Comunista de Portugal (Marxista-Leninista), conhecido pela sua minuscularidade e pelas suas ligações e apoio à China — e também pelas posições em favor da direita e dos contra-revolucionários que sempre assumiu ao longo da sua existência — surge-se, e isso espantará muita gente, contra o facto de o Centro Democrático Social ter pedido recentemente a substituição de Garcia Leandro no Governo de Macau.

«O CDS prepara uma manobra reaccionária» para aquele «Território chinês, sob administração portuguesa» — diz o PCP(ML) que acusa o antigo ministro da reforma administrativa, o centrista Rui Pena, de se ter oposto a reconhecer Macau como território da China, «me-

ramente administrado por Portugal», visando assegurar aos «centristas» de Macau «o controlo da administração».

Depois de referir que a actual posição do CDS se opõe à «posição lúcida adoptada sobre esta questão pelo dirigente do CDS, Sá Machado, quando ministro dos Negócios Estrangeiros», o partido de Eduardo Vilar declara que Garcia Leandro apenas é mal visto pelos activistas do CDS, sendo inadmissível independentemente da escolha de outro governador — que a sua administração seja considerada pelos «centristas» como «a pior de toda a história» de Macau, porque «isso é o mesmo que afirmar que o CDS preferia os governadores nomeados por Salazar».

**AVISO****EMIGRANTES**

AS FÁBRICAS DE MOVEIS

**CONFIANÇA E DARTY**

FABRICAM E VENDEM DIRECTAMENTE OS SEUS MÓVEIS

**POUPE 40%**

VISITANDO OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO

R. LUCIANO CORDEIRO, 18-A — TEL. 57 35 21 — LISBOA  
AV. 5 DE OUTUBRO, 55 — TEL. 54 68 60 — LISBOA  
AV. 25 DE ABRIL, 45 — TEL. 276 99 01 — ALMADA  
R. CONCEIÇÃO SAMEIRO ANTUNES, 13  
COVA DA PIEDADE — Junto ao Pão de Açúcar  
LARGO DA GRAÇA, 28 — TEL. 87 33 60 — LISBOA  
R. REINALDO FERREIRA, 6-A — TEL. 80 24 75 — LISBOA  
R. ELIAS GARCIA, 25 — TEL. 97 65 97 — V. NOVA  
— AMADORA  
R. GUILHERME GOMES FERNANDES, LOTE 13  
TEL. 91 73 36 — ODIVELAS  
AV. S. JOSÉ, LOTE 1 — TEL. 251 00 29 — SACAVÉM  
R. PALHA BLANCO, 73 — TEL. 09 32 20 81  
— VILA FRANCA DE XIRA  
FEIRA POPULAR DE LISBOA  
PAVILHÃO DE EXPOSITORES

**3 MARAVILHOSOS CRUZEIROS**

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete

**"FUNCHAL"**

Classe única • Serviço de 1.ª cl.

MEDITERRÂNEO - 1 semana

TANGER-ARGEL-IBIZA-MELILLA-CEUTA

1.ª Cruz. 1 a 8/OUT (quase esgotado)

2.ª Cruz. 17 a 24/OUT/78

Preços  
excepcionais  
desde**10.600s**

MARROCOS E PORTOS FRANCS

CASABLANCA-TANGER-GIBRALTAR

De 27/OUT a 1/NOV/78

Preços  
excepcionais  
desde**7.900s**ISENTOS DE AVERBAMENTO NO PASSAPORTE  
UMA OPORTUNIDADE ÚNICA! LUGARES LIMITADOS!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921

COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2

FARO - R. Cons. Bivar, 65 - Tel. 25035/6

fundada em 1840 FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

**SEBASTIÃO DA GAMA**

COOPERATIVA DE ENSINO

CICLO  
GERAL  
COMPLEMENTAR  
PROPEDÉUTICOMANHÃ  
e  
NOITEAv. Almirante Reis, 106 - 1.ª, Esq.ª — LISBOA  
TEL. 822776 - 823531 — Metro ARROIOS**QUARTOS — PRECISAM-SE**

Estudantes cooperantes para Angola e Moçambique procuram habitação em ambiente familiar.

Resposta a este jornal ao n.º 1291.

**BACALHAU A 100\$00**

Não é tanto assim, mas...

Camisas a 150\$00 e Calças a 200\$00, são um pouco, como o custo do fiel emigo, se este fosse aquele preço. Mas há mais, Saias a 200\$00, Blusas a 150\$00 etc. TOP ROSS

Rossio 85 Telf. 365018

PUB.

# COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL DO CCTV — TRANSPORTES RODOVIÁRIOS A TODOS OS TRABALHADORES DO SECTOR ACTV — RODOVIÁRIA NACIONAL — INFORMAÇÃO N.º 6

A Comissão Negociadora Sindical informa que se chegou finalmente a acordo sobre a tabela salarial e reembolso das refeições tomadas em deslocações, mantendo-se, no entanto, o impasse quanto aos retroactivos.

De salientar que os valores atingidos estão muito próximos da tabela proposta pela C.N.S., tendo sido inclusivamente ultrapassados em casos pontuais, o que demonstra o grande realismo da proposta sindical. Assim, de um modo geral, obtiveram-se aumentos de cerca de 1400\$00 em relação à tabela em vigor, conseguindo-se ainda à mesa das negociações a correcção de algumas categorias anteriormente desfavorecidas.

A tabela salarial será paga a partir deste mês de Setembro, abrangendo para o efeito as horas extraordinárias feitas a partir de 1 de Setembro.

Em matéria de retroactivos não houve ainda acordo entre a C.N.S. e o Conselho de Gerência da R.N. dado que este não vai além da data de 1 de Junho para a produção de efeitos da tabela salarial, enquanto a C.N.S. defende, no mínimo, a data de 1 de Maio. Não querendo a C.N.S. protelar por mais tempo a publicação das tabelas salariais, porque isso acarretaria prejuízos no futuro para os trabalhadores — pois a Convenção só produz efeitos a partir da sua publicação — acordou em negociar esta matéria no prosseguimento das negociações, não abdicando, no entanto, da data de 1 de Maio. Entretanto ficou assegurado que o pagamento dos retroactivos se fará de uma só vez (e não em prestações) até 31 de Março de 1979.

O quantitativo a reembolsar pelas refeições tomadas quando em deslocação será provisoriamente, a partir do dia 7 de Setembro, de 100\$00, mantendo-se para as refeições tomadas na base o actual regime. Efectivamente, o subsídio de refeição será revisto em definitivo quando da negociação do restante clausulado. A negociação dum valor mais alto implicaria a revisão de toda a cláusula 24.ª, cláusula esta que terá de ser discutida pelos trabalhadores em Plenários a realizar oportunamente, razão pela qual se acordou, a título provisório, este regime.

## PRIVADOS

Tal como estava previsto, realizou-se uma reunião da Comissão Negociadora Sindical com a Comissão Patronal, no passado dia 7, no Ministério do Trabalho, reunião esta que o patronato aproveitou para manobras de diversão e boicote às negociações, teimando numa suposta impossibilidade de negociar conjuntamente, ao mesmo tempo que se afirmavam mutuamente solidários quanto às respectivas contrapropostas.

A C.N.S. alerta todos os trabalhadores para a necessidade de acompanharem a próxima reunião do dia 12 de Setembro com unidade e mobilização, pois lutará intransigentemente pela proposta apresentada no sentido de conseguir um contrato igual para todos os trabalhadores rodoviários.

PELA MANUTENÇÃO DAS REGALIAS SOCIAIS E CONDIÇÕES DE TRABALHO!

PELA GARANTIA DO DIREITO AO TRABALHO E SEGURANÇA NO EMPREGO!

PELA DEFESA DO NOSSO PODER DE COMPRA!

Lisboa, 11 de Setembro de 1978

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

## ACTV — R.N. tabela salarial

| Grupos          | Categorias Profissionais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I — 13 000\$    | Chefe de Movimento / Chefe de Secção / Encarregado Metalúrgico / Encarregado Electricista / Encarregado Refeitório / Secretário de Direcção / Enfermeiro Coordenador / Programador 1.º ano / Operador de Computador I / Operador de Registos Principal / Controlador.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| II — 12 000\$   | Chefe de Equipa / Chefe de Estação A / Rececionista ou Atendedor de Oficinas / Encarregado de 1.ª classe (C.C.) / Chefe de Recepção (RC) / Prospector de Vendas (RC) / Caixa Encarregado / Encarregado de Armazém / Inspector de Vendas / Monitor.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| III — 11 500\$  | Fiscal / Expedidor / Chefe de Estação B / Escriturário de 1.ª classe / Escriturário com funções de Secretariado / Caixa / Caixa de 1.ª classe / Programador de Manutenção / Encarregado de 2.ª classe (C.C.) / Técnico de Electrónica / Correspondente em línguas estrangeiras / Estenodactilógrafo em línguas estrangeiras / Enfermeiro / Cozinheiro de 1.ª classe / Preparador / Operador de Computador — 2 anos / Operador de Registos + 2 anos / Chefe Central.                                                                                                                                                |
| IV — 11 000\$   | Metalúrgico oficial de 1.ª (Bate-chapas, canalizador, ferreiro, forjador, mecânico de automóveis, pintor de automóveis ou máquinas, serralheiro civil, serralheiro mecânico, soldador, operário de máquinas-ferramentas, carpinteiro de limpos, carpinteiro de moldes ou modelos, polidor, estofador, carpinteiro de estruturas metálicas e estruturas de máquinas, funileiro-latão, rectificador e torneiro mecânico) / Electricista (+ 3 anos) / Fiel de armazém (+ 1 ano) / Vulcanizador especializado / Vendedor especializado / Prospector de Vendas / Promotor de Vendas / Operador de Registos II — 2 anos. |
| V — 10 700\$    | Encarregado de Estação (a) / Chefe de Despachantes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| VI — 10 500\$   | Escriturário de 2.ª / Gravador-Verificador mecanográfico / Operador de Máquinas de Contabilidade / Estenodactilógrafo em língua portuguesa / Operador de Telex / Cobrador (Esc.) / Cozinheiro de 2.ª classe / Económico / Auxiliar de Enfermagem / Demonstrador / Caixa de 2.ª classe / Vendedor / Praticante / Conferente / Viajante / Oficial de Construção Civil de 1.ª classe / Empregado de Serviços Externos / Rececionista estagiário (RC) / Recebedor.                                                                                                                                                     |
| VII — 10 340\$  | Motorista de Pesados / Motorista de Tractores, Empilhadores e Gruas / Oficial Metalúrgico de 2.ª classe / Apontador (+ 1 ano) / Electricista — 3 anos / Despachante / Coordenador / Preparador-Transportador / Encarregado de Estação (b) / Responsável de Cargas e Descargas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| VIII — 10 100\$ | Encarregado de Garagem / Anotador-Rececionista / Oficial de Construção Civil de 2.ª classe / Costureiro de Estofos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| IX — 9 940\$    | Cobrador-Bilheteador / Bilheteador / Motorista de Turismo / Motorista de Ligeiros / Electricista pré-oficial de 2.º ano / Caixa de Balcão / Entregador de Ferramentas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| X — 9 500\$     | Telefonistas / Encarregado de Cargas e Descargas / Conferente (merc.) / Empregado de Mesa de 2.ª classe / Empregado de Balcão / Empregado de Snack-Bar / Empregado de Mesa de Self-Service / Cozinheiro de 3.ª classe / Dispenseiro / Distribuidor / Embalador.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| XI — 9 400\$    | Ajudante de Motorista / Guarda / Porteiro / Contínuo (+ 21 anos) / Electricista pré-oficial de 1.º ano / Lavadeiro ou Lavandeiro oficial de 1.ª classe / Fiel de Armazém — 1 ano / Entregador de Ferramentas de 2.ª classe / Apontador — 1 ano / Vulcanizador / Lubrificador / Chefe de Grupo / Manobrador-Engatador / Manobrador de Máquinas (Com.).                                                                                                                                                                                                                                                              |
| XII — 9 000\$   | Motorista de Táxi e Letra A / Servente / Carregador / Montador de Pneus / Lavador / Abastecedor de Carburantes / Operário não especializado / Estagiário do 3.º ano / Empregado de Refeitório / Copeiro / Caixa Ajudante / Repositor / Lavadeiro ou Lavandeiro de 2.ª classe.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| XIII — 8 250\$  | Servente de Limpeza / Praticante de 2.º ano / Estagiário de 2.º ano / Contínuo — 21 anos / Ajudante de Electricista 2.º período / Ajudante de Lubrificador.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| XIV — 7 750\$   | Praticante de 1.º ano / Ajudante de Electricista / Estagiário de 1.º ano.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| XV — 7 000\$    | Praticante de Bilheteador / Praticante de Cobrador-Bilheteador / Praticante de Despachante / Auxiliar Menor.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| XVI — 6 200\$   | Paquete (17 anos)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| XVII — 5 700\$  | Aprendiz Metalúrgico 4.º ano / Pacote (16 anos)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| XVIII — 5 200\$ | Paquete (15 anos) Aprendiz de electricista 2.º período.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| XIX — 4 700\$   | Aprendiz Electricista 1.º período / Aprendiz Metalúrgico 3.º ano / Aprendiz Metalúrgico 2.º ano / Aprendiz Metalúrgico 1.º ano.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| XX — 4 200\$    | Aprendiz Metalúrgico 2.º ano / Aprendiz Metalúrgico 1.º ano.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| XXI — 3 700\$   | Aprendiz Metalúrgico 1.º ano.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

(a) — Abrange os trabalhadores das Estações Lisboa - Santa Apolónia, Porto - Campanhã e Satrãoamento

(b) — As restantes Estações.

NOTA. CHEFE DE ESTAÇÃO A e B — A definição desta categoria profissional será feita conjuntamente com R.N., Sindicatos e S.C.T.E.R.N.

## AINDA O CONGRESSO DE CRIMINOLOGIA

# A comunicação do MPCDDR às delegações participantes

O MPCDDR (Movimento para a Prevenção Criminal Defesa dos Direitos dos Reclusos) justificou a sua criação, na comunicação apresentada pelo seu dirigente Ribeiro Teles às delegações dos países participantes no VIII Congresso Internacional de Criminologia, que na pretérita semana decorreu na Calouste Gulbenkian, como «alternativa à incapacidade dos poderes públicos para a prevenção do crime, que se limita (presentemente) a ser de carácter repressivo e punitivo».

Revelando aos congressistas os objectivos do MPCDDR, Ribeiro Teles apontou a revisão «dos conceitos de culpa, pena e

recuperação à luz do desenvolvimento das Ciências Humanas», e «exercer junto das entidades oficiais competentes as acções consideradas necessárias e oportunas para a prevenção da criminalidade». Outras intenções do «Movimento»: conciliar a população do país para a responsabilidade colectiva do preceituado no Código Penal e na Organização Prisional de 1936, sobretudo no que representam de desvinculação à Constituição e à Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Retendo algumas experiências que antecederam a criação do «Movimento», Ribeiro Teles referiu a realização de um ciclo

de Dinamização Sociocultural em dois estabelecimentos prisionais que conseguiu alterar o «statu quo». Indo mais longe, aquele impulsor do MPCDDR salientou a «reação opositora da maioria dos directores das cadeias penitenciárias e colónias penais», por aquele ciclo ter desencadeado o «desmascaramento de um tratamento penitenciário errado».

Por último, o representante do MPCDDR apelou no sentido de todas as delegações estrangeiras estreitarem os «laços de colaboração, quer teórico, quer material e prático».

## Prevenção da criminalidade Tratamento ou repressão?

«A punição não pode dissuadir o deficiente mental, que é incapaz de apreciar o perigo que corre. Não pode dissuadir o insano, cuja mente é deformada de mais para raciocinar. Não pode dissuadir o anti-social, que está em guerra contra a sociedade e a quem o perigo não dá senão agradável gosto pela competição. Não pode dissuadir o ponderado e deliberado, pois ele não tem a menor intenção de ser apanhado. Não pode dissuadir o impulsivo, pois o impulso é sempre mais rápido que a razão.»

George Kirchwey

Com a citação de um dos mais competentes e progressistas responsáveis pelos presídios americanos, George Kirchwey e retirada do cabeçalho da Comunicação endereçada, pelo Movimento para a Prevenção da Criminalidade e Defesa dos Direitos dos Reclusos, às delegações dos países participantes no VIII Congresso Internacional de Criminologia, e de que publicamos, à parte, um extracto, iniciamos uma breve análise deste Congresso realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, e que terminou no passado dia 9, após um trabalho de quatro dias, distribuído por várias secções, nomeadamente, Criminogénese, Prevenção, Tratamento, Delinquência Juvenil, Vitimologia e Administração Judicial.

Com a presença de cinquenta e seis países, num total de mil congressistas, dos quais setecentos e quarenta como participantes efectivos, foram analisadas, a nível internacional, as causas da criminalidade sem que, contudo, tenha havido a coragem de aprofundar toda a dimensão da problemática do crime, a partir das razões psicossomáticas. É que, de facto, não pode, um Congresso, limitar-se à visão sectorial dos problemas. Por exemplo, António Miguel Alves, Educador nos Serviços Prisionais Portugueses, apresentou um trabalho sobre as implicações do «desenvolvimento emocional e afectivo precoces» que se podem considerar nos aspectos de relação libidinal entre mãe e filhos e no desequilíbrio emocional provocado pela perda dos pais ou pela sua separação, desavença ou alcoolização. Faltará explicar que, mesmo, com a presença efectiva dos pais e equilibradas as dependências emocional e afectiva continua subjacente uma educação tradicional assente em falsos valores religiosos, morais, culturais e económicos que transformam a família num veículo de alienação.

A família burguesa, protótipo da hipocrisia, acaba por ela própria, inconscientemente, afectar a mente e a vida futura dos seus filhos, à excepção daqueles que conseguem libertar-se e transformar-se, sadicamente, em tiradores de classe. Mas, pior do que isso, a família burguesa exporta para cima das famílias trabalhadoras, todo o veneno desses falsos valores, pois a sua

situação económica, social e, por vezes, cultural, de privilégio, permite-lhe tomar a posição de samaritana, duplamente denunciável de farisaica.

E a família trabalhadora alienada, acaba por ser, ela mesma, inconscientemente, e no que respeita aos seus filhos, uma fábrica de seres submissos, legando-lhes toda a poluição mental através de uma educação subordinada aos valores tradicionais burgueses, chegando a reivindicar os preceitos da burguesia, quer seja um casamento tipo, apresentado como um sacramento mas que é, na realidade, um contrato comercial, entre duas pessoas, como adenda a todas as formas contratuais entre a religião e a burguesia com agravantes para a mulher duplamente subjugada por uma sociedade machista, quer se reporte aos valores da sociedade de consumo que têm na mulher não emancipada, e nos jovens despolitizados, uma frente avançada para o consumo das modas, afinal, uma das principais causas directas da delinquência juvenil.

Na sequência desta breve análise, surge, como segunda causa principal, a situação socioeconómica que, naturalmente, como a psicossomática, não mereceu honras, por parte da maioria dos congressistas, em 75% representantes do mundo capitalista.

Foram reforçadas, isso sim, propostas de alargamento dos quadros policiais e da metodologia da «administração judicial» equacionadas com a «prevenção» a depender, conforme foi acentuado, no Congresso, da programação socio política de cada país.

Poder-se-á concluir pela coincidência perfeita, entre estes resultados e a programação do II Governo Constitucional, proposta no âmbito do Ministério da Justiça que, tal como dantes, continua a entender «Prevenção da Criminalidade» como repressão e punição.

A partir dos dois pormenores, relativamente explanações, poder-se-á dizer que o VIII Congresso Internacional de Criminologia foi mais uma reunião intelectual em que, apesar dessa generalidade, alguns se esforçaram, sobretudo no Sector de Tratamento, pelo entendimento de um processo científico que ultrapasse o «diálogo de

surdos», de modo a que seja possibilitada a recuperação social.

E nós acrescentamos: o tratamento penitenciário deverá ser dignificante e conducente à recuperação, dos indivíduos, para uma sociedade justa, e não à readaptação a um tipo de sociedade que os incriminou e puniu por uma marginalização que ela própria provocou.

Finalmente, na intervenção de Fernando Ribeiro Teles, do Movimento para a Prevenção da Criminalidade e Defesa dos Direitos dos Reclusos, ainda, no Sector de Tratamento, ouviu-se, com clareza, apresentar como terceira causa principal do aumento da criminalidade, um tratamento penitenciário errado, na base cómoda da repressão e punição, capazes de gerar o ódio em cada ser, em estado de reclusão.

Justamente, este último aspecto foi, aquando das conclusões do Congresso, sublinhado pela directora científica da Secção de Tratamento, e que fazia parte da delegação espanhola.

A presença deste Movimento português, único no género, ficou-se a dever ao reconhecimento, por parte do Congresso, das justas reclamações e crítica apresentadas por aquela associação, que denunciou, à partida, a ineficácia de um congresso deste tipo, que ignora aqueles que são directamente interessados, nomeadamente, representações dos que se podem encontrar na posição de vítimas de circunstância ou na de reclusos, ex-reclusos e seus familiares.

A razão viria a transparecer quando, na sessão de encerramento, foram apontados os «magníficos resultados obtidos», a que nós oporemos a pergunta: quais? Apesar de tudo, esperemos que o lado positivo do Congresso beneficie, de alguma maneira, as mentalidades dos responsáveis pela «prevenção» que, em Portugal, continuam a escurar-se numa pseudo autoridade, a todos os pretextos, endurecida cada vez mais, até com o aplauso do próprio povo esquecido da sua posição de vítima da repressão generalizada, a bem dos condicionamentos impostos!

Entretanto, ficamos a aguardar a publicação da acta do Congresso.

F.R.T.

## TRIBUNAL DE POLÍCIA

## Romão, Sebastião de "humilde condição"

Sebastião e Romão. Sebastião, 69 anos, padeiro, reformado. Romão taxista, 54 anos, vinte de profissão. Sebastião um «língua de palmo». Romão uma arma na mão. Arma na mão e bala na câmara. Uma arma apon-

tada à cabeça de Sebastião.

Sebastião é peão. E chamou «nomes» a Romão. Nomes ditos marginais. «Filho de... e de... e de». Porque Romão, assegura Sebastião, conduzia «à balda». E «de raspão» quase cilindrou os

pés doridos de Sebastião (anos e anos, cestas e cestas de pão, às costas de Sebastião). Mas Romão, juiz «dixi», que é isso de apontar uma arma a um homem? Porque uma «Beretta» (pistola), 6.35, não é brinquedo não. Romão jura. Mas a arma não era para disparar em Sebastião. Sebastião é homem. Sebastião não é coelho. Coelho é bicho de comer. Um homem não é bicho de comer não.

E a bala na câmara? Oh, bala na câmara era só porque «Beretta» tem rijo no cão. Tem cão mesmo rijo. E taxista, em Intendente, dia ou noite, tem sempre «Beretta» com bala na câmara, com ou sem «rijeza» no cão. Porque Intendente não é só Sebastião. É «Barão». É «Dragão» de Alcoentre. É às vezes um levar de socos de mão em mão.

Silêncio (intervalo). O juiz vai julgar. Romão, Sebastião, penas suspensas, entre outros quesitos, devido «à sua humilde condição». Humilde condição que parece voltar a ser a «condição» exigida a todos os réus «de polícia» deste país de Revolução (em infracção?). Ontem, pelo menos, data deste pleito (quase em ão) foi esta a «face social» apresentada pelos sete cidadãos em julgado. Cidadãos que não sendo, embora, todos padeiros como Sebastião, sabem bem o preço do pão que o fascismo amassou.

MANUEL GERALDO



## HOJE, LOGO PELA MANHÃ

## Ovni ou avião da Viasa?

Algumas centenas de pessoas residentes na área do aeroporto e nas imediações de Cabo Ruivo viram, por volta das 7.30 de hoje, o que muitos não hesitaram em classificar imediatamente de OVNI — um clarão com a forma elíptica-discoidal, aparentemente imóvel, pairando a algumas centenas de metros de altura sobre a zona de Cabo Ruivo.

O fenómeno provocou a paragem de inúmeros automóveis que se dirigiam para Lisboa pela auto-estrada do Norte e deu origem a aglomerações em várias localidades, nomeadamente em Sacavém, Vila Franca de Xira e Alcochete.

Motoristas que se dirigiam para Lisboa vindos de Cascais e de outros pontos da linha do Es-

toril também observaram o fenómeno que levou muitos deles a juntarem-se no Alto da Serafina onde, por volta das 7 horas, se encontravam estacionadas algumas dezenas de automóveis cujos proprietários tinham abandonado temporariamente as suas viaturas para se espalharem ao longo do muro a fim de observarem o que ninguém hesitava em classificar de OVNI.

Alguns funcionários da torre do aeroporto que viram o clarão tentaram localizá-lo no radar e afirmam tratar-se de um avião da VIASA que se dirigia para Espanha e que teria provocado, sobre a Marateca, o fenómeno observado, atribuível à bruma intensa que havia àquela hora. De acordo com o depoimento de algumas testemunhas, o clarão começou, efectivamente, a diminuir de volume a partir de um certo momento, dando a impressão de se estar a deslocar.

CINFÃES  
Ordem dos Médicos exige inquérito

O Conselho Nacional executivo da Ordem dos Médicos solicitou ao MAS e ao MAI a abertura de um inquérito para apuramento das responsabilidades dos intervenientes nos acontecimentos de Cinfaes, durante os quais dois médicos, no exercício da profissão, foram ofendidos no seu local de trabalho.

Além de solicitar que o rigor da lei seja aplicado aos responsáveis «pelos condenáveis atitudes assumidas», aquele Conselho executivo apontou ainda para a necessidade de ser assegurada «uma efectiva protecção» aos feridos médicos.

## Matou a amante a tiro e suicidou-se em seguida

CASTELO BRANCO, 12 — O pedreiro António Paulino Vicente, de 54 anos, matou com um tiro de caçadeira Maria de Jesus Pires, de 44 anos, casada (o marido encontra-se na prisão por ter assassinado um homem, há uma semana). Na cena, ocorrida ontem à tarde, na Freguesia de Peraboa, deste concelho, António Paulino atingira ainda o filho da vítima, Rui Manuel, de 20 anos, com um tiro no ventre, no momento em que este procurava interpor-se entre ele e a mãe.

Este crime, segundo é voz corrente na região, teria surgido na sequência da oposição às ligações íntimas entre as vítimas por parte de Rui Manuel, neste momento internado em estado grave no Hospital da Guarda, e na recusa de Maria Jesus em as manter ultimamente.

Após ter praticado o crime, António Paulino Vicente afastou-se para a quinta onde reside, suicidando-se em seguida com um disparo na cabeça.

## Duas raparigas afogadas num naufrágio no Douro

PORTO, 12 — Duas jovens (Maria Alice Moreira Leite, de 19 anos, e Florinda Leite Marques, de 20) morreram afogadas no rio Douro quando o barco em que seguiam com oito amigos se afundou num local fronteiro às minas do Pejão, no concelho de Castelo de Paiva.

O acidente registou-se na tarde de domingo quando, devido a causas ainda não aclaradas, o barco onde seguiam começou a meter água. As vítimas que não sabiam nadar acabariam por ser arrastadas para o fundo do rio enquanto os seus companheiros conseguiam alcançar as margens a salvo.

Até ao fim da manhã de hoje os corpos ainda não tinham sido encontrados, apesar dos esforços desenvolvidos por homens-ras do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

## Bispo de Bragança será sepultado em Baldos

BRAGANÇA, 12 — Irá amanhã a sepultar em Baldos, terra da sua naturalidade, o bispo de Bragança e Miranda, D. Manuel de Jesus Pereira, de 67 anos, que ontem faleceu numa clínica de Coimbra após prolongada doença.

Eleito bispo-auxiliar do Funchal em 1948 e tendo desempenhado posteriormente funções como bispo-auxiliar de Coimbra, D. Manuel de Jesus seria nomeado bispo de Bragança em Fevereiro de 1965, em substituição de D. Abílio Vaz das Neves.

Para além das tarefas que desempenhou no âmbito das suas funções, D. Manuel de Jesus colaborou na revista «Lumen», tendo tomado parte activa na 101.ª Congregação Geral do Congresso Eucuménico Vaticano II.

Por motivo da gravidade da doença que há anos o atormentava, D. Manuel pedira em 1971 a nomeação de um bispo-auxiliar para a sua diocese, o que viria a acontecer em 1975.

## JÚLIO SEMEDO

Faz hoje um ano que faleceu o dr. Júlio Grevy Coelho Semedo, democrata e combatente antifascista que exerceu desde 1952 as funções de director do Asilo de S. João, situado no Porto, na Rua da Alegria. O dr. Júlio Semedo era formado pela Escola Veterinária de Lisboa e nunca lhe foi possível obter lugares públicos a fim de exercer a sua profissão.

Natural de Évora, serviu como sargento-cadete da aeronáutica, tendo participado na revolta de 26 de Agosto de 1931, estando na altura colocado em Alverca. A participação na revolta levou-o a ser deportado para Timor, com outros antifascistas, entre os quais Carlos Cal Brandão. Em Timor passou para a parte holandesa e foi depois aprisionado. Regressou a Portugal em 1936, e continuou os seus estudos para concluir o curso dois anos depois.

Pertenceu à União Socialista (1946) e foi organizador do Congresso das Uniões Socialistas. Pertenceu também ao MUNAF e ao MUD, vindo a fazer igualmente parte das comissões de apoio às candidaturas do general Norton de Matos, do almirante Quintão Meireles e do general Humberto Delgado. Foi candidato a deputado pelo círculo do Porto em 1952. Fez parte da ASP embora não tenha depois entrado para o Partido Socialista.

Participou também na guerra civil de Espanha, como voluntário, ao lado das forças republicanas e levou a efeito, em território português, acções de apoio aos revolucionários espanhóis. Durante a guerra civil esteve para ser fuzilado em Espanha.

Foi também, no período situado entre a União Socialista e a ASP, o dinamizador de reuniões de socialistas em Lisboa.

SÉTIMO ANO DE ESCOLARIDADE  
1.º ANO DO CURSO SECUNDÁRIO UNIFICADO

## SABE MATEMÁTICA?...

3.ª EDIÇÃO

Questões de linguagem — Números racionais relativos — Problemas e equações numéricas

Relações binárias — Aplicações (transformações geométricas) — Igualdade de triângulos

Um livro de matemática moderna com

Fichas-texto — Fichas de exercícios — Fichas de desenvolvimento

Bibliografia aconselhada nos estágios pedagógicos

Autores: Maria Natália Almeida d'Eça ☆ Álvaro Gomes ☆ Manuel Veloso Gomes

Livreria AVIS — PORTO

ENSINO PRIMÁRIO

## QUAL É O NUMERO QUAL É ELE?

2.ª FASE

1.º ANO

Fichas — texto

Fichas de avaliação

MARIA NATÁLIA ALMEIDA D'EÇA

AUTORES:

MARIA DA CONCEIÇÃO FRANCO MACHADO

MANUEL VELOSO GOMES

1.º CADERNO

2.º CADERNO

Com uma orientação pedagógico-didáctica moderna. Muito bem ilustrados. Indispensáveis para o professor e para o aluno.

ENSINO PRIMÁRIO

## Ó MILHÃO, MILHÃO!...

2.ª FASE

2.º ANO

FICHAS — TEXTO

FICHAS DE AVALIAÇÃO

MARIA NATÁLIA ALMEIDA D'EÇA

AUTORES:

MARIA DA CONCEIÇÃO FRANCO MACHADO

MANUEL VELOSO GOMES

1.º CADERNO

2.º CADERNO

Com uma orientação pedagógico-didáctica moderna. Aspecto gráfico excelente. Indispensáveis para o professor e para o aluno.

Ciclo preparatório do ensino secundário

## GOSTAS DE MATEMÁTICA?...

Milhares de alunos utilizam com êxito

1.º ANO — 3.ª edição

2.º ANO — 3.ª edição

☐ Fichas-texto ☐ Fichas de exercícios ☐ Fichas de desenvolvimento

Autores: Maria Natália Almeida d'Eça e Manuel Veloso Gomes

CONTRATAÇÃO CONTINUA EM FOCO

# Salários da panificação causam greves selectivas no dia 27

O plenário de Sindicatos da Panificação decidiu concretizar a greve selectiva já aprovada em plenários de trabalhadores, para o próximo dia 27, em 14 empresas de panificação distribuídas por várias cidades do Norte a Sul do país.

Os Sindicatos tinham já sido mandatados pelos trabalhadores para porem em prática as greves selectivas nas empresas pertencentes aos representantes do patronato na mesa das negociações, quando entendessem necessária essa forma de luta.

Em face do malogro das negociações da tabela salarial, ao fim de seis reuniões em que o patronato não aceitou qualquer aumento, os Sindicatos decretaram a greve, das zero horas às 24 do próximo dia 27, em 14 empresas de panificação assim distribuídas: 3 em Lisboa, e duas no Porto, sendo as restantes em Santarém, Coimbra, Leiria, Viseu, Guarda, Aveiro, Setúbal, Évora e Faro. Os trabalhadores abrangidos são cerca de 3 mil.

Em conferência de imprensa promovida esta manhã na Federação dos Sindicatos da Panificação, a CNS esclareceu que são dois os objectivos desta forma de luta: primeiro, atingir os responsáveis pelo impasse nas negociações; depois, não deixa o público consumidor totalmente desprovido da possibilidade de comprar pão. A situação mais grave será no Porto, pois as duas empresas onde se fará greve, preenchem 80 por cento do abastecimento do pão naquela cidade, pelo que a campanha de sensibilização junto do público que os trabalhadores se propõem fazer, será mais intensa naquela cidade.

Na conferência de imprensa foram também distribuídas as tabelas salariais, com outros relatórios, comprovando que o patronato não aumenta os vencimentos porque não quer. O actual leque salarial vai de 4000 escudos a 8150 escudos, reivindicando a CNS respectivamente 6500 escudos e 8500 escudos. O salário médio passaria assim de 6500 para 8500 escudos. Os patrões recusam-se a conceder aumentos sem que o Governo por seu lado aumente a taxa de panificação, o que os trabalhadores consideram desnecessário.

ACORDO NO CCTV DOS RODOVIÁRIOS

A Comissão Negociadora Sindical do CCTV dos Transportes Rodoviários chegou finalmente a acordo com o Conselho

de Gerência da Rodoviária Nacional sobre a tabela salarial e reembolso das refeições tomadas em deslocação, matérias integrantes do ACTV daquela empresa pública.

Do clausulado em negociação falta apenas negociar os retroactivos, matéria que se encontra em impasse. O Conselho de Gerência propõe a data de 1 de Junho enquanto a CNS defende 1 de Maio.

Os valores salariais conseguidos estão muito próximos dos propostos pela CNS, tendo sido mesmo ultrapassados em casos pontuais. O aumento geral é de cerca de 1400 escudos.

A tabela salarial será paga a partir do mês corrente, abrangendo para o efeito as horas extraordinárias a partir de 1 de Setembro.

Relativamente ao pagamento dos retroactivos, um ponto ficou assegurado: eles serão pagos de uma só vez até 31 de Março de 79.

O reembolso das refeições foi acordado provisoriamente, sendo, a partir de 7 de Setembro de 100 escudos, enquanto para as refeições tomadas na base, permanece o actual regime.

O subsídio de refeição será revisto em definitivo no decurso das negociações do restante clausulado.

Quanto ao contrato dos trabalhadores das empresas privadas, a situação mantém-se em impasse. Numa reunião, no passado dia 7, a Comissão Negociadora Patronal insistiu na impossibilidade de negociar conjuntamente. A CNS porém, considera essa posição manobra de boicote, predispondo-se a lutar por um contrato igual para todos os rodoviários. Nesse sentido, alerta todos os trabalhadores para acompanharem a próxima reunião de negociações, no dia 12.

O Secretariado das Comissões de Trabalhadores da Rodoviária Nacional esclarece em comunicado notícias vindas a público sobre a situação da empresa.

SITUAÇÃO POR ESCLARECER

## Teatro de S. Carlos mantém 9 dispensas

Elementos do Sindicato da Função Pública da Zona Sul encontraram-se esta manhã com um representante do director-geral do Património Cul-

tural no sentido de resolverem a situação em que se encontram nove trabalhadores do Teatro Nacional de S. Carlos, dispensados de serviço ou em situação pouco definida. Os resultados não foram tomados públicos até ao fim da manhã.

Com esta entrevista, os representantes sindicais pretendem resolver o problema das dispensas e abrir caminho para a clarificação da relação de trabalho existente entre os trabalhadores e a administração pública.

Dois nove funcionários, dois eram carpinteiros (um dos quais delegado sindical) e sete eram costureiras e trabalhavam, em regime eventual, desde há dois anos. Tendo iniciado férias, estes funcionários não voltaram a ser chamados ao serviço, ao contrário do que aconteceu com outros 11 que se encontram na mesma situação.

Segundo o sindicato, a dispensa destes elementos está relacionada com a movimentação que têm desenvolvido desde Julho, visando o esclarecimento da sua situação laboral.

O procedimento judicial contra a empresa foi também já iniciado, uma vez que se trata de trabalhadores assalariados, a tempo inteiro, acontecendo que «há trabalho para todos».

Contrariando o que classifica de tentativa de desestabilização e campanha de desnacionalização, o SCTERN esclarece que a verba de 24 milhões de contos de prejuízo «desde a desnacionalização» não corresponde à realidade.

Assim, desde a data da formação da RN, em Junho de 76, a Dezembro de 77, os custos foram 8386 mil contos (amortizações, 515 mil contos; provisões, 292 mil contos; encargos financeiros, 450 mil contos) e os proveitos de 7402 mil contos, pelo que os prejuízos durante este período foram de 984 mil contos.

Lembra o SCTERN que nos países do Mercado Comum (comunidade muito cara aos divulgadores de tais notícias), pelo menos em alguns desses países, Bélgica, Holanda, França e Inglaterra, todas as empresas de transportes públicas integradas nas comunidades de transportes das grandes áreas urbanas, têm prejuízos em média superiores a 40 e 50 por cento do valor das receitas cobradas. Por outro lado, os gastos nestes países, em pessoal, atingem percentagem na ordem de 50 e 70 por cento do valor dos custos de exploração, enquanto na RN a percentagem é de 49 por cento.

Além das dívidas das empresas que deram origem à RN, no valor de cerca de 400 mil contos, a RN teve que pagar em 1977, em impostos ao Estado, 1 milhão de contos.

Também o aumento do custo dos bilhetes — de que os trabalhadores discordaram publicamente — foi de 170 por cento e não de 300 por cento como pretende a notícia divulgada.

Quanto às «saudades dos ex-patrões», afirma o SCTERN: «Os trabalhadores da RN, na sua esmagadora maioria sabem perfeitamente o que foram os patrões e a sua gestão (...), e não aceitam de nenhuma maneira, o regresso a um passado de opressão e miséria».

NAUFRÁGIO NAS PESCAS?

# Peixe caro e salários baixos originados pelo tenreirismo — denunciam sindicatos do sector

«Os pescadores estão dispostos a ir para o mar, não estão em greve! Foi o Governo e o armamento que pararam os navios! O 'lock-out' é proibido pela Constituição da República, mas é o próprio Governo que o está a fazer, haja alguém que prove o contrário», clamam cinco sindicatos ligados ao sector das pescas, a propósito da paralisação da frota que opera na Mauritânia.

A propósito, um comunicado agora divulgado procura, mais uma vez, esclarecer o povo português sobre as razões por que paga o peixe tão caro.

E explicam: «Nenhum Governo, depois do 25 de Abril, se virou para as pescas, nada se fez, salvo algumas nacionalizações, pois que nunca se fez um saneamento a todos os níveis que permita a existência de estruturas sãs», dizem.

«Embora os senhores governantes», prossegue o texto, «digam que as pescas é um dos sectores primários da economia nacional, a verdade é que as estruturas tenreiristas encontram-se intactas.»

E, como se isso não bastasse, denuncia aquele grupo de sindicatos que «nas empresas nacionalizadas encontram-se alguns indivíduos que nas pescas eram os colaboradores mais directos do 'patrão da pesca portuguesa', isto não falando nos que se encontram ainda na Secretaria de Estado das Pescas que têm apoiado todos os Governos antes e depois do 25 de Abril, até aos dias de hoje».

«Ora, como se pode provar, nenhum Governo poderá adoptar uma política e consequente programa para as pescas, que não seja baseada no tenreirismo, pois que nunca se fez um saneamento a todos os níveis que permita a existência de estruturas sãs», dizem.

As razões do conflito são claras: «Pretendem, então, que os trabalhadores vão para o mar com salários inferiores ao mínimo nacional e que abndem de direitos adquiridos, alguns até antes do 25 de Abril».

Assim, desde 1974 que os pescadores daquela frota não têm contrato de trabalho nem

noticiámos (e em primeira «mão»), a frota de pesca da Mauritânia foi parada por decisão dos gestores e dos armadores. Estes, por seu turno, dizem ter recebido as necessárias instruções do Governo.

A verdade é, que, segundo os sindicatos agora denunciam, o Governo assinou «um acordo com a República Independente da Mauritânia, que constava do pagamento de determinada quantia para que se pudessem pescar naquele país, o que até agora não foi feito».

As razões do conflito são claras: «Pretendem, então, que os trabalhadores vão para o mar com salários inferiores ao mínimo nacional e que abndem de direitos adquiridos, alguns até antes do 25 de Abril».

Assim, desde 1974 que os pescadores daquela frota não têm contrato de trabalho nem

foram aumentados. E, pelo contrário, visando melhorar a situação financeira das empresas, aceitaram mesmo reduzir os seus salários.

«No entanto, constataram que o seu esforço foi para pagamentos à Banca de dinheiros que os senhores antes do 25 de Abril levaram e para pagamentos de aumentos de salários aos senhores administradores. Aqueles que vão retirar do mar a riqueza para o País (aos pescadores) negam-lhes o direito a um CCT digno do esforço que é o trabalho do mar», afirmam os sindicatos.

Há vários factores que pesam na rentabilidade da pesca. Mas há uma verdade negável rio que nos dá respectivo: uma frota com uma idade, em média, de 40 anos.

E, segundo denunciam os sindicatos, para as necessárias e frequentes reparações que obrigam o pessoal a ficar em

terra por longos períodos (e há descargas que duram um mês...) os armadores propõem salários de 4700 escudos mensais.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

foram aumentados. E, pelo contrário, visando melhorar a situação financeira das empresas, aceitaram mesmo reduzir os seus salários.

«No entanto, constataram que o seu esforço foi para pagamentos à Banca de dinheiros que os senhores antes do 25 de Abril levaram e para pagamentos de aumentos de salários aos senhores administradores. Aqueles que vão retirar do mar a riqueza para o País (aos pescadores) negam-lhes o direito a um CCT digno do esforço que é o trabalho do mar», afirmam os sindicatos.

Há vários factores que pesam na rentabilidade da pesca. Mas há uma verdade negável rio que nos dá respectivo: uma frota com uma idade, em média, de 40 anos.

E, segundo denunciam os sindicatos, para as necessárias e frequentes reparações que obrigam o pessoal a ficar em

terra por longos períodos (e há descargas que duram um mês...) os armadores propõem salários de 4700 escudos mensais.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

foram aumentados. E, pelo contrário, visando melhorar a situação financeira das empresas, aceitaram mesmo reduzir os seus salários.

«No entanto, constataram que o seu esforço foi para pagamentos à Banca de dinheiros que os senhores antes do 25 de Abril levaram e para pagamentos de aumentos de salários aos senhores administradores. Aqueles que vão retirar do mar a riqueza para o País (aos pescadores) negam-lhes o direito a um CCT digno do esforço que é o trabalho do mar», afirmam os sindicatos.

Há vários factores que pesam na rentabilidade da pesca. Mas há uma verdade negável rio que nos dá respectivo: uma frota com uma idade, em média, de 40 anos.

E, segundo denunciam os sindicatos, para as necessárias e frequentes reparações que obrigam o pessoal a ficar em

terra por longos períodos (e há descargas que duram um mês...) os armadores propõem salários de 4700 escudos mensais.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome, para que vão para o mar com salários de miséria, para pagarem a má gestão, irresponsabilidade, incompetência e grandes ordenados dos administradores e enchendo os bolsos aos privados que sempre os exploraram e exploram?», interrogam os representantes dos trabalhadores.

Depois «vêm atrofiar a opinião pública dizendo que propõem 20 contos mensais». Os sindicatos e os trabalhadores «demonstrando como isto é falso, afirmam publicamente que aceitam os 20 contos mensais, como diz o armamento, sem percentagem de pesca e com o horário máximo nacional».

O que se pretende com isto? «E ou não reprimir os trabalhadores, fazendo-os vergar pela fome

ASIA

# Ex-primeiro-ministro iraniano denuncia o regime do xá

O antigo primeiro-ministro iraniano, Ali Amini, alegou numa entrevista que mais de duas mil pessoas foram mortas por soldados durante as manifestações antigovernamentais no Irão.

O dr. Amini, de 73 anos, declarou ao jornal parisiense «Le Monde»: «Penso que o Xá ficou em pânico com a amplitude das manifestações (...) fomos levados a acreditar que foram organizadas pelos comunistas. Mas onde está a prova? Não vejo nenhuma».

Interrogado se acreditava que a imposição da lei marcial podia restabelecer a calma, o ex-primeiro-ministro respondeu: «Conhece um único país onde o exército conseguisse resolver este problema?»

MÉDIO ORIENTE

## Cimeira de Camp David entra em fase decisiva

A cimeira de Camp David, presentemente na sua segunda semana, enfrenta hoje aquilo que poderá ser uma sessão decisiva quando Carter tentar estreitar as divergências entre o Egipto e Israel.

Fontes da conferência disseram que o presidente egípcio, Anwar Sadat, não desejaria provavelmente prolongar mais a sua presença se não surgissem sinais significativos de progresso.

Visto por fora, o ritmo parecia lento, mas a Casa Branca disse que intensas e longas reuniões estavam a ser efectuadas entre as delegações israelita e egípcia enquanto estas procuravam responder a ideias que já lhes foram apresentadas.

Carter avistou-se ontem durante duas horas com o presi-

dente Sadat. Reunira-se com o primeiro-ministro sionista Menahem Begin no domingo à noite.

Mas um encontro marcado para a noite passada entre as delegações egípcia e americana foi cancelada no último momento a pedido do Egipto.

Funcionários americanos disseram que a reunião seria efectuada cerca do meio-dia dando mais tempo ao Egipto para se preparar.

Rumores contraditórios acerca de progressos, ou da sua ausência, floresciam no meio do bloqueio informativo imposto na cimeira, mas o informador da Casa Branca, Jody Powell, declarou que não podia prever o resultado da cimeira, e não havia ainda «qualquer base para especulações informadas».

«Nem o optimismo nem o pessimismo são particularmente justificados nesta altura. Temo apenas de aguardar para ver», disse.

## Liga Árabe reunida no Cairo

Ministros dos Negócios Estrangeiros e embaixadores de dezasseis países árabes reúnem-se hoje, no Cairo, para rever o actual estado das relações interárabes, bastante afectadas pela «iniciativa de paz» do Egipto com Israel, e a aproximação do termo do mandato das forças de paz no Líbano.

Porém, a 70.ª sessão ordinária do Conselho da Liga Árabe é ofuscada pela cimeira de Camp David, não se esperando que sejam tomadas grandes decisões. Uma possível excepção será a prorrogação do mandato da força de paz árabe no Líbano.

Dez países árabes enviaram ministros para a abertura da reunião prevista para o meio da tarde, e seis outras nações estarão representadas por embaixadores.

Os cinco Estados radicais — Síria, Líbia, Argélia, Iraque e Iémen do Sul — assim como a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que se opõem à iniciativa de paz egípcia, boicotaram a sessão.

Entretanto, o secretário-geral da Liga Árabe, Mahmoud Riad, recebeu um pedido do Governo libanês para prorrogação do mandato da força de paz árabe no Líbano, dado que o actual termina no dia 26 de Outubro.

Por seu turno, as milícias cristãs direitistas propuseram a retirada das forças do território libanês, enquanto o Governo de Beirut estaria sob pressão síria para pedir a prorrogação das forças por seis meses.

Matou muita gente — mais de 2000, que eu saiba».

O Governo iraniano calculou em 97 o balanço de mortos. Amini foi nomeado chefe do governo em 1961 e demitiu-se no ano seguinte, queixando-se de que o Irão não estava a receber auxílio suficiente dos EUA.

«Como pode um governo militar controlar um país no meio de revolução?», perguntou Amini na entrevista.

E prosseguiu:

«O Xá está em grande perigo, mas pode ainda ser salvo por medidas para o livrar do seu séquito. Este regime autoritário, opressivo e rígido tinha de explodir, mais tarde ou mais cedo, porque os seus alicerces estão podres. A corrupção atingiu um nível inimaginável».

Entretanto, a Reuter informa que as autoridades da lei marcial no Irão pareciam hoje ter contido as manifestações de rua contra o Governo do Xá por enquanto, e concentraram as suas atenções em fazer regressar o país à normalidade após meses de agitação.

O primeiro-ministro Jaafar Sharif-Emami, no cargo há duas caóticas semanas, apresenta-se hoje perante o Majlis (Assembleia) para um voto de confiança que se considera como certo.

Com tanques e camiões carregados de tropas a guardar focos potenciais de agitação, a violência do fim-de-semana diminuiu.

Mas as mortes violentas em Teerão, que se crê totalizarem várias centenas, provocaram um considerável ressentimento popular.

O Governo prendeu oito funcionários e homens de negócios ao abrigo dos regulamentos da lei marcial.

Não foram anunciadas as razões das prisões, mas uma campanha contra a ineficiência no governo e a corrupção oficial figura entre as principais prioridades do primeiro-ministro.

As autoridades da lei marcial prenderam também um número desconhecido de figuras da oposição e alguns jornalistas.

Nun comunicado a noite passada, a Associação Iraniana de Juristas pediu a libertação das pessoas presas depois da lei marcial classificando a acção como ilegal. A Associação condenou a manutenção de «pessoas inocentes e indefesas».

## Polícias sul-africanos julgados por torturas

Um grupo de polícias suspenso com correntes, do tecto, seis pessoas, negras, despidas e submeteu-as a espancamentos e choques eléctricos, tendo um dos detidos, Jankis Mahlomola Matobako morrido no hospital, oito dias depois — declarou o delegado público, A. R. Erasmus.

A sua acusação foi proferida na abertura do julgamento de dois agentes brancos e quatro negros e de dois civis brancos por assassinio e agressão.

Todos os acusados se declararam inocentes, bem como um terceiro agente branco acusado de agressão.

Enquanto isto, o irmão e a irmã

de Stebe Biko, fundador da «Black Consciousness» (Consciência Negra), morto na prisão em Setembro de 1977, e vários outros militantes desse movimento africano, foram presos pela segurança sul-africana na província do Cabo e em Joanesburgo, soube-se de fonte segura.

Teriam sido feitas oito prisões. Estariam relacionadas com um projecto de comemoração em King Williams, cidade natal de Stebe Biko, do primeiro aniversário da morte deste último que suscitou um movimento internacional de protesto.

## Prisões na Rodésia

Um dirigente político da Frente Patriótica do Zimbábue, Josiah Chinamano, revelou que 30 membros da sua organização tinham sido presos durante o fim-de-semana como parte do plano anunciado pelo primeiro-ministro, Ian Smith, de «liquidar» os simpatizantes da Frente.

Um outro dirigente daquela organização, Willie Musarurwa, declarou, por seu lado, que a Polícia estivera todo o fim-de-semana a guardar a sua casa, num dos bairros para negros, dos arredores de Salisbúria, tentando prender o seu assistente, Mark Ziramanganga.

Chinamano que esteve 11 anos preso, tendo sido solto em 1974, disse que ele próprio esperava ser preso durante o fim-de-semana, mas que a Polícia não o chegara a contactar.

Entretanto é unânime, entre a população branca, o descontentamento contra Smith depois do seu discurso, havendo mesmo quem exija a sua demissão acusando-o de fraqueza perante os últimos ataques dos guerrilheiros, nomeadamente a recente acção contra um avião das linhas aéreas rodésianas, em que morreram 40 pessoas das 56 que seguiam a bordo.

Smith, que falou pela TV durante 28 minutos anunciou a «liquidação» de todos os grupos

que colaboram com a luta armada de libertação nacional, operações militares contra os países que albergam bases de guerrilheiros e a aplicação da lei marcial nalgumas regiões do país.

No seu discurso, Smith, que admitiu ter-se encontrado secretamente com Joshua Nkomo, um dos dois dirigentes da Frente Patriótica, disse que esse dirigente negro era um «prisioneiro» dos cinco Estados da Linha da Frente, sobretudo do presidente tanzaniano, Julius Nyerere, para Smith «o génio do mal do conflito rodésiano».

EUA

## Senado levanta embargo a Ian Smith

O Senado dos EUA aprovou uma lei de auxílio ao estrangeiro que levanta as sanções comerciais à Rodésia, a partir de 1 de Janeiro próximo, desde que um Governo livremente eleito tenha sido investido e a Rodésia tenha mostrado desejo de negociar com todas as partes.

A redacção da lei de compromisso que termina o cumprimento pelos EUA das sanções das Nações Unidas foi efectuada por um comité do Senado e a da Câmara dos Representantes.

No âmbito da lei, o presidente Carter decidirá se a Rodésia satisfaz as duas condições que permitem o cessar do embargo. A lei também levanta o embargo parcial de armas imposto à

AFRICA



## ANIVERSÁRIO DE A. CABRAL

### Dia nacional dos povos da Guiné e Cabo Verde

Hoje, dia 12 de Setembro, data do aniversário do nascimento de Amílcar Cabral, os povos da Guiné - Bissau e Cabo Verde celebram o seu Dia Nacional.

Amílcar Cabral, fundador do PAIGC, dedicou toda a sua vida à causa da libertação dos povos da Guiné - Bissau e Cabo Verde e foi brutalmente assassinado pelos agentes do colonialismo em Janeiro de 1973.

O caminho trilhado pelas duas jovens repúblicas tem seguido por entre grandes dificuldades. Os colonialistas portugueses não criaram nestes países qualquer tipo de indústria e desde a mais simples maquinaria, aos produtos alimentares, tudo tem de ser importado. A ausência de quadros e uma população quase totalmente analfabeta vivendo na mais completa miséria e insalubridade, foi a grande herança deixada pelo colonialismo.

Os governos da Guiné e Cabo Verde lançaram, no entanto, programas económicos e sociais que, apesar das dificuldades, estão a ser cumpridos. Foi formada uma cooperativa agrícola que congrega 90 por cento da população. Fazem-se campanhas de alfabetização e constroem-se escolas. Está em estudo um programa para criar as bases da indústria nacional, indispensável ao desenvolvimento dos dois jovens países. Lançam-se campanhas para trazer a mulher à cena da vida política e, neste momento, um terço dos membros da Assembleia Popular da Guiné - Bissau, são mulheres.

## BOLSAS PORTUGUESAS

Portugal concederá 250 bolsas de estudo no próximo ano lectivo a estudantes e estagiários cabo-verdianos no âmbito dos acordos de cooperação entre os dois países — revelou à ANOP o embaixador de Cabo Verde em Lisboa, Corsino Fortes.

No âmbito dos acordos assinados entre os dois Governos, encontram-se a estudar nos vários estabelecimentos de ensino

do nosso país largas dezenas de cabo-verdianos, para cuja formação, a nível universitário, o seu país não dispõe ainda das infra-estruturas e condições necessárias.

Conforme dados fornecidos pelo embaixador de Cabo Verde à ANOP, o número de bolsiros subsidiados pela cooperação com Portugal atingiu no ano de 1977/78 um total de 63, distribuídos pelos seguintes cursos: 29 engenheiros, sendo 14 civis, 8 electrotécnicos, 4 agrónomos e 3 de máquinas, 15 médicos, 7 preparadores de análise, 5 juristas, 3 contabilistas, 3 licenciados em filologia românica e 1 economista.

Este número representa um importante acréscimo em relação a 1976/77 em que o total foi de 20.

## CHEGARAM AS CHUVAS

As chuvas que começaram a cair no arquipélago de Cabo Verde no início deste mês foram saudadas com manifestações de alegria por toda a população e confirmaram a justeza da política de construção de diques para a retenção das terras aráveis arrastadas pelas torrentes — afirmou à ANOP um informador da Embaixada de Cabo Verde em Lisboa.

Em algumas ilhas, como S. Nicolau, não chovia há 12 anos. Grande parte dos ribeiros e das fontes estavam secos começando, a faltar até a água para beber. A vegetação e os animais morriam à míngua de água.

Como as chuvas começaram a cair tardiamente, ainda não se sabe, no entanto, se levarão a uma nitida melhoria dos resultados do ano agrícola. Mas terão servido, desde já, para confirmar a utilidade da construção de diques, política que irá prosseguir, nos anos futuros. Passar-se-á agora à construção de pequenas barragens para armazenagem das águas das chuvas e não apenas de diques para retenção das terras arrastadas pelas torrentes.

## Somos especialistas em feiras, exposições e festivais

Temos para lhe oferecer entre outras:

PARIS:

- FEIRA DO COURO 9 a 14/9
- SALÃO INTERNACIONAL DA MALHA 9 a 14/9
- SALÃO MODA MASCULINA E INFANTIL 9 a 14/9
- SICOB — INFORMÁTICA E COMUNICAÇÃO 20 a 24/9
- FESTIVAL INTERNACIONAL CABELEIREIROS 21 a 26/9
- SALÃO AUTOMÓVEL 6 a 10/10
- EQUIPOTEL — EQUIPAMENTO HOTELARIA 14 a 18/10
- SALÃO INTERNACIONAL MODA FEMININA 21 a 25/10

FRANKFURT:

- FEIRA INTERNACIONAL DE FRANKFURT 27 a 30/8

BERLIM:

- CULINÁRIA 5 a 8/11

LONDRES:

- FEIRA DA MODA MASCULINA 2 a 9/9

LONDRES/PARIS:

- FEIRA DA MODA MASCULINA 6 a 12/9



## CORNUCÓPIA

## "Woyzeck" prossegue



Prossegue no Teatro do Bairro Alto todas as noites às 21 e 45 e domingos só às 17 horas, a carreira do último espectáculo do Teatro da Cornucópia, que é simultaneamente o mais ambicioso e o mais controverso apresentado por aquele grupo de teatro que desde 1965, ano da sua constituição, se situa ao ponto da fila do teatro português: «Genial e insuportável».

los Porto, Diário de Lisboa), «fora de série» (Fernando Midões, Diário Popular), «um dos espectáculos mais belos, mais inteligentes e por vezes mais insuportáveis» (Jorge Listopad, Expresso), «um dos espectáculos mais emocionantes a que me foi dado assistir» (Augusto Abelaira, O Jornal), são algumas das reacções que atesta da controvérsia que este espectáculo tem estado a despertar.

«WOYZECK» de Georg Buchner tem encenação, dramaturgia e cenografia de Cristina Reis. Luis Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, interpretação de Luis Miguel Cintra, Luis Lima Barreto Jorge Silva Melo, Raquel Maria, Márcia Breia, Maria Emilia Correia, Linda Gomes Teixeira, Alvaro Sobreda, Fernando Heitor, Rogério Vieira, Sónia, Vítor Ramos, Luís Polido, Cristina Santos, Virgílio Castelo, Rui Furtado e Diogo Dória.

## NO MAPUTO

## Ciclo de cinema sobre temas portugueses

MAPUTO, 12 — Com a projecção do filme «Terra de Abril», iniciou-se este fim-de-semana, na capital de Moçambique, um ciclo de cinema sobre temas portugueses.

O filme «Terra de Abril», realizado pelo francês Philippe Constantini, foi rodado em 1977 numa comunidade rural do Nordeste transmontano, a partir de encenação de um auto religioso, e descreve o quotidiano do povo

da aldeia de Vilar de Perdizes.

Esta obra de cinema sobre temas portugueses, organizada pelo Cine Clube de Maputo com o apoio do Instituto Nacional de Cinema de Moçambique, incluiu ainda os filmes-documentários «Cooperativa da Torrebel», «Ocupação de Terras na Beira Baixa», «Greve na Construção Civil» e «Cenas de Luta de Classes em Portugal».

## teatro Popular

Companhia Nacional 1

Secretaria de Estado da Cultura  
Direcção-Geral de Espectáculos  
Câmara Municipal de Lisboa

TEATRO MUNICIPAL DE  
SÃO LUÍS

## NOVAMENTE!

Quinta-feira  
dia 14  
às 21.30

## JESUS CRISTO EM LISBOA

Tragicomédia  
de Alexandre O'Neill e Mendes de Carvalho  
Sobre a obra de Raul Brandão e Teixeira de Pascoais

Encenação  
de Carlos Wallenstein e Norberto Barroca  
Assistente de Encenação Paulo Lucena  
Cenários de Fernando Conduto  
Figurinos de José Costa Reis  
Música de José Luís Tinoco

Elenco  
Alina Vaz, Antonino Solmer, António Anjos,  
António Augusto, António Feio, António Rama,  
Armando Venâncio, Augusto de Figueiredo,  
Baptista Fernandes, Canto e Castro,  
Fernanda Lapa,  
Glicínia Quartim, José Severino, Lina Morgado,  
Lourdes Norberto, Manuela Cassola,  
Manuela Santos, Maria Amélia Matta,  
Maria de Jesus Aranda, Maria José,  
Mário Sargedas, Norberto Barroca

E ainda  
Antonieta Viana, Fernando Nascimento, Graça David,  
Jorge Nery, Jorge Neves, José Ramond,  
Maria Esmeralda, Nuno Franco, Sebastião Ricou,  
Wanda Maria,  
Ángela Maria Patrício, Arieta de Sousa, Coutinho Fernandes,  
Isabel de Ávila, José Wallenstein, Maria de Lourdes Pinto,  
Pedro Soares

Bilhetes à venda a partir do dia 12  
Bilheteira aberta das 14 às 20 horas  
Telefone 32 71 72

Matinees — Domingos às 15.30 horas  
Descanso da Companhia às Segundas-feiras  
Não aconselhável a menores de 13 anos

Color-scope — Não aconselhável a menores de 13 anos

COLISEU

AMANHÃ  
ESTREIAPANCADARIA  
E "SUSPENSE"!

numa terra  
onde a vida nada vale  
e a morte pouco custa...

IF

MARK DAMON  
WILLIAM BOGART  
num filme de  
Luigi Perelli

## SEU NOME É VENTURA

Teatro da Academia Almadaense

O novo grande espectáculo do  
GRUPO DE CAMPOIDESubsídio  
de SECAventuras de  
Till Eulenspiegel

de Charles de Coster  
Adaptação: VIRGÍLIO MARTINS — Encenação: JOAQUIM BENTO  
Cenário: MARIO ALBERTO — Música: BERNARDINO NASCIMENTO  
Com: Alberto Guimarães, Aida Rodrigues, Alfredo Sobrinho,  
André Assunção, Argentina Fache, Luis Alberto, Maria  
Henriqueta e toda a companhia do Grupo de Campoide

Todos os dias sessões às 21.30 Matinee aos Sab. e Dom.  
às 16 h. 2. — Feira descanso. Bilheteira Tel. 357.77

Em OLHÃO o Diário de Lisboa  
vende-se na TABACARIA MOFARRA

EXCLUSIVO TRIUNFO

9.ª SEMANA

DESOPILANTE!

A PARTIR DE AMANHÃ  
AS 14.00 H

**O GENDARME  
EM NEW YORK**

le gendarme à New York

com  
**Louis  
De Funes**

um filme de  
**Jean Girault**

Colorido

PARA TODOS

4.ª semana

Todas as noites (excepto  
domingos) às 22 horas

na SOCIEDADE PORTUGUESA  
DE AUTORES

Av. Duque de Loulé 31  
Lisboa Tel. 578320

Peça de G. Leatier  
Adapt. de Helena Domingos  
Música de Vasco Pimentel  
Colaboração de Cristina Reis

ZITA DUARTE

APROVEITA  
do ALBERTO

A REVISTA QUE SE IMPÕE ATRAVÉS DA OPINIÃO DO PÚBLICO

## «FARDOS E GUITARRADAS»

DESEMPENHADA POR: HENRIQUE VIANA / ERMELINDA DUARTE / LEÓNIA MENDES / MAGDA CARDOSO / MARIA TAVARES

ADOQUE

HOJE ÀS  
20.30 e 22.45  
PREFIXAS  
DOMINGOS  
MATINEES  
16 HORAS

Nacional e Municipal

4.ª Feira

# Hoje



Hoje em Música Ligeira — Show de Andy Williams

## PROGRAMA

- 18.00 Ensino básico — Curso de professores — Cooperação e autonomia na sala de aula
- 18.25 Telejornal — 1.ª edição
- 18.30 Ténis. Série onde se divulgam as regras desta modalidade desportiva
- 19.00 Corrida ao ouro. (12.º episódio). Intérpretes principais: Andrew Hawthorn, Ilona Rogers, Bruce Allpress. Realização: Tom Parkinson
- 19.30 Culinária. Pratos a confeccionar: Feijão de caril e arroz branco
- 20.00 Telejornal — 2.ª edição
- 20.30 Musical ligeiro. O Show de Andy Williams com Osmond Family
- 21.00 O tempo
- 21.05 As investigações do comissário Maigret. (8.º episódio). Autor: George Simenon. Adaptação: Jacques Remy e Claude Parma. Intérprete principal: Jean Richard — Comissário Maigret
- 22.45 Discussão do programa do III Governo constitucional
- 23.45 Telejornal — 3.ª edição
- 23.55 Fecho

## A 30 DE SETEMBRO E 1 DE OUTUBRO

# Colosseum II ao vivo no Coliseu dos Recreios

Modas e fantasias podem mudar no mundo da música, e na verdade mudam a intervalos mais ou menos regulares, mas o talento genuíno e a excelência musical são qualidades que sempre suportam as vicissitudes do tempo.

Nos aureos dias de 1968, uma banda de nome Colosseum dava os seus primeiros passos. Os músicos que a formavam tinham até então acompanhado o «bluesman» britânico John Mayall. Em pouco menos de um ano conseguiam não só enorme êxito com os seus espectáculos mas igualmente apreciável sucesso em disco em toda a Europa.

A força motriz por detrás de todo este trabalho era o baterista Jon Hiseman, que dirige agora o Colosseum II. Os outros músicos não são os mesmos, mas o estilo e a filosofia musical do grupo mantém-se — boa música rock com influências de jazz executada com perícia e entusiasmo.

Colosseum II é uma banda de quatro elementos, constituída por: Jon Hiseman — percussão; Gary Moore — guitarra e voz; John Mole — guitarra-baixo; Don Airey — teclás.

O grupo reformou-se no Verão de 1975. Jon tinha acabado com o original Colosseum nmo Outono de 1971 sentindo então que artisticamente não poderiam ir mais longe. Ele e Mick Clarke, outro membro do grupo, formam os Tempest que se mantêm em actividade até 1974. Muito interessado pela música de Jazz, Jon adquire contudo uma forte formação musical, nos mais diversos estilos durante os anos



Don Airey, Gary Moore, John Mole e Jon Hiseman

de actuação com Georgie Fame, Graham Bond Organisation e John Mayall.

No entanto, é com os Colosseum que alcança a maior satisfação, pelo que decide formar novo grupo com o mesmo «feel» musical.

Nascido na Irlanda, o guitarrista Gary Moore prova ser o parceiro ideal para Jon. Vivendo na música desde a idade dos seis anos, Gary um criativo por excelência. Ao deixar os estudos, junta-se a Skid Row, que se tornaria o grupo mais importante da Irlanda na década de sessenta. Em 1971 forma o seu próprio grupo que se desfaz após intensas «tournées» por Inglaterra e Alemanha. Uma breve estadia com Thin Lizzy e um intervalo até tomar conhecimento de que Jon pretendia reformar o Colosseum. Após o primeiro contacto, traba-

ham durante cerca de um ano até à formação definitiva de Colosseum II.

Após algum tempo de trabalho com cinco elementos acabam por ficar Jon, Gary e o pianista Don Airey que tinha anteriormente tocado com Cozy Powell's Hammer.

Recrutam então John Mole, guitarra-baixo, e começam de imediato a ensaiar e a escrever novo material.

O seu primeiro álbum, gravado em 1977, «Electric Savage», composto fundamentalmente por instrumentais de Jon e Gary, demonstra a enorme criatividade e originalidade musical do grupo.

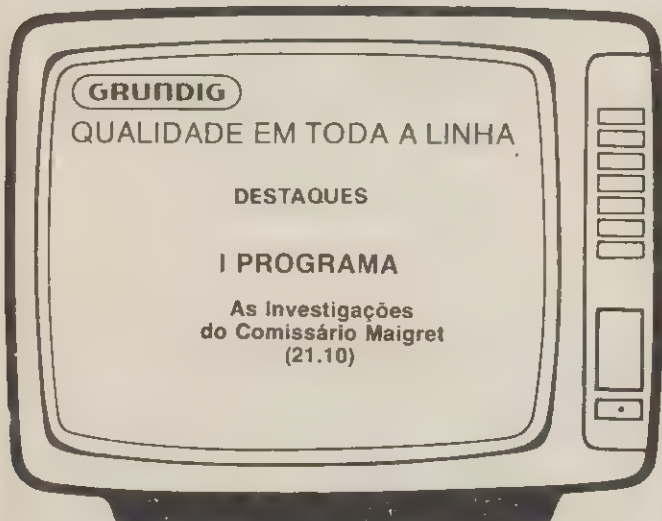
Por não haver qualquer digressão planeada, Gary substitui o guitarrista de Thin Lizzy durante a triunfante série de espectáculos realizada por este grupo nos Estados Unidos. Entretanto, em Maio último, após assinarem contrato com a MCA Records em Londres, é editado «Electric Savage».

O álbum é aclamado pela crítica com comentários como: «Este não é só o melhor álbum de Jon Hiseman desde a criação dos Colosseum mas o melhor de toda a sua carreira de músico» (Melody Maker); «...Este LP ultrapassa facilmente os seus álbuns anteriores, apresenta o grupo melhor. Forte no seu conteúdo e apresentando uma poderosa fusão do rock britânico/heavy rock» (Sounds); e «Um dos melhores álbuns até hoje editados do melhor dos bateristas britânicos, Jon Hiseman... arranjos cuidadosos mas música viva, explosiva mesmo» (Sunday Times).

Uma digressão pela Alemanha, Áustria e Itália e de novo nos estúdios para gravar o agora editado LP «War Dance».

...E de novo a «estrada», agora com passagem por Lisboa para dois espectáculos no Coliseu dos Recreios, nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro pelas 21.30 e 16.30 respectivamente.

## TUDOR BATERIAS PILHAS



## Amanhã

### PROGRAMA

17.45 Ensino Básico — Curso de professores. 18.25 Telejornal — 1.ª edição. 18.32 Natação — Visita a um clube de Natação. 19.00. Issi Noho — 9.º episódio. 19.12. Filopat e Patatili. 19.20 Tempo de Desporto. 19.45 Vamos jogar no Totobola. 20.00. Telejornal — 2.ª edição. 20.30. Telecinema. 21.00 O tempo. 21.05. O Pão que o Diabo amassou — episódio n.º 7. 22.45. António Areal. 23.15. Telejornal — 3.ª edição e fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

## SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

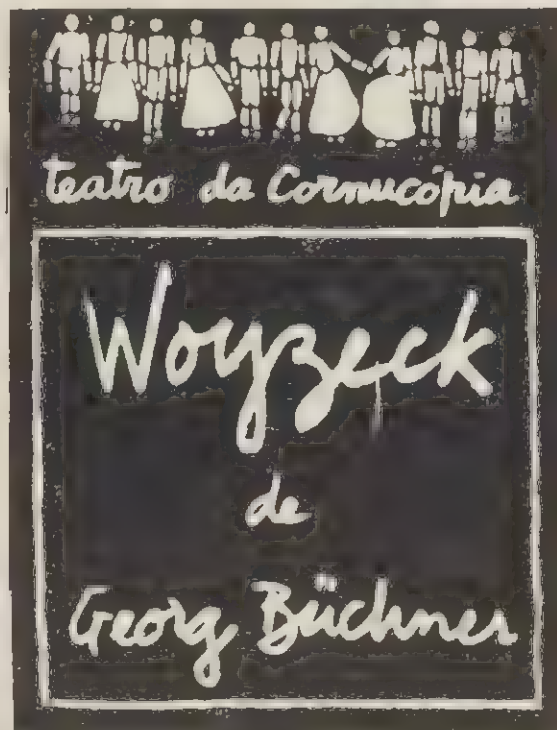
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Rua Tenente Raul Cascais  
n.º 1 A — LISBOA

Telef:  
66 15 15/66 92 05

teatro  
do bairro  
alto



2.º MÊS

«Fora de série»

(F. Midões — «Diário Popular»)

3.ª a 6.ª às 21 e 45  
Sáb. às 17 e 21 e 45  
Dom. só às 17

Subsídio da SEC

## Manuscritos de Wagner vão ser leiloados

Uma importante colecção de manuscritos musicais e de cartas autografadas por Wagner será vendida em Nova Iorque, em 27 de Outubro, em nome do Instituto Curtis de Música, de Filadélfia.

O leilão foi anunciado em Londres pela Christie's.

Começada em fins do século XIX por uma senhora inglesa, Mary Burrell, a colecção foi oferecida ao Instituto, nos anos 30, pela sua fundadora, a senhora Mary Louis Curtis Bok.

Consiste de 15 minutos de manuscritos de libretos e argumentos das primeiras óperas do grande músico, uma revisão feita por Wagner a uma obra de Gluck, desenhos a lápis de cenários para o «Lohengrin» e aproximadamente 430 cartas, muitas delas inéditas, que reve-

lam aspectos pouco conhecidos da personalidade do famoso compositor alemão.

A colecção vai ser vendida a fim de aumentar a doação do Instituto Curtis, onde qualquer estudante pode tirar um curso completamente de graça, desde 1928.

## «Jesus Cristo em Lisboa» de volta ao «S. Luiz»

A Companhia Nacional de Teatro 1 — Teatro Popular dá início, a partir do próximo dia 14, quinta-feira, às 21.30 horas no Teatro S. Luiz, à segunda série de representações de «Jesus Cristo em Lisboa», tragicomédia de Alexandre O'Neill e Mendes de Carvalho sobre a obra de Raul Brandão e Teixeira de Pascoais.

O espectáculo que, na primeira série de representações, foi visto por mais de dez mil espectadores, tem encenação de Carlos Wallenstein e Norberto Barroca e interpretação do elenco da Companhia Nacional de Teatro, do qual fazem parte Alina Vaz, Antonino Solmer, António Anjos, António Augusto, António Feio, António Rama, Armando Venâncio, Augusto de Figueiredo, Baptista Fernandes, Canto e Castro, Fernanda Lapa, Glícinia Quartin, José Severino, Lina Morgado, Lourdes Norberto, Manuela Cassola, Manuela Santos, Maria Amélia Matta, Maria de Jesus Aranda, Maria José, Mário Sargedas, Norberto Barroca e Nuno Franco.

A BARRACA

ZE TELHADO

A partir de hoje  
3.ª a Sab: 20.30 h — 22.30 h  
Domingo: 16 h e 21.30 h  
R. Alexandre Herculano, 70

Telef. 68 63 00 (M/13 anos)  
2.º Mês êxito popular

## MONZA UNANIMEMENTE CONDENADO

# O circuito tem pontos suicidas consideram os pilotos de Fórmula 1

MONZA, ITÁLIA, 11 (ANOP) — Os pilotos de Fórmula Um estão de acordo em que continuar a correr no Autódromo de Monza é uma loucura e que as suas armadilhas são a principal responsável pelo trágico acidente de ontem, no qual perdeu a vida o corredor sueco Ronnie Peterson.

O novo Campão do Mundo, o italo-americano Mário Andretti acusou hoje o circuito de «ter alguns pontos realmente suicidas, como a variante situada no final da recta de chegada, que termina convertendo-se numa Armadilha terrível».

Idêntica opinião manifestou o austríaco Niki Lauda «não voltaremos a correr em Monza, pois as medidas de segurança e alguns pontos do traçado não estão de acordo com a velocidade da pista, correndo-se sério perigo de vida».

As principais críticas são contra a estreita dupla-curva situada cerca de 200 metros depois do local onde ocorreu o acidente, cujas vítimas mais graves foram o sueco Peterson e o italiano Vittorio Brambilla.

Esse lugar é um verdadeiro «funil», onde os automóveis lançados poucos metros antes a 290 quilómetros por hora devem reduzir bruscamente a velocidade para atravessar a «variante» sem perigo.

Pouco antes, a pista estreita-se consideravelmente e obriga os pilotos a manobras arriscadas

para ganharem um lugar no grupo, com o consequente risco de se poderem despistar.

Da negativa das autoridades municipais de Monza, a cuja Câmara pertence o Autódromo, aos constantes apelos para que se abatam árvores com a finalidade de melhorar a segurança, pode resultar, no futuro, que este circuito seja posto «fora da lei» por construtores e pilotos.

Até agora, os ecologistas têm podido mais do que todos os pedidos, obrigando a encontrar-se soluções falsas, como a «variante» da recta de chegada, cujo objectivo inicial era diminuir a velocidade dos automóveis, mas que se transformou numa armadilha perigosíssima.

Poucos metros antes dessa «variante», os bólides alcançam velocidades máximas, que oscilam entre 280, e 300 quilómetros por hora, pelo que qualquer desvio da trajectória pode transformar-se numa tragédia, mais ainda quando os automóveis estão muito juntos, como sucedeu na altura, do acidente.

O drama de Monza soma-se a uma série de episódios que sempre transformaram o grande Prémio de Itália numa das corridas mais perigosas do calendário e que alcançou o ponto mais trágico em 1961, quando o Ferrari de Von Trips voou sobre o público, matando mais de vinte pessoas.

A dinâmica do trágico acidente de ontem ainda não foi determinada embora pareça indiscutível que um automóvel tratou de ocupar espaço no centro da pista, tocando de forma violenta no de Hunt, que se descontrolou e foi, por sua vez, embater no Lotus de Peterson.

Este último bateu primeiro nos «rails» de protecção do lado direito e depois atravessou a pista, incendiando-se, provocando uma confusão infernal entre os restantes concorrentes, cujos carros chocaram entre si e perderam grande parte da carroceria.

Sem poder ver bem o que sucedia à sua frente, Brambilla foi de encontro ao Lotus em chamas de Peterson, mas a fractura de crânio que pôs a sua vida em perigo, não ficou a dever-se ao acidente mas ao golpe de uma roda que depois de se desprender de outro automóvel caiu sobre a sua cabeça.

Quanto a Peterson, a sua morte viria a registar-se ontem de manhã numa clínica de Milão devido a uma embolia, que se seguiu às múltiplas fracturas nas pernas, e também por causa de uma intoxicação respiratória, devido aos gases que respirou durante o período que permaneceu no seu bólido em chamas.

## LAUDA CRITICA O DIRECTOR DA CORRIDA

MONZA, ITÁLIA, 11 Set. (ANOP) — O piloto austríaco Niki Lauda atribuiu parte das responsabilidades no acidente que vitimou Ronnie Peterson ao director de corrida do Grande Prémio de Monza, por ter permitido que alguns concorrentes tivessem partido com os automóveis em andamento.

«Há sempre idiotas que não sabem dar início a uma corrida», acusou

Segundo Lauda, os últimos concorrentes na grelha de partida estavam em movimento, quando a bandeira do juiz de partida assinalou o início da corrida.

«Como esses bólides não estavam imobilizados, depois da volta de reconhecimento, os da

frente foram ultrapassados, tendo-se registado uma grande aglomeração de concorrentes poucos metros depois da partida, no que viria a resultar o incidente que vitimou Peterson», sublinhou Lauda.

Por seu turno, o «patrão», da Lotus, Colin Chapman afirmou que o acidente se ficou a dever à «irresponsabilidade» de alguns condutores, mas recusou mencionar os seus nomes.

Para o «veterano» volante brasileiro Emerson Fittipaldi o circuito de Monza está «demasiado velho» e demasiado rápido».

## VATICANO CONDENA

Sob o título «mais respeito pela vida humana», o «Osservatore Romano» publica na segunda-feira um editorial do padre Gino Concetti, acerca do acidente de Monza.

«Não somos contrários, à priori, às provas que permitam ao homem demonstrar a sua audácia e habilidade mas, perante as circunstâncias trágicas em que vidas humanas são ceifadas por uma morte imediata ou diferida, não podemos continuar neutros, não podemos calar-nos», escreve o editorialista.

Por sua vez a imprensa sueca comentava ontem com grande desenvolvimento o acidente e a maioria dos articulistas qualifica este desporto como «absurdo e inútil».

«Não sejamos hipócritas, isto não é um desporto», escreve o cronista desportivo do diário «Aftonbladet», acrescentando «A competição automobilística de Fórmula Um demonstrou ontem

o seu verdadeiro rosto e assistiu-se a um espectáculo bastante triste: o automóvel de Peterson desfeito em pedaços, bocados de carroceria a voar, ambulâncias e helicópteros entre o circuito e o hospital».

## PATRESE E O DIRECTOR DA CORRIDA VÃO A TRIBUNAL

O corredor italiano Ricardo Patrese e o director de corridas do Grande Prémio de Itália de Fórmula Um, Gianni Restelli, serão levados a tribunal, devido ao acidente que vitimou o piloto sueco Ronnie Peterson, revelaram em Milão os meios ligados à magistratura.

Efectivamente, o juiz encarregado do inquérito prepara-se para enviar convocatórias a Ricardo Patrese e a Restelli, embora as citações não equivalham à inculpação.

Entretanto, os nove bólides que colidiram em Monza encontram-se apreendidos.

## BRAMBILLA AINDA EM PERIGO

O dr. lato, do Hospital de Niguarda, em Milão, declarou ontem que era ainda cedo para poder dizer se Vittorio Brambilla estava fora de perigo. O piloto italiano sofre de traumatismo craniano.

Quanto ao alemão Stuck, apenas sofreu um traumatismo craniano ligeiro e poderá regressar a casa

## Calendário futebolístico sofre mais alterações

A Federação de Futebol recebeu os pedidos das seguintes antecipações e alterações em relação aos calendários do futebol nacional:

Jogos para sábado — II Divisão: Leixões-Paços de Ferreira, às 16 h. III Divisão: União do Funchal-Vitória de Lisboa, 17 h e Desportivo Olivais-Oriental, 16 h. Juniores: Lusitano de Vildemoinhos-Candal, às 15.30 h, Campomaiorense-Vitória de Setúbal às 16 h e Portimonense-Lusitano de Évora, às 16 h.

Alterações para domingo — I Divisão: Barreirense-Marítimo, no Estádio Alfredo da Silva, III Divisão: Bustelo-Paços Brandão e Oliveira de Azeméis, e Sesimbra-Quarteirense, em Palmela. Juniores: Cova da Piedade-Estoril, em Almada.

## ATENÇÃO PORTUGAL

O seleccionador escocês de futebol Ally Macleod, nomeou 18 jogadores para o encontro com a Áustria, que se realiza no próximo dia 20, em Viena, a contar para o grupo dois do Campeonato da Europa (em que que está incluído Portugal). Macleod que dirigiu a selecção do seu país no «Mundial», exclui da lista dos convocados o «capitão» Bruce Rioch, mas, em contrapartida, chamou aos treinos os «internacionais» Andy Gray e Ian Wallace, afastados da turma na Argentina. A equipa conta, também, com o regresso do defesa central Gordon McQueen, que não jogou na Argentina por lesão.

A equipa provável da Escócia

A UEFA avisou os clubes de que enfrentam duras penalidades se os seus adeptos provocarem incidentes nas competições europeias, que estão prestes a iniciar-se.

Num comunicado emitido dois dias antes dos encontros da 1.ª «mão» da primeira eliminatória das três competições europeias de clube, a União Europeia de Futebol apela para os adeptos não provocarem distúrbios nas bancadas: Apeloamos para que o público europeu do futebol se mostre sempre desportivo e não tente influenciar os acontecimentos no terreno por meio de comportamento provocatório. Se ocorrerem incidentes, a UEFA continuará a aplicar rígidas penalidades.

PUB

## Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34 - LISBOA - TEL. 770066 - 763276

## MOÇÃO

Os Delegados Sindicais dos Transportes Rodoviários reunidos em plenário na sede do seu sindicato, no dia 8/9/78, em face das dificuldades criadas nas negociações pelo patronato do sector privado, extremamente lesivo dos interesses dos trabalhadores, decidem:

- 1 - Manifestar a sua confiança à CNS;
- 2 - Exigir aos Ministérios dos Transportes e do Trabalho que as condições negociadas com o sector nacionalizado sejam igualmente aplicadas ao sector privado, e que a sua publicação se faça dentro do mais curto espaço de tempo, pois o poder de compra dos trabalhadores se vai debilitando em cada dia;
- 3 - Imputam aos Ministérios acima citados e às Associações Patronais a responsabilidade das atitudes que os trabalhadores sejam forçados a tomar a curto prazo na defesa dos seus direitos e interesses de classe.

POR UM CONTRATO COLECTIVO, VERTICAL E JUSTO! PELA DEFESA DAS CONQUISTAS ALCANÇADAS!

Lisboa, 8 de Setembro de 1978.

O PLENÁRIO

(Aprovada por unanimidade e aclamação)

PUB



## SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

## COMUNICADO

Camaradas:

Mais um trabalhador das Garagens faleceu, vítima de atropelamento ao atravessar.

Mais um vendedor de combustível faleceu vítima de atropelamento no seu local de trabalho. Tratou-se do camarada JOSÉ RODRIGUES FERREIRA, que trabalhava nas bombas da Petrolgal na Avenida Duarte Pacheco. Foi colhido por um veículo quando, em serviço se dirigia de uma das secções da estação de serviço para a outra, situada no outro lado da via.

Apresentando condolências à família do camarada, o Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativos do Centro e Sul, não quer deixar de aproveitar a oportunidade para alertar a opinião pública, todos os interessados e as entidades oficiais para a necessidade inadiável de tomar medidas enérgicas que protejam todos quantos trabalham em bombas e estações de serviço ao longo de grandes vias de comunicação que em serviço têm que frequentemente atravessar.

Que os trabalhadores pressionem nesse sentido as autarquias locais e a Junta Autónoma das Estradas.

Lisboa, 11 de Setembro de 1978.

A DIRECÇÃO

Victor Manuel Pires de Jesus

PJB

## MANIFESTAÇÃO

DE APOIO À LUTA DOS TRABALHADORES DO MAR

5.ª FEIRA — 19H — C. SODRÉ

CONTRATOS COLECTIVOS CÁ PARA FORA, JÁ! 25 DE ABRIL SIM — 24 DE ABRIL NÃO! NÃO AOS DECRETOS REACCIONÁRIOS! A LUTA CONTINUA!

NOTA: A Comissão Organizadora (que já teve a aderência e o apoio de diversos Sindicatos) repete o apelo, feito em 26 de Agosto, para que os restantes Sindicatos do Mar, C. Ts., Sindicatos em geral e Secretariado da CGTP apoiem a nossa luta.

## SPORTINGUISTAS

A preços de saldo está o TOP ROSS vendendo artigos de vestuário, com interesse para vós, e também para os restantes desportistas. Rossio 85, Telf. 365018

## "TACA DOS CLUBES CAMPEÕES EUROPEUS"



Oliveira: de pé atrás

Costa: decisivo em Atenas?

Pedrito: larga experiência

### GREGOS ESPERAM F.C. PORTO

## Rápidos, malabaristas estilistas razoáveis

Um amigo grego que eu tenho dizia-me um dia destes: Ha cinco anos que não vejo jogar uma equipa grega de futebol, mas, se as coisas não mudaram muito, não são poucas as dificuldades que esperam o campeão português, o F. C. do Porto.

Na Grécia pratica-se futebol com muita habilidade, sobretudo com grande agilidade. Os gregos não serão grandes tecnicistas, mas são tecnicistas razoáveis, atletas no sentido clássico da designação, mas também rápidos, velozes, quando necessário, malabaristas, etc., etc. Não serão grandes estilistas, mas são estilistas razoáveis. Não sei se mais ou menos do que o Porto, que só vi algumas vezes na televisão. Jogam muito bem, penso eu. Mas sou suspeito. Porque, para mim, jogar bem não é o que faz atualmente um Liverpool, por exemplo, ou faziam ontem um Bayer de Munique, e, entretanto, um Ajax de Amsterdão. Jogam bem, no sentido clássico, da correcção de processos estilísticos. E com garra, com genica, como se diz em português. Por vezes com furor, e sobretudo quando um público pelo menos tão entusiasta como o português puxa pela equipa e as coisas correm bem.

Não releva de concepções muito actualizadas do futebol, mas é a opinião dum grego (filósofo, poeta, se querem saber), e serve aqui para uma primeira referência. As referências que há do futebol grego, aliás, não fazem esta destoar, pelo contrário. As últimas que temos ou ouvimos são de idêntico teor, e talvez mesmo mais forte motivo de apreensão para a expectativa que envolve o confronto do Porto, amanhã à noite, em Atenas, contra (digamos antes com) o campeão da Grécia, o AEK, se não me engano, por extenso, Atlético Clube Helénico. Se me engano, amanhã ou depois corrigirei.

**LUIS MIRANDA ROCHA**  
nosso enviado especial a Atenas

O AEK, o maior clube de Atenas (o Panathinaikos é do Pireu, da área metropolitana da capital helénica, mas assim uma zozza como por exemplo Alcântara, Belém, ou Cascais) foi no ano passado a quarta vez que ganhou a Liga Nacional, e aqueles que seguiram a evolução das provas europeias lembram-se da carreira que a equipa fez na «Taça Uefa», eliminando sucessivamente o Dinamo de Moscovo, o Derby County, o Estrela Vermelha (de Belgrado), o Queen Park Rangers. Viria a ser eliminado depois pelo Juventus, vencedor da prova. Embora numa competição menos credenciada (ou talvez por isso mesmo, porque nesta competição costumam aparecer geralmente melhores equipas concorrentes do que nas duas principais), este «palmarés» é certamente melhor do que o do Porto na «Taça das Taças», que passou o Colónia e o Manchester e já não passou o Anderlecht. Mas, estas indicações não têm interesse de maior, já se vê. Assim como não tem interesse de maior lembrar que, aqui há doze anos, o AEK calhou na sorte europeia do Braga («Taça das Feiras») perdeu os dois jogos da eliminatória (0-1 em Atenas, 2-3 em Braga).

As últimas dizem que o AEK surpreendeu a espionagem do Porto, onde (Pedrito tem-no dito) sempre era preocupação menor ter de enfrentar uma equipa de alto gabarito ou uma equipa das menos cotadas no contexto europeu. Diz-se que os gregos foram uma surpresa. Dir-se-á que são um enigma, um mistério, pensando no que vai ser, como vai ser, o encontro, e as perspectivas com que os representantes portugueses regressarão para a segunda eliminatória em Portugal.

Nestas coisas não nos metemos nós. O meu amigo Neves de

Sousa tem o palpite de que o Porto vai passar. O técnico dos gregos, o famoso nome de Puskas — lemos nos jornais — afirmava aqui há dias em Atenas que não. Vamos ver.

A hora a que este jornal começa a circular, este vosso enviado especial deve ter aterrado ou estar prestes a aterrar em Atenas. A essa hora já lá deve estar a comitiva do Porto, dirigentes, técnico José Maria Pedrito, dezasseis jogadores. São eles: Fonseca, Torres, Gabriel, Teixeira, Simões, Freitas, Lima Pereira, Vieirinha, Oscar, Marco Aurélio, Gomes, Vital, Costa, Frasco, Duda e Oliveira.

Ainda hoje vou ver se os encontro, a saber de alguma coisa que valha a pena contar para amanhã. E ainda hoje vou ver se apanho uns amigos gregos, que talvez não saibam grande coisa disto, do futebol, mas não faz mal. Também eu não sei, o que se chama saber assim muita e grande coisa. Mas vocês não-de animar-me pensando que não é tanto assim, que o futebol é alguma coisa, muita coisa mais do que aquilo a que os «experts» o reduzem muitas vezes. Pode ser, é quase sempre, e espero que seja amanhã à noite, além dum bom espectáculo para se ver um grande banho de multidão, antes, depois e no intervalo de hora e meia de confronto onze contra onze num relvado entre quatro linhas. Tão interessante uma coisa como outra, afinal, e depende de cada um, da disponibilidade em que cada um se encontra, da capacidade de cada um para não se deixar prender demasiado a umas coisas e distrair-se das demais.

### Duda: a dúvida

A caminho de Atenas, onde os portistas já se encontram desde ontem, (pelas 16 e 45 hora portuguesa) a comitiva parou (durante duas horas) em Geneve, sob uma temperatura de 23 graus. Depois, a partir da cidade suíça, o F.C. Porto foi transportado juntamente com a turma do Servette, que igualmente se deslocou à Grécia para disputar, com o Paok, um lugar na «Taça dos Vencedores de Taças».

A turma azul-branca encontra-se instalada no Hotel Caravelle, em pleno centro de Atenas. ontem à noite, os comandados por José Maria Pedrito foram ao Estádio Nova Filadélfia para adaptação à luz e desentorpecimento muscular. Duda não participou da sessão, ficando no hotel em repouso absoluto.

Logo à noite, Pedrito volta a levar os rapazes para o Estádio, que pode albergar 35 mil espectadores mas, dado o elevado custo dos bilhetes de ingresso (entre 200 e 325 escudos portugueses), não deve esgotar a lotação.

### CHECOS EM CASA

## Alvalade: o público tem a palavra

Hadamcik, um sujeito que, do camarote directivo do Sporting espreitou a partida dos «leões» com o Vitória de Guimarães disse:

— O Sporting passa bem da defesa para o ataque. Tem jogadores de bastante nível técnico. Mas, se conseguirmos não perder cá por mais de dois golos, temos grandes hipóteses no encontro da 2.ª mão.

O sujeito é o treinador do Banik. «Nós», é evidente, trata-se da forte, coriácea, aplicada turma de Ostrava, intérprete do futebol checoslovaco que, como muito boa gente não desconhece, é de magnífica craveira e belíssimo historial.

O Sporting apresentou um cartão de visita para muitos valores: solto, desenvolvido, ágil, vibrante a partir do instante em que Mário Wilson não descobriu que todo o jogo verde nascia em Zandonaide e o brasileiro jamais se afrontou com guarda à vista. Amanhã, porém, os checos devem estar de sobreaviso: daí que a inclusão de Keita possa significar, no entender de Pavic, uma divisão de tarefas entre o sereno mali e o impulsivo sul-americano, a quebrar os rins de uma defesa que terá de ser frequentemente colocada à prova para os portugueses atingirem uma margem confortável antes da viagem a Ostrava.

Assim sem poder contar com unidades vitais (Baltasar, Fraguito, Jordão, Barão) o Sporting tem em estágio um bom «plantel»: Valter, Botelho, Artur, Laranjeira, Zéinho, Inácio, Menezes, Bastos, Marinho, Ailton, Zandonaide, Keita, Ademair, Vítor Manuel, Manuel Fernandes e Manoel. Os checos, entretanto, aterraram em Lisboa trazendo 16 homens: Michalik, Schammler, Fols, Vojacek, Radjmeck, Rigelo, Pechacik, Sramek, Galla, Nemer, Antalík, Knapp, Sreinek, Lieka, Albrecht e Srusar.

Os «leões» (concentrados em Carcavelos) fizeram esta manhã um «cross» por Monsanto. Os checos só ao princípio da tarde pisam a Portela de Sacavém, devendo seguir para o Hotel Sintra-Estóvil e, pela noite, darem um pulo a Alvalade, para verem como é a luz e como está a relva.

Evidentemente que o Sporting deve, a partir do primeiro instante do diálogo, jogar em ataque pleno: só isso lhe serve, apenas isso interessa a uma turma que tem de se prevenir (bem) cá por casa antes de ir à do



Zandonaide: salto para a popularidade, à custa do Guimarães

vizinho. Os «leões», que patentearam maior segurança defensiva a partir do instante em que o meio campo (com a inclusão de Zandonaide) deixou de ser um corredor escancarado, têm (todavia) a dianteira como melhor

## "TACA DAS TACAS"

### NEVES DE SOUSA

arma, especialmente se Manuel Fernandes estiver no comando de uma frente lateralizada pela extrema habilidade de Keita e pelo engodo de Manoel na conquista do golo. Manuel Fernandes e Keita, esteticistas de um futebol adornado, complementam-se com um «brigão» que nunca vira a cara aos «backs» contrários e, de fio a pavio, persegue a bola com a avidez de um menino.

querda, Ailton no centro e Marinho mais encostado à direita, para compensar as incursões que Artur gosta de rubricar pelo seu corredor.

Fundamental, contudo, será o público de Alvalade, capaz (perfeitamente) de catapultar a turma do Sporting para uma acção que a encaminhe para outras famosas noites de sabor europeu. É imprescindível que a vantagem de jogar entre muros seja total-



Marinho e Botelho, no departamento médico do Sporting, onde pontifica o dr. Branco do Amaral

Zéinho e Keita: certeza e dúvida

Mas, para que isso suceda, é imprescindível que o Sporting segure bem o centro do terreno, não permitindo aí devaneios de construção aos pouco rendilhados checos que são altamente eficientes e, em meia dúzia de corridas, transportam a bola jogável até à sua flecha disparadora. Os «leões» terão de colocar Zandonaide sobre a es-

mente aproveitada: não é com vaia ou assobios que se incentivam homens que, como profissionais, não gostam de perder nem a feijões. Logo, ninguém joga mal por querer: e um lance menos bom pode ser compensado, imediatamente, pelo aplauso-ajuda que facilitará um golpe de fortuna no minuto seguinte.

## D. MARIA II

Traga uma "D. Maria II"  
e verá que ainda lhe damos  
8 "Camilo Castelo Branco"  
e uma "Rainha Santa Isabel",  
na compra de uma camisa.

Venha ao TOP ROSS, que lhe faremos o troco.

ROSSIO 85

Tel. 365018

## NOTAS DE 20\$00 (VICE-GOVERNADOR)

Aceitamos as notas, que sejam assinadas  
pelo Vice-Governador, em troca dos artigos  
que vendemos a preços de saldo.

Dez notas trocamos por umas calças, ou saia.

Vejam os nossos preços.

TOP ROSS Rossio 85 Tel. 365018

"TAÇA UEFA"

## BRAGA À ESPERA DE MALTEZES

### Fernando Caiado:

### "Sim, sim, mas nunca fiando!"

MANUEL NETO

Já lá vão 12 anos desde que a turma representativa da cidade dos arcebispos esteve envolvida pela última vez numa competição europeia, a «Taça dos Vencedores das Taças» em que (curiosamente) defrontou e eliminou a equipa do AEK (de Atenas) agora parceira do F.C. Porto na «Taça dos Campeões». Este ano, na «rifa» de Zurique, saiu ao Sporting de Braga o Hibernians (de Malta) uma equipa desejada por toda a gente, já que se encontra ainda numa fase embrionária que pode significar «dinheiro em caixa», para qualquer adversário ao nível dos bracarense. Às vezes, porém, pode aparecer um Joe Xuereg qualquer (que, por sinal, é a vedeta dos malteses, nos seus 19 anos reforçados por uma vontade enorme de triunfar) capaz de deitar tudo a perder. Por outro lado, o Hibernians, como de resto todas as equipas de Malta, tem procurado aperfeiçoar-se, de modo a atingir o nível do «grande continente» e a melhor prova disso está nos resultados já conseguidos frente a algumas das boas equipas europeias, como por exemplo o Manchester United e o Spartak de Trnava que, no Estádio Império, não conseguiram melhor do que um empate.

A comitiva do Hibernians chegou à capital do Minho algumas horas após a turma arsenalista ter batido o F.C. Porto e, ontem de manhã, já tomou contacto com o relvado do «Estádio 1.º de

que soube que seria nosso adversário e, portanto, não tenho ilusões. Em Malta, talvez possamos fazer mais alguma coisa, visto que teremos o público a apoiar-nos e jogaremos num terreno pelado.

Instado a pronunciar-se sobre os jogadores que formarão o «onze» inicial, Busuttil nada adiantou, mas pelas informações recolhidas sabemos que se tratam de elementos muito jovens e que formam um conjunto homogêneo que costuma alinhar do seguinte modo Bonello; Zerafa, Buttigieg, Ellul e Mizzi; Cauchi, Mallia e Xuereg; Farrugia, Vella e Gonzi.

No tocante aos bracarense, o dia de ontem foi de repouso, logo após os banhos e massagens, Ronaldo, que no jogo com o F.C. Porto deu a sensação de ficar fortemente contundido) recuperou e é dado como quase certo na equipa que jogará e que, em princípio, será a mesma que derrotou o Porto. Entretanto, hoje de manhã, os bracarense efectuaram um treino essencialmente tático, acompanhado de ligeiros exercícios para completo desentorpecimento muscular. Embora muita gente pense que vão ser «fávas contadas» a verdade é que o técnico Fernando Caiado não pensa assim:

— Como não conheço nada sobre o valor dos malteses em princípio vou tomar todas as precauções, como se de um adversário de valia se tratasse. Se o Hibernians está



Luz europeia, pela 1.ª vez, em Braga

equipa minhota (mormente do Porto de vista em que é apontado como um dos homens que poderá resolver esta eliminatória) também nos afirmou:

Não sei absolutamente nada do Hibernians. Melhor sei apenas que se trata de um conjunto que, a nível internacional, ainda não fez nada que justificasse o aparecimento nas primeiras páginas dos jornais e, talvez por isso, é que estamos um pouco reservados quanto ao desfecho desta eliminatória. Pela minha parte, no entanto, acredito que o Sporting de Braga tem valor suficiente para ultrapassar esta equipa de Malta, desde que consiga aqui, em Braga, um resultado satisfatório e de acordo com os seus legítimos interesses.

Resumindo a ideia:

Bem sempre e melhor para nós esta equipa de Malta do que, por exemplo, uma equipa inglesa. Com estes não devemos ter grandes problemas, enquanto que se fossem ingleses ou alemães...

Lito termina

O Braga ainda não está a cem por cento, mas para o Hibernians deve chegar. Pelo menos, estamos preparados para realizar uma exibição ao nível daquelas que temos vindo a efectuar neste campeonato, o que já não será mau.

## Nantes-Benfica, amanhã à noite:

### "décimo" contra "décimo"

EUGÉNIO ALVES NOSSO ENVIADO ESPECIAL A NANTES

Ainda indeciso quanto à formação que tenciona apresentar amanhã à noite, frente ao popular clube da foz do Loire, classificado (tal como o Benfica, entre nós) no décimo lugar do respectivo campeonato, o técnico Mortimore deverá ter colhido, no treino desta manhã, no estádio do Nantes, algumas indicações, quanto ao problema da arrumação das suas principais figuras na defesa e no meio-campo.

Porque, na verdade, uma equipa que se dá ao luxo de em Setúbal manter no banco dos suplentes o «patrão» Toni da equipa que, durante todo o campeonato anterior nunca soube o que fora a derrota, ou está já perfeitamente estruturada e mecanizada para a época em curso ou, então, tudo vai mal, e os problemas, previsíveis, do regresso de Alves e Alinho à turma benfiquista não foram suficientemente ponderados. A segunda hipótese tem, para já, como trunfos, as derrotas sucessivas do Benfica nas Antas e em Setúbal, com exibições e esquemas táticos que reflectem, aparentemente, demasiada improvisação.

Ora a campanha europeia não dura os nove meses do campeonato interno, e, tudo pode pois, ruir numa simples eliminatória, onde o adiantado da preparação, solidez e estrutura da equipa contam decisivamente.

No jogo com o Vitória sadino, tal como o Neves de Sousa já contou para os leitores do «DL», foi visível o desajuste técnico e tático da turma encarnada, com demasiados «patões» no terreno, pouca combatividade, muita rivalidade entre alguns dos jogadores, e notória incapacidade, para já, do treinador inglês em arrumar o «onze», e mentalizá-lo para um espaço mais intenso, dedicado e colectivo.

Quanto à equipa bretã, parece beneficiar cada vez mais da classe do argentino Trossero, presente já, amanhã, no jogo contra o Benfica. A autorização da UEFA para que o «mundial» possa alinhar pelo Nantes chegou no domingo. Na véspera, Trossero, goleador nato, fez os dois golos da equipa na partida da décima jornada da liga francesa, contra o Paris F. C.

Apesar de estar situado a meio da tabela no campeonato francês, cumpridas já dez jornadas, o Nantes conta pelo menos com a vantagem de estar mais rodado, quer tática quer fisicamente, o que ligado à possibilidade de inclusão de Trossero, sugere uma partida difícil para o vice-campeão português. Todavia, não é de excluir um volte-face nas exibições benfiquistas, equipa tradicionalmente feliz nos jogos com as equipas estrangeiras. Amenhã se verá!



Na hora da abalada para Nantes: os benfiquistas Reinaldo, Alves, Pietra, Alberto, Diamantino e Rui Lopes

## Toni e Eurico voltam ao "onze"

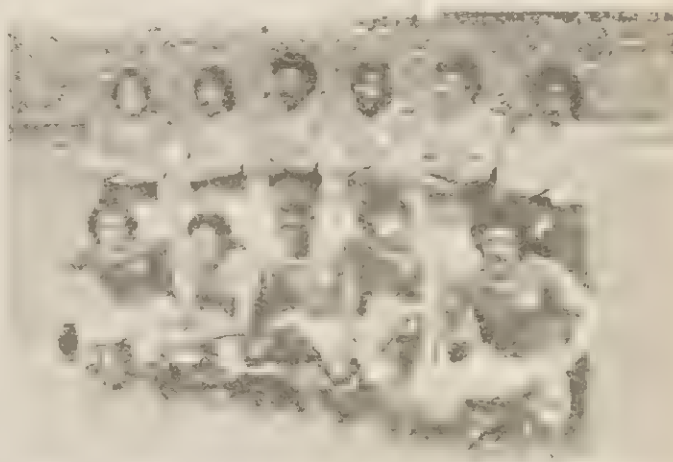
Pelas 21 horas de ontem, a delegação do futebol benfiquista chegou a Nantes, após breve escala em Paris. Dirigentes do clube francês que é oponente dos «encarnados» e o cônsul de Portugal na cidade de Nantes, estiveram a saudar a caravana da Luz.

Hoje, Mortimore dirigirá um treino da equipa portuguesa no estádio do Nantes, depois do treinador local (Jean Vicent) ter, também, orientado uma sessão preparatória dos seus homens.

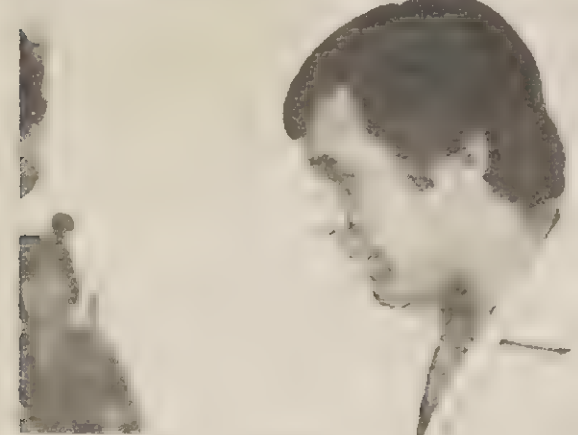
Jogadores de alto gabarito (casos do argentino Trossero, ou dos «internacionais» franceses Bertrand-Demanes, Lacombe, Rio, Michel, Bossis e Baronchelli) reúnem a maior confiança da «torcida» local, que confia (quase cegamente) na capacidade do Nantes para levar de vencida um Benfica que, ao peso

de duas derrotas consecutivas (facto anormal na sua história dentro dos campeonatos portugueses) pode prolongar, em terras francesas, o seu mau momento.

Entretanto, já se sabe que Mortimore vai introduzir grandes alterações em relação ao grupo apresentado no Bonfim, devendo regressar Toni e Eurico, provavelmente com a saída de Alberto e Bastos Lopes. De qualquer modo, Mortimore dispõe do seguinte «plantel»: Bento, Pietra, Bastos Lopes, Alinho, Humberto Coelho, Alves, Sheu, Alberto, Chalana, Nenê, Reinaldo, Rui Lopes, Fidalgo, Toni, Pereirinha, Eurico e Diamantino, que fez a viagem em lugar de José Luis, que por se encontrar convalescente de uma lesão continua a preparação a meio gás



Talvez o grupo para amanhã. Em cima: Eurico, Bastos Lopes, Alinho, Humberto Coelho, Toni e Bento. Ajelhados: Alves, Sheu, Reinaldo, Chalana e Pietra



Fernando Caiado: o cauteloso depoimento

Maio», onde amanhã à noite (21.30) defronta o Sporting de Braga, em jogo da 1.ª «mão» a contar para a eliminatória inicial da «Taça UEFA». Após a breve sessão de desentorpecimento físico, o técnico do Hibernians (Busuttil) em declarações aos jornalistas, afirmou:

Com uma equipa totalmente amadora, como a nossa, o que se pode fazer? Sabemos que vamos ter muitas dificuldades perante o Braga, cuja carreira tenho acompanhado a par e passo pelos jornais, desde

numa prova europeia por algum motivo é. Por isso, nunca fiando...

E a concluir

— No jogo de cá, tentaremos construir um resultado que nos ponha a cobro de qualquer surpresa que possa surgir no jogo de lá. Para isso, não podemos pensar que os golos vão aparecer sem nós os justificarmos e, sobretudo, temos de estar muito atentos para não sofrermos nenhum.

Por seu turno, Lito, um dos jogadores mais influentes na

# FEIRAS EM

# PARIS

\* Salão Automóvel  
6 a 10/10

\* Equipamento e Gestão  
(Hotéis, Restaurantes e Cafés) - 14 a 18/10

\* Prêt-a-Porter  
(Feminino) - 21 a 25/10

Para mais informações,  
contacte-nos.

**STAR**  
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA  
LISBOA  
AV. SÓCRATES, 10 - 1.º ANDAR - 1200-017  
PRACA DOS RESTAURADORES, 34 - TEL. 361.5471  
Estoril - Faro - Porto - Funchal

## ROTEIRO CULTURAL

Outubro está à porta, embora continuemos, climatologicamente, em pleno Verão. Já que o calor não ha meio de entrar em férias. Outubro ou, melhor, a segunda quinzena de Setembro, é um período de actividade intensa em todas as grandes cidades. Embora Lisboa não seja exactamente aquilo a que se chama uma grande cidade quando comparada com as principais capitais europeias o certo é que, no fim do Verão, já se regista uma certa actividade nos meios artísticos. Para já, a Companhia Nacional de Teatro Popular inicia na quinta-feira a segunda série de representações de «Jesus Cristo em Lisboa», a que fizemos larga referência neste Roteiro Cultural aquando da sua estreia. «Anima», o grupo em acção no Teatro do Nosso Tempo, (Praça José Fontana) está novamente a apresentar, desde ontem, o original português de Rui Mesquita «Relatório sobre Atlântida». Graça Lobo, Ana Zanatti, e Fernando Curado Ribeiro continuam no teatro experimental do D. Maria II, com os ensaios da peça «Velhos Tempos» («Old Times») de Harold Pinter. Esta peça é encenada por Carlos Quevedo, cujo «palmarés» já foi publicado neste Roteiro Cultural. Recordamos,

a propósito da presença de Curado Ribeiro neste grupo, que foi este actor quem dirigiu os seus colegas que intervêm no folhetim «Volfrâmio», de Aquilino Ribeiro, que hoje se estreia na RTP. No D. Maria II, ultimam-se os ensaios da peça «Felizmente já Luar», que estreia no dia



O maestro húngaro Gyula Nemeth que rege a orquestra Gulbenkian hoje no Estoril

22. Afirmam-nos que está tudo a correr bem e que a peça está praticamente pronta. Moraes e Castro, do Teatro

Aberto, refugiou-se ontem em Ferreira do Zêzere a fim de trabalhar o texto da nova peça de Sttau Monteiro que esse teatro vai estreiar para abrir a temporada. Os restantes actores da companhia, com excepção de Rui Mendes, continuam em Vila do Bispo à espera do sinal para o arranque dos ensaios. Preparativos como se vê, não nos faltam...

Não foi só em Lisboa, porém, que começaram a acontecer coisas. Em Setúbal, por exemplo, está a meio dos ensaios um espectáculo comemorativo do aniversário do nascimento de Bocage, levado a efeito pela Câmara Municipal desta cidade, que terá lugar na Praça do Bocage nas noites de sexta-feira (feriado municipal), sábado e domingo. Colaboram neste espectáculo os grupos de teatro Teia, Presença, Grupo dos CTT de Lisboa e Teatro de Animação de Coimbra.

A vida cultural — também recomeçou em Évora com a chegada do fim de Setembro. Terminadas as férias, o Centro Cultural desta cidade promove uma digressão pela cidade e arredores do seu grupo de teatro que tem em cena as peças «O que diz sim, o que diz não», de Bertolt Brecht, e «A noite dos visitantes», de Peter Weiss

Para que os nossos leitores não fiquem a pensar, porém, que está tudo na fase dos projectos, lembramos-lhes que estão em cena duas peças de grande interesse:



Curado Ribeiro, Ana Zanatti e Graça Lobo da Costa, no decorrer de um ensaio da peça «Velhos Tempos» que vai subir à cena no «Experimental» do D. Maria II

«Woiseck» (Teatro do Bairro Alto) e «As aventuras de Peter Eulenspiegel» (Almada). Perder estes espectáculos é imperdoável, já que ambos merecem a atenção de todos os amadores de teatro.

Os nossos leitores que gostam de música estão hoje em festa porque, neste sector, nem tudo está, ainda, em preparação e quem quiser estar hoje no Pavilhão de Congressos do Estoril terá oportunidade de assistir a um concerto importante em que intervirão o violinista Denes Kovacs e a Orquestra Gulbenkian, dirigida por Gyula Nemeth. Serão interpretadas as seguintes obras: «Eine Kleine Nachtmusik», de Mozart; Concerto n.º 2 em Mi maior, n.º 88, de Bach e Sinfonia em Sol maior, n.º 88, de Haydn.

Trata-se de um concerto aguardado com interesse e julgamos que o Pavilhão de Congressos estará, hoje, a abarrotar.

Atenção: o concerto da Orquestra Sinfónica do Teatro de S. Carlos que estava anunciado para amanhã na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica foi cancelado. Este concerto integrava-se na série de concertos que os organizadores do VII Festival de Música do Estoril têm vindo a promover. Dado o interesse que este Festival está a ter, informamos, desde já, que o seu próximo concerto terá lugar na mesma Aula Magna na quinta-feira, às 21.30.

## HORÓSCOPO DA SEMANA DE 11 A 16

Se o signo é Aquário, Caranguejo, Virgem ou Leão, ou qualquer dos restantes, deverá procurar fazer boas compras especialmente de artigos de vestir aproveitando os preços de SALDOS que o TOP ROSS está praticando. ossio 85 Telefone 365018

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** está à venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

## tempo

### SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H.

Em Portugal continental o céu estava limpo, o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro na faixa litoral Oeste.

### TEMPERATURAS DO AR

|                  |     |
|------------------|-----|
| VIANA DO CASTELO | 22° |
| BRAGANÇA         | 23° |
| VILA REAL        | 21° |
| PORTO            | 21° |
| P. DOURADAS      | 25° |
| COIMBRA          | 17° |
| PORTALEGRE       | 29° |
| LISBOA           | 23° |
| EVORA            | 24° |
| SINES            | 24° |
| BEJA             | 20° |
| SAGRES           | 27° |
| FARO             | 28° |
| PONTA DELGADA    | 22° |
| FUNCHAL          | 26° |

### MARÉS DE HOJE

| PREIA-MAR   | BAIXA-MAR   |
|-------------|-------------|
| 10.58 3,6 m | 4.19 1,6 m  |
| 23.42 3,6 m | 17.03 1,4 m |

### DIA 13

|             |             |
|-------------|-------------|
| 12.08 3,8 m | 18.07 1,2 m |
|-------------|-------------|

### DIA 14

|             |             |
|-------------|-------------|
| 0.44 3,8 m  | 6.29 1,2 m  |
| 13.05 4,1 m | 19.00 0,9 m |

### PREVISÃO DO TEMPO ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente e seco com céu limpo; vento fraco; neblina matinal no litoral Oeste.

NASCEM AS 7 16

OCASO AS 19 49

DIA 16 DIA 24 DIA 2 DIA 9

## rádio

### 1.º Programa

19.00: «Poemas e Poetas» Música portuguesa 20.00: Jornal da noite 20.30: Conjuntos. 21.00: Trailer do folhetim «Volfrâmio», de Aquilino Ribeiro, numa adaptação de Orlando Neves 21.20: «Contraponto». 24.00: Último jornal 00.20: Jazz 00.30: Vozes na noite 01.00: Música na noite (RDP-Centro)

### 2.º Programa

17.57: Ópera 2.º acto de «A Italiana em Argel», de Rossini. 19.00: Música portuguesa: Scherzo op. 5, de João Anjo. Prelúdio e Fuga, de Augusto Machado. Baladeiras, de Claudio Carneiro. Sonatina para viola e piano, de Luis Costa. Sais Canções de Elvira de Freitas. Suite para flauta, piano e percussão, de Victor Macedo Pinto. 19.45: Valsas op. 55, de Johann Nepomuk David. 20.00: Três Sinfonias de William Boyce. Adagio para cordas, de Samuel Barber. Sinfonia Simples, op. 4, de Benjamin Britten

### 3.º Programa

Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Vertical» 18.20: Prevenção e saúde pelo dr. José Matilides. 18.50: Temperaturas do ar 19.05: Teatro lírico pelos Parodiantes de Lisboa 19.30: Vertical-Transito. 20.15: Vertical-Filatelico, por Carlos Oliveira 21.30: Quando o telefone toca 22.00: Suplemento — Quando o telefone toca 23.05: Novas de Alegria. 24.00: Coimbra. «Suplemento» (continuação) 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer 00.15: Dia a dia com o passado. 01.05: Tempo internacional 02.00: Fecho

### 3.º Programa

Local (187,5 m)

16.00: Convite 18.00: Compasso 18.15: Sal e pimenta (repetição) 18.45: O que o que não leu. 20.40: Serviço de Agenda 21.00: Fecho

### 4.º Programa

Emissão total em estereofonia

16.00: Gong 19.00: Em órbita 20.00: «Forum», realização de Jorge Ramos 22.00: Auditório 00.00: Prisma realização de Fernando Quinas 01.00: «O homem no tempo» programa de antropologia. Produção de João de Sousa Monteiro e João David Nunes 02.00: Fecho

### RADIO RENASCENÇA

18.08: Apelos 18.15: Igreja em noite — Palavra do dia 18.30: Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito 19.00: Prog. da Liga Amigos de R.F. 20.00: Objectivo. 20.53: Apelos 21.05: Música e cantares da nossa terra 21.30: Ao encontro da 1.ª. música 22.00: Quando o telefoneta toca 22.30: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima

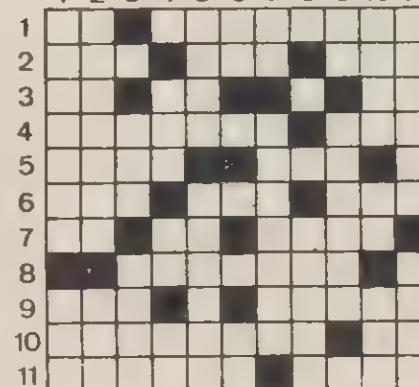
## palavras cruzadas

### COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 139

#### HORIZONTAIS

- Artigo definido. Lugar onde se guarda coisa digna de veneração
- Utensílios domésticos. Pronome relativo. Chiste
- Artigo definido (ant) ouro (s.q.) Germânico (s.q.)
- Vive. Passa rapidamente
- Guarnecido de asas. Voz do gato
- Zombas. Vazio. Liga
- Autores. Bárrio (s.q.). Espécie de cabrestante que leva grandes pesos
- Abastecida
- Recusa. Títulos
- Transferidas para outro dia. Manuscrito
- Peneirar. Jarro (planta)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



#### VERTICAIS

- Realizara. Em as
- Freira da Ordem da Nossa Senhora da Visitação, instituída por S. Francisco de Sales. Nome de mulher
- Sadias. Tempo do verbo ser
- Uma das Novas Hébridas, na Melanésia. Boro (s.q.) Artigo definido
- Neste lugar. Furara
- Cobre (s.q.). Caminhar
- Nota musical. Revolta
- Velha
- Reis. Retrocedem
- Personagem do «Otel» de Shakespeare. Tempo do verbo ir. Ave pernalta
- Encerara. Pronome demonstrativo

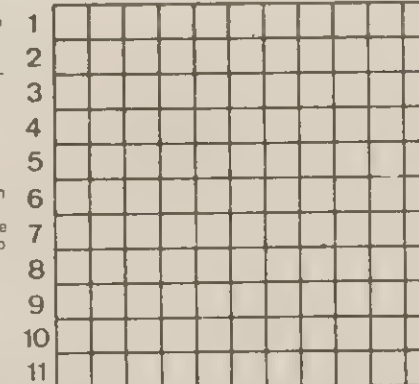
Resolheu completamente este problema? Prove agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito

### NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 199

#### HORIZONTAIS

- Vila e sede de concelho (Aveiro). Calor (Bras)
- Ligaremos
- Batráquio. Matemática. Rapariga leviana (Prov. trasm)
- Cume. Agúcar
- Pega. Rádio (s.q.)
- Sadia. Estímes
- Disfarçar
- Agora. Igar
- Depressão na lombada de um monte (pl) Irmã da mãe
- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Reino da Federação Indochinesa
- Entusiasmar

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



#### VERTICAIS

- Nome de mulher. Amolgadura
- Extremidades dos braços. Praia
- Nota musical. Antiga medida agrária
- Deserto. Antes de Cristo. Patrão
- Côlera. Oferecer
- Roi. Equipado
- Bras. Leito
- Pronome pessoal. Época. Nota musical
- Frade catalão que veio a Portugal como embaixador do rei de Espanha, para tratar do casamento de D. Dinis com Santa Isabel. Pular
- Pegar. Vou para fora
- Empregaram. Nivela

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 138

#### HORIZONTAIS

- QUEM TARDE
- Jhi Prior
- Eta Oásis
- Rá Rum
- Era Calmaria
- Ser Ora. Sol
- Mau Es
- Res Lida
- Nair Nos
- Diatris Ec
- Asasses Rua

#### VERTICAIS

- Queres ANDA
- Untarem Ais
- Eial Ara Ita
- Urras
- POUCO Rs
- Tramamas Ie
- As La Nas
- Roiam Elos
- Ors Assis
- Cro Eu
- Ne ALCANÇA

Provérbio: QUEM TARDE ANDA POUCA ALCANÇA

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 198

#### HORIZONTAIS

- Japão. Prata
- Aturo Aurir
- Rei. Trinar
- Das Ara. Ase
- Ar. Alara
- Ardinas Ca
- Ai. Ad.
- Amia Oba Ma
- Ruar. Se Bar
- Tara. Ora. Da
- As. SS. Arras

#### VERTICAIS

- Jarda. Carta
- Aleara. Muas
- Puis. Rair
- Ar. Adaras
- Oo. Ai
- Trancoço
- Parara. Bera
- Rui. Assa. Ai
- Arna
- Tias. Camada
- Arrecadadas

## Lisboa

### Até às 22 horas

**ASCENSO** — P. Norte, 11-A (B Encarnação). Tel. 311216-310172. **BAIRRAO** — Rua Prior do Crato, 25. Tel. 661321. **BENFILUZ** — Estr. de Benfica, 444 A. Tel. 782606. **CARDEIRA** — Av. Duque de Ávila, 32-C. Tel. 43495. **CARRONDO** — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A. Tel. 842518. **CONCEIÇÃO** — C. D. Gastão, 30-32. Tel. 381279. **DOURO** — Alameda das Flores, 93-A-B. Tel. 791131. **ESTEFÂNIA** — Rua Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438. **GALÉNICA** — R. das Pretas, 12 14. Tel. 322588. **GOMES, SUCR.** — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193. **LUSA** — Av. Almirante Reis, 199-A. Tel. 41269. **MARCOS DO NASCIMENTO** — C. Marquês de Abrantes, 36-A. Tel. 664238. **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B. Tel. 720703. **NOVA** — Rua de Campolide, -728395. **OLIVAIS** — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 311237. **PINHA-RANDA** — Rua da Rosa, 49-96. Tel. 321534. **PINHEIRO** — Campo de Ourique, 131-133. Tel. 686640. **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C. Tel. 721419. **RONIL** — Rua Rodrigo da Fonseca, 153. Tel. 683438. **SÁ DA BANDEIRA** — Rua M. Sá da Bandeira, 36-42. Tel. 54672. **SANTO ANTONIO** — Rua Leite Vasconcelos, 72-C. Tel. 862333. **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A. Tel. 763016. **SILVA CARVALHO** 6 Rua dos Fanqueiros, 126. Tel. 873875. **S. BARTOLOMEU** — V. Paulo Jorge, 1. Tel. 970969. **SOARES** — Av. Álvares Cabral, 1. Tel. 684282. **UNIAO** — Rua Saravia de Carvalho, 145-F. Tel. 663643. **VERA CRUZ** — P. Afr. Peixoto, 2-B. Tel. 724941. **ZIL** — av. da Igreja, 9 D-E. Tel. 891780.

### Permanente

**CARRONDO** — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A. Tel. 842518. **CONCEIÇÃO** — C. D. Gastão, 30-32. Tel. 381279. **DOURO** — Alameda das Flores, 93-A-B. Tel. 791131. **GOMES, SUCR.** — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193. **LUSA** — Av. Almirante Reis, 199-A. Tel. 41269. **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Marquês de Abrantes, 36-42. Tel. 54672. **SILVA CARVALHO** — Rua dos Fanqueiros, 126. Tel. 873875. **UNIAO** — R. Saravia de Carvalho, 145-F. Tel. 663643. **VERA CRUZ** — P. Afr. Peixoto, 2-B. Tel. 724941.

**NOTA** — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

### Outra Banda

**ALMADA** — Magalhães — Rua Capitão Leitão, 8-B. Tel. 2750242. **COVA DA PIEDADE** — Atlântico — Av. Rainha D. Leonor, 45-A. Tel. 2764466. **LARANJEIRO** — Feijó — Rua Dr. Borges Rego, 7. Tel. 2490911. **COSTA DA CAPARICA** — Carlos — Av. do Mar, 34-A. Quinta de St.º António. **SEMIEMBRA** — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028. **BARREIRO** — Pimenta — Rua C. Joaquim António de Aguiar, 259. Tel. 2073012. **SEIXAL** — Godinho — L. da Igreja, 51. Tel. 2218590. **MONTUJO** — Giraldes — Rua Almirante Reis, 45. Tel. 210008. **MOTA** — Silva Rocha — P. da República, 16. Tel. 239029. **ALHOS VEDROS** — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8. Tel. 239029. **ALCOCHETE** — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137.

## Linha de Cascais

**ALGES** — Combatentes — Aven. Combatentes G. Guerra, 166. Tel. 2113953. **ALCABIDECHÉ** — Carvalho — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. **CARCAVELOS** — Central — Até às 22 horas. **Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Sabóia, 29-B. Tel. 260085. **PAÇO DE ARCOS** — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184. Tel. 2432034. Até às 22 horas. **OEIRAS** — Godinho — Rua Cândido dos Reis, 98. Tel. 2430090. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas. **PARADE** — Aislir — Av. Gago Coutinho (B.º das Casas de Previdência), Tel. 2472848. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PARADE** — Junqueiro-Mendes — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — Amoreira — Tel. 262313-267314. Até às 22 horas. **ESTORIL** — Parque — Arcadas do Parque, 3. Tel. 260191. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CASCAIS** — Misericórdia — Rua Regimento 19, 41. Tel. 280141. Até às 21 horas. **Cascais** — Rua Conde Monte Real (B.º das Casas), Tel. 282407. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

## Linha de Sintra

**AMADORA** — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A. Tel. 935518. **Permanente** **Clabell** — Rua António Sardinha, 23-D. Tel. 938551. Até às 22 horas. **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A. Tel. 970461. **QUELUZ** — Zeller — Rua da República, 63. Tel. 950045. **CAMARATE** — Batalha — Rua Aveiro, 5. Tel. 2518689. **CACÉM** — Guerra Rico — Entre Lotes, Freixo Capão Tel. 2944002. **MEM MARTINS** — Miranda Garcia — Estr. de Mem Martins, 173-B. Tel. 2914103. **Permanente** **AGUALVA-CACÉM** — Mira Sintra — P.N. Torre, 310. Até às 20.30 horas. **MERCES** — Claro Russo — Até às 21 horas. **RIO DE MOURA** — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. **S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim — Tel. 980456. **Permanente** **COLARES** — Abreja — Tel. 299088.

### Porto

(De dia e só até às 22 horas)

**MAGALHÃES** — Rua de Serralves, 566. Tel. 63561. **CORREIA** — Pr.º Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869. **CORUIJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473. Tel. 51928. **LAPÁ** — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697. **LUSO-FRANCESA** — Rua da Bandeira, 140. Tel. 26134. **CENTRAL** — Rua 31 de Janeiro, 203. Tel. 21684. **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420.

(De dia e toda a noite)

**FOZ** — Rua Senhora da Luz, 380. Foz Tel. 680127. **COUTO** — Lg. de S. Domingos, 106. Tels. 25963/311965. **ALRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593. **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148. Tel. 490889.

### Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)  
**NAZARETH** — Rua Ferreira Borges, 135-139. Tel. 22605. **CRUZ & COSTA** — Rua A. Vasconcelos, 71. 71-A. Tel. 22715.

## ALVALADE

893055

Centro Comercial de Alvalade

**SALA A** — As 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h — Para todos  
**NA IDADE DA INOCÊNCIA**  
As 23.45 h (18 anos)  
**HERÓI DO ANO 2000**  
**SALA B** — As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h — 18 anos  
**BETSY**

## ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 15.15, 18.15 e 21.30 h  
Ele volta para divertir toda a família  
**SOLDADO AVENTUREIRO**  
Com Bud Spencer  
Para todos  
Colondo  
2.ª semana

## APOLO

763319

Av. Julio Dinis, 10-A

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h  
O cinema que vamos ver  
**O DESERTO DE TARTAROS**  
Nao acon. men. 13 anos  
Hoje às 23.30 h — Em reposição  
Nao acon. men. 18 anos  
**COMBOS RIGOROSAMENTE VIGIADOS**

## AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30  
Grupo B — 10 anos  
**NAO SOU DIGNO DE TI**  
Os grandes êxitos com as melhores canções de GIANNI MORANDI  
4.ª semana

## BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

8.ª semana  
As 14.00, 16.30, 19 e 21.30 h  
Desopilante!  
**O GENDARME EM NEW YORK**  
Com Louis de Funes  
Um filme de Jean Girault  
Para todos — Colondo

## CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h  
Festival Walt Disney  
**CARROCEL WALT DISNEY**  
Technicolor — Para todos

## CASTIL

580194

Rua Castilho

2.ª semana  
As 15.30, 18.30 e 21.30 h  
Nao acon. men. 18 anos  
Claudia Cardinale e Jean Paul Belmondo, em  
**AS BALAS NUNCA SE PERDEM**  
(La Soumoure)  
Um filme de Jose Giovanni

## CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30  
**EMMANUELLE, A ANTI-VIRGEM**  
Interdito men. 18 anos  
Contém cenas eventualmente chocantes  
As 24 h — Int. men. 18 anos  
**COLPES MORTAIS**

## CINE CAMÕES

24184

Rua do Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30 h  
Nao acon. men. 13 anos  
**O PECADO MORA AO LADO**  
Com Marilyn Monroe e Tom Ewell  
As 18.45 h — Para todos  
**AS LUPES DA CIDADE**

## CITY CINE

Rua Tomas Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h  
Nao acon. men. 13 anos  
Um festival de gargalhada!  
**CANTIFLAS O CATEDRÁTICO**  
As 23.45 h Cinencontro  
Nao acon. men. 18 anos  
**A LESTE DO PARAISO**

## CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19, 21.30 h  
Int. men. 13 anos  
A colossal comédia de Pietro Germi  
7.ª semana  
**ALFREDO ALFREDO**  
com Dustin Hoffman e Stefania Sandrelli

## DOIS MIL

210055

Av. Bombeiros Voluntários

Lote 113 — Alges  
15.30 e 21.30  
**JOGOS DE AMOR**  
Int. men. 18 anos

## D. JOAO V

971794

Praca Centro Comercial — Damaia

As 21.15 h — Int. men. 18 anos  
**SEDE DE SANGUE DO IDOLO NEGRO**  
Terror

## EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h  
Giuliano Gemma, Ramund Hamstorf e Paola Bose  
**CHAMAVAM-LHE CALIFORNIA**  
Um filme de Michele Lupo  
Int. men. 13 anos

## ESTUDIO

555135/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30 h  
Int. men. 18 anos  
Palma de ouro — Grande Prémio  
Festival Cannes  
**TAXI DRIVER**  
Com Robert de Niro, Jodie Foster e Cybill Shepherd  
O filme de Martin Scorsese

## ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30  
A escolha da vítima é fácil  
o essencial é a escolha do culpado!  
Int. men. 13 anos  
**O ALVO**  
Com Annie Girardot  
Um filme de Jean-Claude Tramont  
2.ª semana

## EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 21.30 h — Nao acon. men. 13 anos  
Um filme de Claude Lelouch  
**AVENTURA E AVENTURA**  
Lino Ventura e Jacques Brel  
As 15.15 h — Ultima  
**A MANIA DAS GRANDEZAS**  
Maiores 10 anos

## IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30 h  
Susan George e Dustin Hoffman  
No celebre filme de Peckinpah  
**CAES DE PALHA**  
Int. men. 18 anos  
3.ª semana

## LONDRES

801313

Av. de Roma, 7 A

6.ª semana  
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30  
**O OVO DA SERPENTE**  
com Liv Ullmann e David Carradine  
Int. a men. 13 anos

## MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

Estreia às 21.30 horas  
Nao acon. men. 13 anos  
**E A FELICIDADE VOLTARA**  
(Aap Beat)  
As 15.00 e 18.15 h — Ultimas  
**MY FAIR LADY**  
Maiores 10 anos

## MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrao, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30 h  
Maiores 6 anos  
**O INCRÍVEL CAPITÃO NEMO**  
Com Jose Ferrer, Burgess Meredith e Lyndia Day George  
2.ª semana

## NIMAS

574367

Av. 5 de Outubro, 42-B

15, 18 e 21.15 horas  
13.ª semana  
**NASHVILLE**  
de Robert Altman  
Int. menores de 13 anos

## NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

Hoje às 15.15 e 21.15 h  
Um «western» flora de sene!  
**DUETO EM GLORY CITY**  
Com Lex Barker e Pierre Brice  
Nao acon. men. 13 anos

## ODEON

326283/4

R. Condes, 12 a 20

2.ª semana  
As 15.15, 18.15 e 21.15 horas  
Para todos — Colondo  
**TRES INDOMAVEIS PATIFES**  
Com Robert Widmark, Bob Coidam e Rinaldo Talamonti

## PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h  
**CHAMAVAM-LHE CALIFORNIA**  
Um filme de Michele Lupo  
Scope-Colondo  
Int. men. 13 anos

## POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão

2.ª semana  
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h  
**A SENHORA FOI VIOLADA**  
Nao acon. men. 18 anos  
Realiz. Vittorio Sindoni

## QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16

**SALA 1** — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h — Nao acon. men. 18 anos  
**FIM-DE-SEMANA ALUCINANTE**  
**SALA 2** — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h — Nao acon. men. 13 anos  
**FRANKENSTEIN JUNIOR**  
**SALA 3** — 15, 17, 19, 21 e 23 h  
Nao acon. men. 18 anos  
Com cenas chocantes  
**HUBBARD HUBBARD**  
**SALA 4** — As 15, 17, 19, 21 e 23 h  
Int. men. 13 anos  
**PRIMO E PRIMA**  
Real. Jean Charles Tacchella

## RESTELO

810375

Av. Torre de Belem

As 21.30 — Nao acon. men. 13 anos  
Em 14.ª semana  
**ENCUENTRO MEDIANTE DO 3.º GRAU**  
Richard Dreyfuss, François Truffaut e Melinda Rallon

## ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

As 15.30, 18.30 e 21.30 h  
**E VIVA A LIBERDADE**  
O último grão de «Les Charlots»  
Um filme de gargalhada  
2.ª semana

## ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30  
Nao acon. men. 13 anos  
Nada os podia separar porque os  
uma um profundo amor!  
**POEMA DE AMOR**  
Com Jeetendra e Neetu Singh

## SÃO JORGE

579144 - 579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.30 e 21.30 h  
3.ª semana  
No mundo dos insaciáveis de Harold Robbins  
**BETSY**  
É o símbolo do poder  
Com Laurence Olivier  
Nao acon. men. 18 anos

## SATELITE

562637

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 15, 17, 19 e 21.30 h  
Nao acon. men. 18 anos  
**O SETIMO SELO**  
Com Max Von Sydow — Bibi Anderson  
N.B. — Projeção do filme 5 minutos  
após o início da sessão

## STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30  
Nao acon. men. 13 anos  
Divertimento em cheio para todas as  
famílias!  
**O HOTEL DA PRAIA**  
17.ª semana  
Myrian Boyer e Francis Lemaire

## TERMINAL (CINE-ESTUDIO)

371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h  
Nao acon. men. 13 anos  
**A RIVAL**  
Com Bibi Andersson e Jean Piat

## TIVOLI



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.  
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1  
TELEFONES 654312/3  
REDAÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS  
TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO 54  
TELEFONES 321545-32271-7/3  
32028-322781-2  
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)  
PORTUGAL 321545-32271-7/3  
MENSAGENS GRAVADAS 32027  
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA, TELEX 12363  
LISBOA - PORTUGAL

## Empréstimo à Carris de 497 mil contos

A Carris foi autorizada, pelos Ministérios das Finanças e dos Transportes a emitir um empréstimo por obrigações até ao montante global de 497 mil contos.

A emissão destinada ao saneamento financeiro da concessionária de transportes colectivos de superfície da capital estava já prevista no acordo celebrado com o Estado no passado dia 21 de Julho.

Logo após a entrada em vigor da portaria que hoje é publicada no «Diário da República», a companhia Carris poderá proceder à primeira emissão, correspondente aos créditos das instituições de crédito subscritoras do empréstimo, no montante de 329 mil contos.

Uma das maiores empresas do País, com mais de 5 mil funcionários, a Carris tem estado desde há cerca de dois anos a reestruturar os seus serviços, nomeadamente no sector de tráfego, e enceta agora o saneamento financeiro.

## COM AS CORES DO SEPARATISMO Madeira tem bandeira escudo e selo branco

Com as cores do separatismo, azul e oiro, a Assembleia Regional da Madeira aprovou a bandeira daquela região autónoma que passará a figurar ao lado da bandeira nacional em todos os edifícios públicos e cerimónias oficiais.

No entanto, e como para justificar a escolha destas cores, lê-se no decreto regional: «É certo que movimentos separatistas procuraram abusivamente apropriar-se de tal simbologia. Porém, é facto que tais cores ganharam uma implantação tal no íntimo da população madeirense que, repudiando a imensa maioria o antiportuguesismo dos separatistas, a significação implantou-se como querendo dizer algo de substancial acerca da personalidade própria da região autónoma.» E, claro, segundo o mesmo documento, a Cruz da Ordem de Cristo, que figura ao centro da bandeira, distingue-a completamente da bandeira dos separatistas.

A bandeira e o escudo da Região Autónoma da Madeira «po-

derão também ser utilizados como elemento decorativo na via pública, recintos públicos, residências ou estabelecimentos



privados, desde que tal utilização não seja susceptível de ilações desrespeitosas ou desprestigiantes e acautele o valor estético».

O selo branco da Região Autónoma da Madeira será utilizado nos documentos da Assembleia Regional e do Governo Regional.

## Tem falta de espaço em sua casa?

Nós podemos resolver-lhe este problema, pois temos oficinas próprias para a execução de móveis por desenhos de todas as medidas.

REQUINTE — MÓVEIS E DECORAÇÕES  
Av. Almirante Reis, 110 (Perto do Chile)



## Voo cego na Marginal

Espectacular acidente na Avenida Marginal, zona de Oeiras. O automóvel que vemos na imagem circulava no sentido de Lisboa, eram cerca das nove da noite de ontem, quando inexplicavelmente saltou a vedação e num voo cego veio estatelar-se na areia da praia. Os três ocupantes da viatura sofreram escoriações mais ou menos graves. Um deles, com o sangue escorrendo pela cara abaixo, ajuda o amigo (condutor) a levantar-se, depois de ter libertado uma das pernas que ficara sob o carro.

## ERA DOS EVADIDOS DE ALCOENTRE

### "Pistolas" recapturado nos arredores da Régua

«O Pistolas», alcunha de Francisco António Avelino, de 26 anos, natural de Viana do Alentejo, um dos 144 participantes na «grande evasão» da cadeia do Vale dos Judeus (Alcoentre), foi

ontem recapturado nos arredores da Régua por uma brigada externa da PJ do Porto.

As autoridades tinham indicações precisas sobre a movimentação do «Pistolas» no Norte, tendo até há três dias feito publicar uma foto tipo passe, sua, na Comunicação Social, com um sinal particular no pescoço susceptível de chamar a atenção de qualquer mortal. Deveria ter também a informação que a namorada do Francisco Avelino

residia perto da Régua, mais propriamente em Vilarinho de Pereiros.

E ontem foi o cerco, a caça ao homem na área: «O Pistolas», apanhado de surpresa, não ofereceu resistência. A acção, desenvolvida por uma brigada da Judiciária do Porto com a colaboração da GNR do concelho não permitia qualquer veleidade de escapada. E «O Pistolas» deve ter percebido a envolvimento da acção.

## Neto no sábado em Moçambique

O presidente angolano, Agostinho Neto, iniciará no próximo sábado uma visita oficial a Moçambique, informa um comunicado distribuído pelas autoridades de Maputo.

A nota oficial salienta que a visita do chefe de Estado angolano é feita a convite do presidente Samora Machel, no prosseguimento do fortalecimento dos laços de amizade, solidariedade e cooperação militante entre os povos, partidos e Governos dos dois países.

A visita de Agostinho Neto a Moçambique surge na sequência da reunião de alto nível, a semana passada, da comissão conjunta de cooperação Moçambique-Angola.

No final da reunião foi assinado o protocolo do acordo de cooperação económica, científica e técnica, um acordo comercial e um acordo de cooperação no domínio da indústria, energia, pescas, transportes e comunicações, comércio externo, educação, cultura e desportos.

Marcelino dos Santos, ministro do Plano, chefou a delegação moçambicana.

## Pinheiro da Cruz: greve de fome continua

Os dezassete reclusos sociais da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz que há doze dias entraram em greve de fome mantêm essa firme atitude e prática de luta e sacrifício, a despeito de informações postas a veicular em sentido contrário. Esta informação pertence à LIDERS (Liga Independente de Defesa dos Reclusos Sociais).

Entretanto, mantém-se a posição da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais em não enviar o inspector reivindicado pelos grevistas, enquanto pessoas bem colocadas nos referem que informações prestadas por aquele estabelecimento prisional parecem contrariar docu-

mentos que circulam no interior da prisão, e nomeadamente a ordem de serviço n.º 33/78, de 2 de Setembro, autenticada pelo director, dr. Silvano Costa.

Nela se afirma em determinado passo «que os reclusos vindos de Alcoentre continuam a querer ignorar a situação em que se encontram», como «fruto de uma errada mentalização de que os reclusos usufruem da plenitude dos direitos do homem — o que é errado», para acrescentar mais adiante que, portanto, «os reclusos do pavilhão n.º 2 têm tido um regime duro mas legal», e, «quanto mais os reclusos endurecerem mais a Direcção endurecerá.»

## Alfredo Tropa premiado em Riga

O documentário televisivo «Uma maré de Molico», realizado por Alfredo Tropa para a RTP na região da Ria de Aveiro acaba de ser premiado em Riga

no festival promovido pela TV Soviética e subordinado ao tema «O Homem e o Mar». Assim o prémio «TRIDENTE NEPTUNO» destinado ao melhor filme veio para Portugal.

## Assalariados agrícolas manifestam-se na Régua

Os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas de Vila Real e Viseu propõem-se realizar no próximo dia 24, na Régua uma manifestação de trabalhadores agrícolas, com o objectivo de pressionarem o Governo no sentido da aprovação do caderno reivindicativo do sector para a próxima vindima.

Pretendem os trabalhadores

que seja fixado o salário antes das vindimas, pagamento do trabalho nocturno, domingos e dias feriados, cumprimento do salário mínimo nacional para todos os trabalhadores.

No comunicado dos dois sindicatos apela-se às Uniões e à CGTP-IN para participarem na jornada de luta do dia 24

## Delegação do MDP/CDE na RDA

Encontra-se na RDA uma delegação do MDP/CDE chefiada pelo seu secretário Blasco Hugo Fernandes, que ontem, com os seus companheiros, foi recebido em Berlim na sede do «Conselho Nacional da Frente Nacional» — anuncia a agência ADN.

O programa da visita prevê viagens a Weimar e ao monumento erguido no antigo campo

de concentração nazi de Buchenwald, onde 56.000 pessoas de quinze nações foram mortas

Os membros da delegação também irão ao distrito de Suhl-Thuringe, onde visitarão uma cooperativa agrícola e instalações artesanais.

(Hoje 28 páginas)



## 600 mil jovens ouvem música na RDA

Uma das funções das orquestras da República Democrática Alemã é participar no vasto programa de difusão da música entre os jovens. Em 1977, as 81 orquestras estatais tocaram especialmente para 600 mil jovens, num total de 1259 concertos escolares a somar a cerca de 500 horas de música de câmara. Em consequência desta acção, o interesse pela música cresce ininterruptamente. Assim, em algumas regiões da RDA, 80 por cento dos jovens em idade escolar são frequentadores habituais dos concertos. Os programas compreendem todos os géneros musicais: música sinfónica, ópera, ballet, música de câmara, obras contemporâneas

**MULTINACIONAIS: O SEU PAPEL NO TERCEIRO MUNDO (1)**

**ALIMENTAÇÃO: PODERÁ O OCEANO GARANTIR A SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE?**

**AS DUAS ALEMANHAS: AUMENTO DO MOVIMENTO COMERCIAL ENTRE BONA E BERLIM**

**QUÊNIA: DEPOIS DA MORTE DO PRESIDENTE KENYATTA**

**SUPLEMENTO**

Síntese da vida internacional

Le Monde  
Prensa Latina  
Interpress  
Novosti

N.º 37/78

Terça-feira, 12 de Setembro de 1978

**NICARÁGUA**

■ Marcel Niedergang

□ LE MONDE

Os Estados Unidos que aplicam há seis meses, não sem ambiguidade, uma política de «neutralidade oficial» com o general Anastasio Somoza, parecem hoje re-ear um levantamento popular generalizado que instalaria um regime revolucionário de esquerda em Manágua. A sombra da crise dominicana de 1965 continua presente.

A nova burguesia industrial da Nicarágua fortalecida pelo espectacular «boom» económico dos anos 60, reclama por sua vez, com insistência, a demissão do general Somoza. «Que se vá embora o mais depressa possível...»

Ela também espera que o país não caia numa autêntica guerra civil e quero preservar os interesses da empresa privada, hoje em contradição com os da família Somoza mas claramente ameaçados pelos «leaders» sandinistas que afirmam querer acabar «com o capitalismo».

Os patrões nicaraguenses aceitaram associar-se à guerra geral lançada pelas forças da oposição logo depois do «triunfo» do comando sandinista que ocupou o palácio nacional de Manágua durante dois dias. Mas eles não desejam

uma participação dos dirigentes da frente de Libertação na efectivação de um regime mais liberal, livre da tutela pesada e arcaica do clã Somoza.

«O novo governo do após-Somoza não deve ser somozista nem sandinista...» É este o ponto de vista de largos sectores da oposição «conservadora» ou «liberal», principalmente dos amigos do ex-director de la Prensa, Pedro Joaquín Chamorro, que se felicitam com os golpes dados ao regime pelos guerrilheiros, mas que receiam ao mesmo tempo uma «dialéctica da violência» e um «deslizar irresistível para a extrema-esquerda». Nesses meios de oposição moderada ainda há pois a esperança de um acordo com «certos elementos do regime», e, porque não, com oficiais da guarda nacional «fartos de ser cães de guarda do clã Somoza», segundo a fórmula de um dirigente do Partido Conservador.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional, está dividida em três tendências de força desigual. Certamente de acordo na estratégia, divergem no que diz respeito aos meios de a atingir.

O grupo G.P.P. favorável a uma «guerra popular prolongada»



tentou implantar na região acidentada do nordeste focos de guerrilha. Na Primavera passada, a guarda nacional lançou, de colaboração com as forças armadas das Honduras, uma operação contra esses guerrilheiros de inspiração guevarista. Ao que parece sem

grande êxito. Mas a lista das exações cometidas pelos militares somozistas contra os camponeses apanhados entre dois fogos, ainda aumentou dramaticamente. Por essa ocasião, a comissão nicaraguense dos direitos do homem sumariamente instalada numa casa

do centro de Manágua, denunciou uma vez mais uma das técnicas utilizadas pelas tropas de Somoza: os prisioneiros de guerra são «interrogados» e depois precipitados no solo por helicópteros em voo.

O segundo grupo da Frente, os «terceristas», compreende marxistas, mas também cristão de esquerda, liberais saídos muitas vezes de meios da alta burguesia, estudantes idealistas revoltados com os longos compromissos dos pais com o regime. Por ocasião da insurreição popular de Masaya, em Março passado, o filho de um rico homem de negócios de Manágua foi preso nas fileiras sandinistas. Organizados em comandos de choque rápidos, móveis, que por vezes se refugiavam no «santuário» relativamente próximo da Costa Rica democrática, os «terceristas» estiveram nos últimos seis meses na origem de todos os golpes espectaculares contra as casernas da guarda, nas cidades do interior.

Ao terceiro grupo, dito «proletário», juntaram-se membros do Partido Comunista. Os seus efectivos são mais modestos do que os dos «terceristas».

Estas divergências, reflexo das

2

## A OFENSIVA DIPLOMÁTICA DOS SUCESSORES DE MAO

■ Alain Jacob

LE MONDE

PEQUIM — Os soviéticos contribuíram para dar o máximo de repercussão à viagem do presidente Hua Kuo-feng aos Balcãs e ao Irão. Se Moscovo se tivesse mostrado mais indiferente, tanto as palavras como as deslocções do número 1 chinês, teriam feito menos barulho. Porquê uma tal irritação?

No plano bilateral, os acordos de cooperação técnica ou cultural não modificaram sensivelmente as relações da China com os países visitados. Nem o marechal Tito nem Ceausescu se aproximaram visivelmente das teses chinesas nas suas declarações.

Um dos assuntos acerca dos quais há menos informações é o das relações entre partidos. Os partidos jugoslavo e romeno mantêm relações excelentes com vá-

rios p.c.'s ocidentais que Moscovo — apesar de divergências cada vez mais fortes — tende a considerar como cotadas. Mas a China não se mostrou até agora desejosa de dialogar com partidos a que ainda chama **revisionistas** e é difícil acreditar que haja uma mudança radical em tal domínio. Mesmo que a «normalização» agora consagrada nas relações entre o P. C. chinês e a Liga dos comunistas jugoslavos possa vir a abrir a porta a novos desenvolvimentos. Mas o essencial não está nisso. A viagem de Hua simbolizou — está aí decerto a explicação do nervosismo soviético — uma transformação profunda na política externa chinesa. É certo que nos últimos dez anos passaram por aqui numerosos chefes de Estado. A novidade está em Pequim abandonar uma estratégia de fortaleza para fazer contactos e romper o cerco em que acusa a U. R. S. S. de a querer fechar.

E preciso ter em conta outros

acontecimentos ocorridos este Verão. O tratado sino-japonês, é certo, mas também as viagens de dirigentes chineses a vários países da Ásia, da África e das Caraíbas. Em todo o caso a Europa é, segundo a análise chinesa, o **ponto chave da rivalidade entre as superpotências**, competindo por isso ao presidente Hua visitá-la. Tudo se passa como se a República Popular passasse de uma posição defensiva a uma contra-ofensiva de envergadura, muito além do seu próprio território e dos degraus que o rodeiam.

Em consequência dessa saída para o mundo exterior, saída essa sem precedentes na história da China tanto imperial como revolucionária, a diplomacia coloca-se ao nível das outras nações. Em Agosto de 1977, ao receber em Pequim o presidente Tito, Hua afirmava que a luta entre as superpotências **resultaria mais tarde ou mais cedo numa guerra mundial**, e, quando muito, a acção



Hua Kuo-feng com o marechal Tito

dos povos permitiria retardar a chegada da guerra. Foi isto mais ou menos o que voltou a dizer em Maio perante Ceausescu.

O presidente tem hoje uma linguagem diferente: **Os fautores da guerra, disse em Belgrado, podem decerto ser vencidos. Se evocou em Teerão as políticas de agressão e expansão das grandes potências, insistiu antes de mais na necessidade de a China viver em paz com os países que a cercam. Nunca se tratou da inevitabilidade da guerra. A hora é de**

coexistência pacífica, segundo os princípios enunciados pro Chu En-lai. Poderia mesmo pensar-se se essa coexistência não poderia vir a assemelhar-se um dia à política de desanuviamento de que a diplomacia soviética tirou em tempos sólidos dividendos.

No contexto da política interna chinesa a viagem do presidente do P. C. C. foi inovadora. Hua, puro produto de aparelho comunista, nunca saíra do país, a não ser uma

6

## NICARAGUA

# A SOMBRA DE S. DOMINGOS

origens sociais e culturais dos guerrilheiros, podem ser ultrapassadas graças à dinâmica da «vitória», e realizaram-se contactos entre os representantes das três tendências, a fim de formar uma frente sandinista totalmente unificada. Mas as divergências existem e complicaram as negociações com as formações políticas (socialistas, sociais-cristãos, social-democratas e conservadores dissidentes), porta-voz de classe médias em expansão e largamente favoráveis e a uma aliança razoável com os sandinistas.

### Uma longa agonia

Estes três factores recebem o nome de um «deslizar para a extrema-esquerda»: hostilidade dos conservadores tradicionais a uma participação sandinista; divergências tácticas no seio da Frente de Libertação, explicam em grande parte a longa agonia do regime Somoza, praticamente dono da Nicarágua desde 1936, com o beneplácito dos Estados Unidos. Isolado, doente, aparentemente abandonado por todos, mesmo por alguns oficiais da sua guarda nacional, o herdeiro do clã não cai de vez porque explora as contradições internas da oposição e há um ano que multiplica os gestos de «boa vontade» com o único aliado que verdadeiramente conta: Washington.

Nenhum país da América Central foi mais estreitamente controlado pelos Estados Unidos desde o princípio do século, do que a Nicarágua. De 1912 a 1933 o país foi

por várias vezes ocupado militarmente pelos «marines» enviados por Washington para «proteger a vida e os bens dos residentes americanos». Comandante em chefe da guarda nacional, colocado naquele lugar pelos ocupantes, o general Somoza, pai do actual chefe do Estado, apoderou-se facilmente do poder em 1936, depois de ter mandado assassinar, em 1934, César Sandino, que dirigia espectaculares acções de guerrilha contra as tropas americanas. Não foi por simples coincidência que os militares da Frente de Libertação se mostram ligados ao mais célebre guerrilheiro da América Central. Os Estados Unidos toleraram e encorajaram durante quarenta anos a ascensão da família Somoza que garantia a «manutenção da ordem» e a segurança. A Nicarágua de Somoza, a mais incondicional aliada dos americanos neste sector explosivo do planeta, foi uma base de agressão contra a Guatemala do coronel Arbenz Guzman em 1954 e contra Cuba em abril de 1961. A «lua de mel» foi interrompida pela chegada de Carter à Casa Branca. Era difícil conciliar a «defesa dos direitos de Carter do homem» e a manutenção de seus privilegiados com um regime que permite as piores acções a uma guarda de sete mil homens, ao mesmo tempo Polícia e Exército, superiormente equipada, armada e treinada pelos americanos.

Num primeiro tempo a administração Carter fez pressões muito fortes sobre Somoza para que ele «humanizasse» o regime. Inteligente e manobrador, o presidente da Nicarágua decretou o levanta-



O ditador Anastasio Somoza

mento do estado de sítio e da censura à imprensa em 1977. Medidas de liberalização teóricas e largamente compensadas, no domínio da imprensa, com o «código negro» da rádio e da televisão.

Consciente da necessidade de largar um pouco de lastro, o general Somoza travou por várias vezes diálogo com os «leaders» da oposição. O assassinato, a 10 de Janeiro último, de Pedro Joaquín Chamorro, bandeira de uma burguesia decidida a democratizar as instituições, detivera, no entanto, toda e qualquer esboço de «negociação».

Quem matou Chamorro? O inquérito «oficial», muitas vezes prometido, nunca chegou a

realizar-se. O clã Chamorro acusa gente próxima do chefe do Estado, mais concretamente o filho mais velho deste, o comandante Anastácio Somoza, de vinte e sete anos, número quatro na linha de sucessão da dinastia. Ambicioso, o comandante Somoza dirigiu a escola de instrução dos cadetes e passa por já ter formado uma guarda pretoriana que lhe é dedicada. Chefe de fila dos «falcões» da guarda, incita o pai a ser mais firme, persuadido de que a acumulação das concessões tende a precipitar a queda da «família».

Em Junho de 1977, o general Somoza sofreu uma crise cardíaca de grande gravidade. Hospitalizado durante dez semanas no Miami Heart Institute, regressou mais conciliador e reduziu as suas actividades. Passa grande parte do tempo em Montelimar, a uns sessenta quilómetros de Manágua, na costa do Pacífico.

### O quente e o frio de Washington

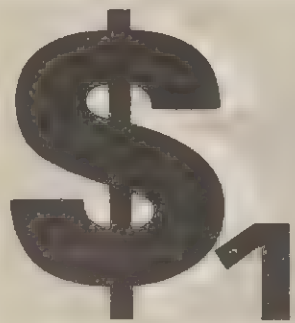
Permanentemente assistido por uma enfermeira americana que controla muito severamente as suas ementas, as suas actividades e o seu trabalho, vive o outono de um patriarca, cínico, inteligente, cruel e jovial. Um declínio que recorda o de outro César das Caraíbas, Leonidas Rafael Trujillo, «pai» da República dominicana durante uns trinta anos.

Inspirado ou não, o assassinato de um homem tão prestigioso e respeitado como Pedro Joaquín Chamorro, candidato ideal à sucessão dos Somoza, segundo a administração Carter, colocou o

presidente da Nicarágua numa situação cada vez mais difícil. Mas esse assassinato, que originou violentas manifestações de rua em Manágua, também incitou Washington a rever a sua posição. Depois de ter discreta mas vivamente encorajado os opositores «convencientes» de Somoza, o embaixador dos Estados Unidos em Manágua passou a mostrar-se mais circunspecto. Não desencorajou os movimentos de greve geral lançados pelo patronato e pelas organizações políticas da Frente alargada de oposição (movimentos de greve mais ou menos seguidos, dispendiosos para o país e para a empresa privada, e que não bastariam para abater o regime), mas tudo indica que Washington se sente mais preocupado com o prestígio dos comandos da Frente Sandinista.

Mais do que o aspecto de uma nova Cuba, improvável no actual contexto, o que inquieta os Estados Unidos é o risco de outra crise dominicana. Assim, os representantes dos Estados Unidos em Manágua esforçaram-se recentemente por temperar a impaciência dos meios da oposição afirmando que convinha «deixar Somoza fazer sozinho a sua reforma política».

A oposição está irritada com esta «política do quente e frio» e acha que o presidente Carter se mostrou «ingénuo». Há mais de meio século que na Nicarágua não se faz nada sem a participação directa ou indirecta dos Estados Unidos. A aparente «indecisão» de Washington continua a ser um importante elemento da crise.



## AS MULTINACIONAIS E O SEU PAPEL NO TERCEIRO MUNDO

### Introdução

O mundo económico nacional de hoje em dia, cada vez mais integrado na economia internacional, tem o processo de internacionalização revelado ao nível da empresa. É ao de um ou de outro país que a empresa se encontra inserida e na inter-relação do ciclo social.

O processo de internacionalização tradicionalmente baseado na exportação, pela transferência das riquezas naturais em vias de desenvolvimento e economicamente desenvolvidos, não tem por único activo a produção e a circulação de produtos no mercado interno, mas também a exportação, aproveitando os baixos salários, as más condições sociais e de trabalho que existem em determinado país e, além disso, a possibilidade de iludir as barreiras alfandegárias.

Para uma melhor compreensão deste fenómeno, podemos tomar o exemplo seguinte. Uma empresa japonesa que deseje exportar para os Estados Unidos e que não se queira subme-

ter a um corte das importações dos seus produtos nesse país, constrói uma fábrica no México e poderá, dessa forma, exportar sem problemas para os Estados Unidos produtos que não serão considerados como japoneses.

A internacionalização, no capitalismo concorrencial, apoia-se na circulação das mercadorias que tende a constituir o mercado mundial. Temos o caso da Grã-Bretanha, cuja dominação económica do século passado repousava no controlo absoluto da circulação mundial de mercadorias e da circulação do capital-dinheiro (que derivava da primeira).

No capitalismo monopolista e como disse Lenine, os fundamentos da internacionalização mudam: ao papel predominante do intercâmbio de mercadorias sucede o da exportação do capital. Na base do sistema capitalista está a separação radical do produtor em relação aos meios de produção. Esta separação reproduz-se numa escala progressiva quando se instala o sistema capitalista.

**Capital financeiro** — O capital financeiro não é um fenómeno específico do nosso século, porquanto aparece no sistema de produção capitalista. Pode-se identificar o capital financeiro como sendo a fracção

autónoma do capital que intervem no processo de conversão do capital-dinheiro em capital produtivo, através da permutação técnica da forma monetária, que de instrumento de circulação do capital-dinheiro, sob uma forma monetária, se transforma em instrumento de reprodução para o conjunto do capital social. Como dizia Marx, em «O Capital», a conversão do capital-dinheiro em capital produtivo é a compra de mercadorias para produzir mercadorias.

**Capital bancário** — O capital bancário tem como função a gestão do movimento da forma monetária como meio de pagamento e no momento do regresso à forma de mercadoria. Centraliza esta circulação pelo capital financeiro. A banca é, no fundo, um instrumento financeiro. Hoje em dia, podemos verificar que cada grupo bancário nacional está estreitamente vinculado às trocas de mercadorias e aos meios de pagamento com o resto da banca internacional.

**Definição das sociedades multinacionais** — Depois das primeiras tentativas de alguns grupos franceses e ingleses, em meados do século passado, é no final do século XIX que se começam realmente a desenvolver as empresas multinacionais na fase do capitalismo industrial. Podemos indicar vá-

rios exemplos neste sentido: a SINGER, em 1888, a OTIS e a FORD, que instalam unidades de produção fora dos Estados Unidos, a UNILEVER, a ROYAL-DUTCH-SHELL e a STANDARD OIL, que aproveitaram o valor das matérias-primas e produtos de origem agrícola e que se apoiaram igualmente numa produção em «massa». Na Europa, temos os casos da NESTLÉ, em 1893, e da SIEMENS, um ano antes.

Apesar de existirem diversas definições dos economistas, pensamos que, pela sua forma operacional, se pode considerar uma multinacional como um agrupamento de filiais radicadas em diferentes países, estreitamente ligadas à empresa-mãe, com a qual têm relações de propriedade comum, estratégia comum e que obtêm recursos financeiros e humanos também em comum.

Esses economistas defendem que para uma empresa ter características de multinacional deve reunir alguns requisitos, como seja, realizar negócios em dois ou mais países num volume tal que a sua solidez e crescimento dependam da evolução dos seus mercados externos e, além disso, que aqueles que as dirigem adoptem as suas decisões em função de alternativas multinacionais e não apenas de um único país. Do mesmo modo, é preciso que a

empresa seja capaz de discutir de igual para igual com os representantes dos Estados nacionais em que a multinacional está instalada.

Pela sua dimensão, pela potência dos seus meios e do quadro estratégico em que se movam, obtêm grande vantagem em relação às empresas nacionais. Podem vencer quase todos os obstáculos que se lhes deparam, quer sejam de origem privada ou políticos. A sociedade multinacional tem acesso a múltiplos recursos nacionais e internacionais de financiamento. Para um determinado projecto pode, à partida, comparar as condições oferecidas e eleger o que lhe permita obter maiores lucros, por exemplo, a nível de custos. Por via dos recursos nacionais (autofinanciamento e contribuições locais) e os de origem externa (fundos da empresa-mãe, de outra sociedade do mesmo grupo ou do mercado financeiro internacional), beneficiam de uma vantagem indiscutível em relação às empresas nacionais.

O estabelecimento e crescimento das filiais das multinacionais significam, como veremos mais adiante, uma transformação das estruturas e das condições de funcionamento das economias nacionais dos países em que se radicam.

Ivan Planells

# AUMENTOU O MOVIMENTO COMERCIAL ENTRE AS DUAS ALEMANHAS

O comércio interalemão sofreu uma evolução em prol de um factor económico estável apesar de existirem algumas dificuldades. Géneros de alto valor determinam em primeiro lugar a estrutura da mercadoria do comércio entre a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã. É evidente que neste caso o complemento recíproco das respectivas gamas de produtos se situa em primeiro plano.

A base qualitativa para a troca de mercadoria entre a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã é uma unidade «clearing» (VE) que corresponde ao valor do marco alemão segundo a posição tomada pela República Federal da Alemanha. O volume global do comércio interalemão situava-se, o ano passado, em 8,67 mil milhões de VE, o que corresponde a um acréscimo de 3,1% em relação ao ano de 1976. Neste contexto as exportações da República Federal da Alemanha para a República Democrática Alemã cifram-se em 4,60 mil milhões de VE (mais 2,8%) e as importações em 4,07 mil milhões de VE (mais 3,4%). Se compararmos a troca de mercadorias realizada pela República Federal da Alemanha com outros países onde vigora o comércio nacional, fica demonstrado que o volume do comércio interalemão apenas foi superado pela troca de mercadorias com a URSS

(1977 = 10,98 mil milhões de marcos alemães). Seguiu-se-lhe a Polónia como segundo parceiro mais importante a uma enorme distância (4,98 mil milhões de marcos alemães).

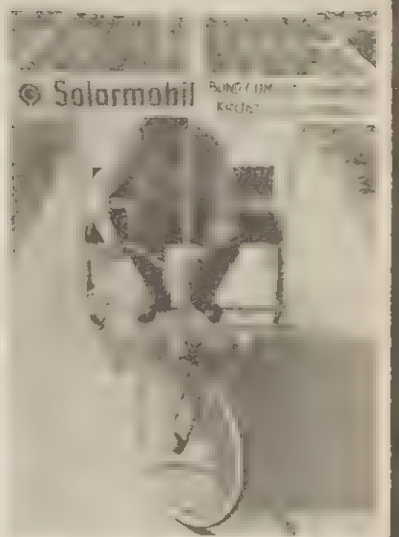
Os fornecimentos e as compras recíprocas no âmbito dos vários grupos de produção acusam, naturalmente, entrecruzamentos consideráveis. De facto, os vários ramos fornecem, todavia, gamas de produtos largamente espalhados com ofertas correspondentemente diferenciadas. Citemos alguns exemplos: a construção de máquinas divide-se em mais de trinta ramos especializados, as actividades da indústria química repartem-se também sobre cerca de trinta secções específicas, e a indústria electrotécnica opera em dez campos de acção principais dispondo de mais de cinquenta categorias de mercadoria. Mesmo quando se der o caso de ambas as partes fornecerem aparelhos examinadores eléctricos e instituições de investigação, pode-se dar o caso de os produtos serem completamente diferenciados entre si. Paralelamente, contudo, surgem também fabricos vindos da República Democrática Alemã que invadem, com outros produtos, os mercados parciais aliás superabundantes. Isto acontece, por exemplo, no sector da fotografia.

Dos fornecimentos totais realizados pela República Federal da

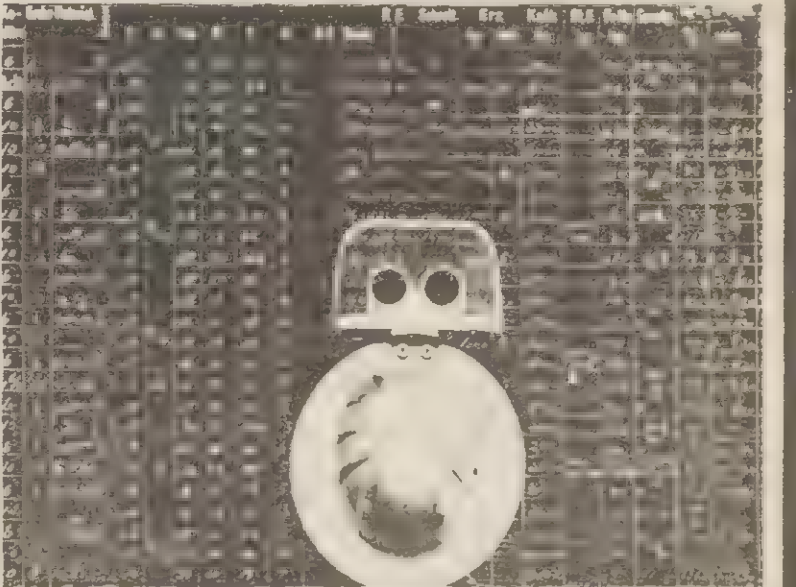
Alemanha para a República Democrática Alemã em 1977 há que registar 29,8% de produtos provenientes da construção de máquinas e da indústria electrotécnica e 15% de produtos químicos. Inversamente, a percentagem destes três ramos nas compras globais cifrou-se em 8,7% (construção de máquinas, electrotécnica) e em 9,1% (química). Em contrapartida os têxteis e os produtos de vestuário atingiram 18,2%, os produtos agrícolas e florestais 15,7% e os produtos de óleo mineral 14,8% das compras globais realizadas pela República Federal da Alemanha à República Democrática Alemã. Quanto aos produtos de óleo mineral reconhece-se além disso uma certa divisão de trabalho porque enquanto a República Federal da Alemanha exportou 347,7 milhões de VE de petróleo bruto para a República Democrática Alemã, este país, por sua vez, exportou para a República Federal da Alemanha produtos de óleo mineral no valor de 603,2 milhões de VE. Devem-se aplicar medidas análogas aos produtos químicos intermédios que entram na produção no lado contrário à via comercial. No sector da produção alimentar, a República Democrática Alemã fornece produtos próprios, enquanto que a República Federal da Alemanha (6,5% de participação) exporta, todavia, em larga escala, também produtos provenientes de terceiros países.

FOTO  
EXCLUSIVO

O primeiro veículo europeu movido a energia solar: chama-se Solarmobil e foi apresentado ao público em Sasbach, na República Federal Alemã. As «pilhas solares» que lhe fornecem a energia estão instaladas no toldo. Olhando para o estranho veículo, parece-nos que não será muito prático andar com tal caranguejola numa rua atravancada de qualquer cidade que se preze...



Não se trata de uma imagem da competição que nas Filipinas põe frente a frente dois dos «maiores» do xadrez dos nossos dias. Trata-se, mais prosaicamente, de amadores húngaros que escolhem as doces águas duma piscina de Budapeste (a «Szechenyi») para se entregarem ao seu passatempo favorito. (Foto Keistone)



Esta imagem é um documento inédito da sociedade industrial. Da autoria do famoso fotógrafo especializado Ludwig Windstosser, de Estugarda (RFA), esta foto é muito simplesmente a imagem dos olhos presos ao capacete de protecção de um metalúrgico, que, estuda o plano de cargas para a fundição de aço



Ferenc Orsi, um escultor de Budapeste, criou esta obra como uma homenagem aos mineiros húngaros. A escultura, colocada à entrada da mais velha mina de carvão aberta na Hungria, que ainda produz depois de 225 anos, transformou-se em atracção turística.

## PODERÁ O OCEANO ALIMENTAR A HUMANIDADE?

Ivan Boukhanevitch

NOVOSTI

A produção de bens alimentares, principalmente daqueles que são ricos em proteínas, cresce mais lentamente que a população do Globo. Pelos dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), actualmente a alimentação de 2,5 a 3 biliões de habitantes da Terra não possui proteínas suficientes. Compreende-se, pois, a razão por que todos os países voltam os olhos para os recursos biológicos do Oceano. Neste momento, a parte de produtos do mar no volume de proteínas de origem animal consumidas atinge 20%. Se lhe juntarmos os alimentos com proteínas para os animais a título de comparação que a parte de proteínas de origem animal na ração alimentar do homem é de 27,1%

Mas não devemos julgar os recursos do Oceano apenas pelas quantidades de proteínas. Ele fornece também forragens, produtos alimentares, farmacêuticos e técnicos a partir de peixes e invertebrados. Estes últimos contêm ácidos aminados, grande número de micro-elementos e vitaminas e constituem uma matéria-prima preciosa para a produção de pre-

parados médicos (curativos e profiláticos). As algas e as ervas marinhas não são menos importantes. Todavia a parte de produtos do mar na preparação alimentar continua insignificante: como sempre a agricultura fornece aos homens 98,5% dos alimentos.

Poderão as extensões enormes do Oceano desempenhar um papel maior como fonte de produtos alimentares? Cientistas de todo o mundo procederam ao estudo profundo do Oceano e dos seus recursos biológicos. A contribuição dos cientistas soviéticos foi importante. Estas pesquisas combinadas (oceanográficas, oceanológicas, biológicas, piscícolas e piscatórias) permitiram revelar e compreender os processos complexos e as modificações da produtividade biológica, a repartição e o número de peixes de pesca, descobrir novas zonas de pesca e novos objectos de pesca no Oceano.

Os resultados preciosos que foram obtidos permitem observar, por outro ângulo, a produtividade do Oceano e avaliá-la correctamente. Pensa-se que é possível, actualmente pescar no Oceano 100 milhões de toneladas de peixe por ano. O volume actual da pesca (cerca de 72 milhões de toneladas) aproxima-se do volume potencial, mas a experiência mundial prova a

vulnerabilidade destes recursos.

São de grande actualidade os problemas ligados ao aproveitamento racional do Oceano, à criação de plantações e reservas submarinas ao controlo de certos processos oceânicos e biológicos, ao aumento de forragens de peixe e à transplantação de certas espécies de peixes para outras águas mais ricas em matérias alimentares.

### A PISCICULTURA

As primeiras experiências de criação de invertebrados datam da antiguidade: 200 anos antes da nossa era, já se cultivavam ostras no Japão. Dispomos também de informes segundo os quais a ostricultura era praticada em Roma e na antiga Grécia. Na época actual as reservas submarinas de ostras fornecem dezenas de toneladas de ostras, mexilhões e outros moluscos por hectare.

A piscicultura tem também uma história muito longa. Desde tempos imemoriais que se cria peixe nas lagoas das ilhas do Pacífico. A piscicultura no mar registou os seus primeiros progressos em meados do século passado. Foi então que se realizou a fecundação artificial dos ovos do bacalhau das Lofoten. Foram obtidos bons resultados na



# O QUÊNIA depois da morte de Kenyatta

## Um país essencialmente agrícola

O Quênia, cujo Produto Nacional Bruto por habitante atinge cerca de 250 dólares (mais 0,9 por cento de 1973 a 1976), é um país essencialmente agrícola (80 por cento da população activa). Cerca de três quartas partes das suas terras aráveis estão plantadas com milho, cuja produção de 1 milhão e meio de toneladas não é, no entanto, suficiente para cobrir as necessidades do país. O subsolo é pobre, havendo apenas um jazigo de soda perto do lago Magadi. A capacidade industrial é fraca, à excepção da refinaria de petróleo de Mombasa (3 milhões de toneladas) que é o porto mais importante da África de Este (7 milhões de toneladas).

O Quênia tem como principal fonte de divisas a venda de chá e de café. Apesar das suas receitas turísticas, a balança de pagamentos é deficitária e a ajuda pública ao desenvolvimento

dos países da O.C.D.E. representa (média de 1973-75) 11,2 por cento do total das importações e 4,5 por cento do Produto Nacional Bruto (nove dólares por habitante). O total das receitas do Estado, incluindo os créditos privados garantidos, atingiu os 430 milhões de dólares em 1976. Os encargos com a dívida pública elevavam-se a 9 por cento do total das exportações dos bens e serviços.

Foi menos a incidência de uma eventual instabilidade política do Quênia na produção dos recursos minerais do país do que as possíveis repercussões que uma tal situação poderá ter no conjunto do continente africano — nomeadamente nos países ricos em minerais, que explica a reacção da Bolsa de Londres no que se refere aos preços das matérias-primas.

no. Mas o que se seguiu poderia ser a história de uma desforra se a vingança estivesse no temperamento do acusado. Ora a verdade é que demonstrou uma espantosa mistura de desapego, curiosidade, pragmatismo, prudência e ambições. A paixão política não se tornou obsessiva para Jomo Kenyatta e a violência parecia chocá-lo.

Os arquivos da missão evangélica escocesa de Thogoto, perto de Nairobi, registaram a entrada, em Novembro de 1909, de um rapaz «de cerca de onze ou doze anos tendo consigo apenas três pulseira de ferro e um trapo em torno do pescoço».

Tendo sofrido uma infecção pulmonar e lido estudos primários «mediocres» o jovem Kenyatta decidiu, em 1912, tornar-se aprendiz de carpinteiro, tendo nascido no ano seguinte pelo rito da

partiu para Nairobi onde os seus pulmões, de novo doentes, o obrigaram a refugiar-se em casa de um parente ligado à tribo dos Masais.

Quando a guerra terminou, o protectorado britânico da África do Este tornou-se o Quênia, colónia da coroa, onde todo o africano que sai da sua reserva deve ser portador de um cartão de identidade. Foi igualmente nessa época que Harry Thuku fundou a Young Kikuyu Association (1921). Jomo Kenyatta manteve-se à margem desta discussão, no centro da qual figura a questão da terra arrancada aos kikuyu pelos colonos europeus.

De regresso a Nairobi casa com a sua primeira mulher, Grace Wahu, de quem teve um filho, Muigai. Em 1922 é empregado nos trabalhos públicos e instala-se no bairro, então africano, de Kilimani com uma pequena loja de comércio, os

tral Association, animada por James Beauthah. O seu domínio da língua inglesa faz dele um intérprete e depois um emissário em Londres. Jomo Kenyatta aceita ir defender os interesses do povo kikuyu junto do Governo britânico. A terra deve ser preservada de colonos. O jovem dileitante, que triunfou com tanta facilidade, tem tudo a aprender. Embarcado em Outubro de 1924 estará ausente catorze meses, aproveitando esta viagem para se dirigir discretamente à URSS. Voltou ao Quênia sem ser demasiado incomodado pelas autoridades coloniais que se mostraram, no entanto, desconfiadas.

Não ficará muito tempo. Volta a partir, em Abril de 1931, amadurecido pela experiência adquirida e confiando no seu destino, mas ignorando que a sua ausência vai durar quinze anos. Depois de ter passado dois anos, voluntariamente discretos, de estudos na União Soviética, voltou para Londres onde publicou virulentos artigos contra o imperialismo britânico. Para este estudante, que já não é novo e que com os diplomas procura obter a respeitabilidade, a vida em Londres nem sempre é fácil. Por vezes Kenyatta não tem sequer com que se alimentar. Mas realiza efectivos progressos e estabelece relações indispensáveis nos meios liberais e pan-africanistas e encontra uma arma de eleição contra a filosofia colonialista: a antropologia. Dois anos de estudos com Malinowsky, o antropólogo mais eminente da época, permitem-lhe publicar, em 1938, o famoso Facing Mount Kenya (Ao pé do monte Kenya), um estudo dos hábitos e dos costumes do povo kikuyu.

A 2 de Maio de 1936, quando o Negus desembarca do comboio de exílio, na estação de Londres, o «leader» kikuyu está presente para o abraçar. Para mostrar a sua estima pelo imperador da Etiópia, Jomo Kenyatta deixa crescer a barba. Torna-se um elemento cada vez mais activo. Em 1937 participa na formação da Internacional African Service Bureau. Consciente do despertar político do país escreve para o Manchester Guardian. A guerra vai fazer dele um operário agrícola no Sussex, que se desloca com grande regularidade para dar conferências aos mobilizados. A 11 de Maio de 1942 casa com Edna Grace Clarke, uma inglesa que lhe dará um outro filho, Peter Magana.

De acordo com um dos seus biógrafos, Jeremy Murray-Brown, tem nessa altura a opinião que a monogamia é um interessante fenómeno antropológico. Com efeito Kenyatta não é atingido pelo reflexo racista e luta para alargar o debate queniano. Não luta apenas em nome do seu povo, os kikuyu, mas em nome de todos os outros. Os que com ele contac-

dedica-se a preparar o Quinto Congresso Pan-Africano que se reúne em Manchester, embarcando para o Quênia um ano mais tarde.

A guerra enriqueceu a colónia, isto é, antes dos mais os colonos europeus. Durante o exílio de Kenyatta uma nova geração adquiriu importância entre os kikuyu. Ao universalismo daquele que prece-

## Daniel Arap Moi

Daniel Arap Moi, vice-presidente do Quênia, encarregado pela Constituição de assegurar internamente as funções presidenciais por seis meses, tem cinquenta e cinco anos de idade. É membro de uma pequena tribo do Rift Valley, os Kalenjin. Professor primário numa aldeia durante muitos anos, foi eleito em 1957 para o Conselho Legislativo Colonial. Mas tarde tornou-se presidente do KADU (Kenya African Democratic Union) um dos partidos políticos que participou no combate contra o canalizador inglês.

Mas a sua formação política teve de assumir um papel secundário, durante as eleições que precederam a independência, perante a força política maioritária conduzida por Jomo Kenyatta.

Depois da instauração, em 1964, do sistema do partido único, Moi aderiu à organização governamental, a KANU (Kenya African National Union). Em 1967 Jomo Kenyatta escolheu-o para vice-presidente, procurando assim



obter um maior equilíbrio étnico. Foi um processo através do qual o chefe de Estado procurou obter o apoio de numerosas tribos minoritárias. Personagem apagado mau orador, Moi revelou-se um leal servidor de Kenyatta. Tendo a vantagem de pertencer a uma pequena tribo, num país dominado por duas grandes etnias rivais — os kikuyu e os lous — Moi beneficia, além disso, do apoio de numerosos membros kikuyu do Governo, nomeadamente de Charles Njongo, ministro da Justiça e de Mwai Kibaki, ministro das Finanças. Nessa medida, pode dizer-se que parte com vantagens na corrida para a sucessão.

Nesta época ficam impressionados com o seu humanismo, o seu sentido da História e, sobretudo, o seu africanismo. Kenyatta manteve-se africano sofrendo um exílio que, no fim da guerra, o começa a aborrecer, o leva a beber um pouco demais e a manifestar a sua impaciência em voltar para a sua terra onde o seu nome não foi esquecido. Em Outubro de 1945

niza então um Estado multirracial, o «Grupo dos 140» (jovens kikuyu iniciados em 1940) opõe uma atitude mais agressiva. Mais numerosos os colonos brancos decidem consolidar as suas posições. Em 1944 é formada a Kenya African Union (KAU), organização intertribal surgida para combater uma tal pretensão. Os missionários aproximam-se dos africanos. O

pós-guerra anuncia-se como um período de efervescência. Aguardada com alguma apreensão pelas autoridades coloniais e com hostilidade pelos colonos, o regresso de Kenyatta é um triunfo. Em Nairobi não consegue sequer pisar terra. A multidão de africanos leva-o em ombros. Kenyatta não se deixa ir na onda de entusiasmo. Apressase a entrar em conciliação com os velhos chefes kikuyu — casa então com uma das filhas de Koinange, o mais orgulhoso de todos — e assume a direcção de uma escola africana de pedagogia.

Mas, apesar de ter organizado a KAU numa base intertribal não consegue acalmar o ressentimento de outras tribos, como os Luos ou os Masais, a respeito dos kikuyu. Estes representam 20 por cento da população mas o seu dinamismo deixava já então adivinhar o papel dominante que desempenhará depois da independência.

Nessa época Jomo Kenyatta tem outras razões para se preocupar. Os colonos europeus não querem ceder e quando a sua atitude endurece surge, em 1948, uma nova força, os Mau-Mau, organização clandestina cujos membros teriam feito o juramento de exterminar todos os brancos do Quênia. Estes começam a manobrar para obterem de Londres a autodeterminação. E neste clima de greves e de assassinatos que Jomo Kenyatta sente que se aproxima a hora decisiva. Em Julho de 1952 faz um último esforço denunciando os Mau-Mau diante de cinquenta mil pessoas. Não conhecemos os

Mau-Mau, afirmou de acordo com a tradução inglesa do seu discurso. Não os reconhecemos, teria afirmado em dialecto swahili. Mas o velho «leader» não disse que não aos jovens kikuyu que, alguns dias depois, lhe vieram pedir conselho sobre a oportunidade de desencadear a luta armada. Os colonos europeus pressionam então a administração inquieta com a evolução dos acontecimentos, a declarar o estado de urgência. Teremos de pagar com o sangue a nossa liberdade, confiou Kenyatta aos seus jovens seguidores.

Provavelmente Kenyatta não está por detrás dos Mau-Mau — o que não estaria de acordo com a sua maneira de ser — mas continua a ser o elo de ligação entre todos. Acaba de casar pela quarta vez, com Ngina, a futura Mama Ngina, igualmente filha de um chefe e poderia dedicar-se à sua mulher e aos filhos ou partir para o estrangeiro seguindo o conselho de alguns amigos. Mas decide ficar.

## O PROCESSO E A PRISÃO

A 20 de Outubro de 1952 é proclamado o estado de emergência para grande satisfação dos colo-

Jean-Claude Pomonti

LE MONDE

A situação era calma em Nairobi a 23 de Agosto, dia seguinte ao da morte do presidente Kenyatta. A desparição do chefe do Estado do Quênia parece não ter provocado surpresa à população. A quase ausência das aparições públicas do defunto presidente nos últimos tempos era uma prova de que a sua saúde estava em declínio.

As ruas do centro da capital esvaziaram-se mais cedo do que é costume na terça-feira, à tarde, dado que os escritórios e lojas fecharam as portas. A excepção das bandeiras à meia-haste nenhum sinal particular revela o luto do país.

Os dirigentes quenianos parecem empenhados em assegurar uma sucessão sem convulsões. O ministro queniano da Justiça, Charles Njongo, afirmou que o novo presidente seria eleito na base do estrito cumprimento da Constituição.

Njongo fez esta declaração a saída de uma reunião do gabinete no palácio presidencial, no decurso da qual o vice-presidente e ministro do Interior, Daniel Arap Moi, restou juramento como presidente interino.

A prestação do referido juramento foi feita na presença do «chief justice», o primeiro juiz do país, sir James Wicks, magistrado de origem britânica. Nos termos da

Constituição o presidente deve ser eleito por sufrágio universal directo no prazo de noventa dias posteriores ao cessamento de funções do seu predecessor. Os candidatos devem ser cidadãos do Quênia, ter mais de trinta e cinco anos e estar em pleno gozo dos seus direitos civis. No caso de vacatura provocada pela morte do presidente os candidatos devem ser membros eleitos do Parlamento. Um partido político deve apresentar a sua candidatura. Actualmente só existe um partido político autorizado no Quênia, a União Nacional Africana (KANU).

O presidente interino não pode dissolver o Parlamento, nomear ou exonerar ministros, nem fazer uso da lei de preservação da segurança pública (espécie de Estado de emergência).

Na sua mensagem à nação — o seu primeiro acto enquanto presidente por interinato — Arap Moi fez um apelo à população para que mantenha a «calma e a tranquilidade». Um apelo semelhante fazia já parte do breve comunicado que anunciava a morte do chefe de Estado do Quênia.

O presidente interino lembrou a obra do defunto presidente e afirmou que o «vazio que ele deixou será muito difícil de preencher».

## UM MODERADO SENTIDO DE PODER ABSOLUTO

Teria ele podido tornar-se, como sonhou, aureliado com o seu afetuoso título de «Mzee» (o Ancião), o

Nestor do continente africano? Sendo certamente um dos pais do movimento anticolonialista, Jomo Kenyatta esteve por vezes no centro das controvérsias e teve uma profunda convicção íntima: em África o poder ainda não pode ser partilhado e nenhum atentado contra a autoridade do chefe pode ser tolerado.

Quanto ao resto a verdade é que se mostrou muitas vezes acomodaticio. Pode-se mesmo falar por vezes dos poderes da «família real» no seio da qual a sua última esposa, Mama Ngina, teve uma influência considerável. Anti-comunista convicto, «Mzee» nunca sentiu o desejo de forçar uma mudança de estruturas num país pró-occidental e que beneficiou de um boom económico após a independência.

Quando, em 26 de Fevereiro de 1953, numa povoação perdida no oeste do Quênia, o juiz lhe perguntou a idade, o acusado, Kenyatta, deu-lhe a seguinte resposta: Não sei quando nasci — em que dia, mês ou ano — mas penso ter mais de 50 anos. Jomo Kenyatta, figura de resto já lendária no país kikuyu, foi atribuído um papel que nunca desejou, a saber: o de bode expiatório dos colonos brancos do Quênia. Cinco meses antes, no decurso de um comício que reuniu trinta mil pessoas em Kiambu, seu país natal, condenara com energia o movimento Mau-Mau e a violência.



Mas o tribunal militar de nada quer saber. Basta-lhe um falso testemunho para formar o seu veredicto: sete anos de trabalhos forçados e residência vigiada para sempre. O acusado, gravemente doente, não voltará a conhecer a liberdade. Nessa África que deserta, os colonos parecem ter ga-

iniciação (circuncisão) antes de receber o baptismo em 1914. Ei-lo, em regra, tanto em relação aos seus como perante a igreja. Para prenomes cristãos escolheu os dos dois principais discípulos de Cristo, João e Paulo tendo-se assim tornado Johnstone Kamou. O jovem kikuyu assim «destribalizado»

Kinyata Stores. Os «filhos» da igreja criticam-lhe aquilo que consideram uma vida turbulenta e embora procurando dar-se ares de quem reconhecia as suas culpas Kenyatta manteve uma reputação de «bon vivant».

É um pouco por mero acaso que em 1924 frequenta a Kikuyu Cen-

# O QUÊNIA DEPOIS DA MORTE DE KENJATTA

5  
nos europeus. Jomo Kenyatta é imediatamente detido em sua casa. O cenário é montado. Os seus colaboradores mais próximos que não fugiram são igualmente presos. O processo que se desenrola, numa atmosfera de ódio (o «terror» dos Mau-Mau atravessa nessa altura um ponto culminante) é rapidamente encerrado. Jomo Kenyatta, com a barba cortada e despojado da argola e da bengala, reduzido a um simples número, é feito cozinheiro numa prisão isolada. O clima do Quênia setentrional é insalubre e o preso fica muito tempo sem receber quaisquer informações estando por vezes acorrentado. Fica gravemente doente e corre o risco de ser assassinado por um outro preso político.

Mas sobre a prova «sem amargura» e demonstrando uma fé surpreendente no seu futuro. A correspondência que acaba por restabelecer com alguns amigos e a sua filha Margaret, futura presidente da câmara de Nairobi, é reveladora: nem uma palavra de vingança, nem um sintoma de desânimo. A 14 de Abril de 1959 deixa esta região de Lokitaung, onde passou mais de seis anos, e vai para a «independência e a poeira» (como dirá mais tarde): Lodwar, um pouco mais ao sul.

A vigilância perpétua de residência não irá durar mais de dois anos, porque a Grã-Bretanha decidiu conceder a independência ao Quênia. Quem conduzirá o processo? A interrogação quase não tem razão de ser. Jomo Kenyatta nunca foi tão popular. O Kenyan African National Union (KANU) — movimento dominado pelos kikuyu e os luos — e que se formou em Maio de 1960, não espera sequer pela sua libertação para o nomear presidente. O Governo veta a decisão. Mas é uma batalha de retaguarda. A resposta africana de «Uhuruna Kenyatta», independência e Kenyatta, não dá margens para ilusões. A 11 de Abril de 1961 Kenyatta é conduzido a Maralal, uma estância nas montanhas, bastante mais acolhedora que os outros locais por onde passara. Recebe inúmeros visitantes que regressam a Nairobi com boas notícias: o homem está de boa saúde.

Chegado a Gatundu, a 14 de Agosto, é saudado por milhares de africanos que dançam de alegria.

As primeiras palavras de Kenyatta demonstram que não sente qualquer amargura pelo que acabou de passar. O homem pensa já no futuro: assegurar a presença dos colonos europeus, garantir-lhes a posse das propriedades, aferecer-lhes a nacionalidade queniana, atrair os capitais estrangeiros e evitar as tensões tribais. Para alcançar tudo isso é, antes do mais, necessária a estabilidade. No KANU, cuja presidência aceita assumir em 28 de Outubro, dá-se bem com toda a gente e particularmente com os dois «leaders» luos, Tom M'Boya, o jovem, e Odinga, o fiel. Em Maio de 1963, após uma vitória eleitoral esmagadora, torna-se primeiro-ministro e a 12 de Dezembro de 1963 é proclamada a independência do Quênia na presença do duque de Edimburgo.

Jomo Kenyatta, que se torna o primeiro presidente da República, lança então o seu famoso grito de união: **Harambee! Todos unidos.**

A história passou-se de outro modo. A jovem República entrou num período de prosperidade na estabilidade mas o mal-estar gerado pelas divergências tribais vai manter-se. Em 1966 Odinga Odinga forma o seu próprio partido, a KPU (Kenyan People's Union) e as eleições de 1969 — as primeiras depois da independência — confirmam aquilo que já se sabia: os kikuyu dominam a cena política e a administração. Jomo Kenyatta tenta introduzir algumas correções. Mas o seu esforço revela-se vão e as tensões aumentam. A 5 de Julho de 1969, Tom M'Boya é assassinado por um kikuyu, e três meses mais tarde, «Mzee» Ken-

nyatta é vaiado pela multidão durante uma visita a Kisumu, em pleno coração do país luu. Pela primeira vez na vida o velho perde o sangue frio. Em 1966 ficou enfraquecido por um ataque cardíaco e é por vezes atacado pelo cansaço.

A morte de Tom M'Boya encerrou talvez um debate sobre as opções do regime. As eleições de 1974 são, por sua vez, uma partida em falso na luta pela sucessão. Alguns meses mais tarde um deputado, J.M. Kariuki, que aparece simultaneamente como candidato e crítico intransigente da presidência, é assassinado e um relatório parlamentar revela implicações policiais. Kenyatta reagiu vivamente e mostrou-se mesmo furioso. Mas as reformas de fundo continuaram a não aparecer.

O parlamento continuou a ser

uma espécie de tribuna usada para denunciar certos abusos. Mas os seus poderes mantiveram-se muito limitados. De facto, todas as decisões importantes são tomadas pelo presidente, que partilha o seu tempo com uma corte de quatrocentas pessoas, entre as suas «casas de Estado» de Mombasa e de Nakuru, quando não está em sua casa em Gatundu. O papel do Quênia em África é muito apagado. No crepúsculo da sua vida a «mensagem» de Jomo Kenyatta está talvez um tanto esquecida. Terá perdido a sua oportunidade? **Para ele e para os seus**, escreve Jeremy Murray-Brown, **o acesso ao poder absoluto era uma prova de que recebera finalmente a aprovação e o apoio desses poderes sobrenaturais de que o seu avô feiticeiro lhe revelara a existência.**

## O MEDO DO VAZIO



Figura destacada no combate pela emancipação dos negros, personagem carismática e flamejante, ser vivo transformado em lenda, Jomo Kenyatta era, em terras africanas, um dos últimos «montros sagrados» ainda no poder. Para lá do choque legítimo que foi sentido no Quênia, o seu desaparecimento suscitou no Leste do continente negro e nas capitais ocidentais um sentimento de in-

quietação de que tem sido testemunha — e sintoma revelador — o nervosismo subitamente demonstrado pelo mercado londrino de matérias-primas.

Oásis de calma e de prosperidade — relativa — numa região gravemente subdesenvolvida e sacudida por violentas convulsões, o país de Kenyatta simbolizava desde já quinze anos a ordem e a paz social. Sendo nessa perspectiva uma feliz excepção, o Quênia é também um país diplomaticamente isolado, não gozando entre os seus vizinhos de nenhuma verdadeira amizade. A irascibilidade do marçal ugandês Amim Dada — que, no entanto, foi inicialmente muito considerado em Nairobi — levou, em 1977, à desagregação da Comunidade Económica da África do Leste, estrutura que permitiria a aproximação das duas economias complementares. Apesar da recente reconciliação, as relações com a Tanzânia, país resolutamente «socialista», continuam impregnadas de desconfiança. Os dois países encarnam, com efeito,

Como alguns habitam o nordeste do Quênia os governantes da Somália demonstram sempre, em relação ao seu vizinho uma velha animosidade que degenera periodicamente em conflito aberto e os opõe aos dirigentes de Nairobi. Desejo de romper este cerco de hostilidade Kenyatta forjou com a Etiópia imperial uma aliança que foi revalidada depois da queda de Haile Selassie. Mas também neste caso o activismo «esquerdista» e os métodos sangrentos dos pretorianos de Addis Abeba não eram nada do apreço do dirigente ferozmente anticomunista e pouco inclinado aos debates ideológicos. A morte sem delfim designado, de Jomo Kenyatta poderia pois, a médio prazo, ameaçar o frágil equilíbrio político e tribal em que repousa a estabilidade de um país cujo enfraquecimento beneficiaria os seus vizinhos.

Mas o ocidente tem ainda outros motivos de receio. Desde a independência que o presidente queniano, ultrapassando a amargura de um longo combate, tinha esco-

sempenhasssem um importante papel no seio da economia queniana.

Kenyatta era aos olhos do ocidente um pareceiro tanto mais fiel quanto partilhava com ele a fé inabalável na capacidade do capitalismo curar os males do terceiro-mundo. Além disso, o Quênia conservara, apesar da instauração de um regime autoritário, algumas práticas apreciadas pelas democracias parlamentares. A imprensa de Nairobi, mais diversificada do que no passado, fazia-se permanentemente eco de um debate político que a instauração de um partido único não asfixiou totalmente. O facto de Kenyatta, resistindo à vertigem do sobrearmamento a que sucumbiram tantos Governos africanos, atribuir, desde há quinze anos, 40 por cento do orçamento nacional às despesas de educação, atraía-lhe igualmente os louvores do ocidente. Nisto reside a exemplaridade da experiência.

O defunto presidente tinha conseguido desenvolver no seu país, para o melhor e para o pior, um sistema económico e de valores a que o ocidente está ligado. Acontecerá o mesmo com os seus herdeiros? ●

## A OFENSIVA DIPLOMATICA CHINESA

1  
viagem a Pyongyang. Ei-lo em Bucarest, visivelmente feliz da vida. Sob os ares do palácio de Teerão, evocando as lembranças da estrada da seda e oferecendo ao xá a estatueta antiga de um desses camelos que percorrem longamente as pistas da Ásia central, em Brioni, no iate de Tito.

A televisão chinesa e páginas inteiras de fotografias no Quotidiano do povo mostraram ao público chinês um homem à vontade num país estrangeiro. Chu En-lai era excelente nesse tipo de exercícios. Teng Hsiao-ping igualmente.

Provou-se que o antigo primeiro secretário de Hounan não tem nada a recear dessa exposição e ganha mesmo com ela. Ninguém no exterior lhe contesta autoridade para falar em nome da China. Uma tal experiência pode pesar muito nos debates internos que prosseguem em Pequim: ●



modelos de sociedade demasiado diferentes para não serem concorrentes.

O Governo de Mogadíscio nunca abandonou o seu sonho de reunificação dos povos de origem samal-

lhido a moderação e a abertura em relação ao ocidente. Preconizando a reconciliação racial — no país continua instalada uma influente minoria branca — Kenyatta permitiu que os capitais estrangeiros de-

## PODERÁ O OCEANO ALIMENTAR A HUMANIDADE?

3  
criação do rodvalho e de outros peixes. Experiência de criação de frutas em viveiros resultaram no Báltico.

Sabe-se que o salmão-rosa e outros salmonídeos voltam a dar-se nas ribeiras depois de alguns anos de vida no Oceano e esta particularidade pode ser aproveitada para organizar a sua criação em reservas. Soltos em reservatórios os pequenos peixes recebem a alimentação suplementar durante dois meses, saindo depois para o mar alto. Mais tarde voltam integrados em importantes cardumes, às costas netais.

A aclimação um dos métodos para melhorar a fauna piscatória. Na nossa época, o «arengue Alosa Sapidissima» (originário do Atlântico) dá-se bem no clima do Pacífico, a tainha no Cáspio, o salmão de cabeça-de-aço (originário da América do Norte) nos mares Ne-

gro, Azov e Báltico. Tornou-se viável a transplantação do caranguejo de Kamtchatka para o mar de Barents.

Todos estes trabalhos testemunham a possibilidade de obter quantidades suplementares de produtos alimentares preciosos. A falta permanente de proteínas na maior parte dos países da África, da Ásia e América Latina obriga a prosseguir intensamente o estudo do Oceano para que seja possível, num futuro próximo, pescar 100 milhões de toneladas, por ano, de produtos do mar.

A valorização intensa dos recursos das zonas distantes da costa, em pleno mar alto, dos baixos continental e submarinos, o desenvolvimento da pesca nas águas subantárticas, e o alargamento da piscicultura no mar farão aumentar o pescado mundial e evitar o esgotamento dos recursos do Oceano. E a Humanidade poderá contar com mais recursos alimentares, ricos e variados. ●

NADIA COMANECI

# UMA CAMPEÃ DE DEZASSEIS ANOS

Victor M. Carriba

PRENSA LATINA

É quase certo que a maioria dos leitores recordam com sincera admiração uma ginasta romena, que obteve três medalhas de ouro e a invejável qualificação de 10 pontos nos seus exercícios durante os Jogos Olímpicos de Montreal: Nadia Comaneci.

Mereceu inúmeros títulos de primeira página em numerosos diários da altura, açambarcou com as suas fotografias diversas páginas e a sua imagem em acção, difundida por centenas de estações de televisão, mostraram a indiscutível destreza e agilidade, a espantosa precisão e elasticidade de que era capaz esta juvenzinha de 14 anos, 1,53m de altura e 40 quilos de peso.

Desde então, Comaneci realizou poucas actuações públicas, se se tiver em conta a admiração que despertou e as intensas solicitações vindas de toda a parte para ver de novo a «estrela de Montreal».

Apesar de várias apresentações no México, Venezuela, Estados Unidos e outros países, não saturou a procura. Comaneci, de acordo com os seus treinadores, passa a maior parte do tempo em casa, mas prepara-se para novas provas internacionais, pondo um cuidado especial em manter ou melhorar a forma de Montreal, agora que, mais entrada na adolescência, o seu corpo experimentou as modificações próprias do desenvolvimento humano.

Quem viu aquela miudita que causou sensação nas Olimpíadas de 1976 e tiver oportunidade de a voltar a ver, deparará com uma figura espigada, mais alta do que a que competiu no Canadá e com um corpo em pleno desenvolvimento físico.

Imediatamente se perguntarão se estas modificações de ordem física não terão repercussões na actividade atlética de Comaneci tanto mais quanto se trata de um desporto como a ginástica, em que os factores físicos podem chegar a ser determinantes.

Nos dois anos que se passaram desde os Jogos Olímpicos, Nadia Comaneci aumentou seis centímetros na altura e oito quilos em peso.

Poderão estes factores — estatura e peso — influir no futuro desenvolvimento desportivo da desportista romena? Poderão estes detalhes trazer-lhe dificuldades atléticas, agora que se aproximam os Campeonatos Mundiais de Estrasburgo, em Outubro próximo?

De acordo com especialistas que se debruçaram sobre esta questão, e em especial dos seus novos treinadores, Maria Simionescu, Iosif Hidi, Atanasia Albu e George Condovici, no momento presente, a escassos meses do Campeonato de Estrasburgo, Nadia Comaneci está em perfeitas condições desportivas.

Com o desenvolvimento físico naturalmente adquirido, as aptidões natas e adquiridas nos treinos avançam em Comaneci e agora os seus saltos, piruetas e demais movimentos são mais impetuosos e mantêm a rapidez, elegância e harmonia que lhe grangearam a admiração dos milhares de espectadores que tiveram a oportunidade de a ver nos Jogos Olímpicos de Montreal.

Dois anos após as Olimpíadas, a equipa que dirige a formação e os treinos de Nadia introduziu novos elementos na composição dos seus exercícios, de maior dificuldade, mas adequados às possibilidades e à plástica que exige a ginástica do nosso tempo.

Em Maio passado, Comaneci e o resto da equipa nacional romena

CINCO VEZES. Interveio ainda em concursos efectuados nas cidades italianas de Poma, Rimini e Milão.

Com estas actuações, Nadia demonstrou que nas suas novas condições pode executar exercícios superiores aos de Montreal, segundo a opinião de especialistas.

A prestigiosa atleta romena man-



levaram a cabo um torneio de preparação em Itália e os resultados confirmaram a qualidade e as condições perfeitas da «estrela de Montreal».

Em Itália, Comaneci portou-se do mesmo modo que nos Jogos Olímpicos do Canadá e obrigou os juizes que dirigiam uma competição realizada em Bolonha a darem-lhe a nota máxima por

tem o valor que a consagrou em Montreal e conta com todos os elementos para se fazer coroar campeã mundial em Estrasburgo.

A ser assim, a próxima titular mundial de ginástica será uma simpática jovem de pouco mais de 16 anos, muito parecida com a que monopolizou a Olimpíada de Montreal, embora com o cabelo mais curto.



SEMANA INTERNACIONAL

## A INSURREIÇÃO

O apelo feito pela Frente Sandinista para que os nicaraguenses se levantassem de armas na mão contra a ditadura de Anastasio Somoza, parte de uma dinastia familiar apoiada pelos Estados Unidos que dá as cartas na Nicarágua há 45 anos, não caiu em saco roto. Assim, na hora em que esta Semana Internacional está a ser escrita, telegramas procedentes de vários capitais da América Central dão conta da insurreição generalizada e incontrolável que se regista em diversos pontos daquele país. Mais informam os telegramas das agências internacionais que a cada momento é esperada a queda de Somoza, dando razão ao comunicado da Frente Sandinista divulgado no domingo na Cidade do México, no qual esta organização afirmava que a ditadura vivia as suas últimas horas.

Entretanto, mais importante do que enumerar a extensa relação de espectaculares sucessos dos guerrilheiros sandinistas, o que será feito a seu tempo, importa saber que destino espera a Nicarágua nos próximos dias.

Se, por um lado, a insurreição sandinista está praticamente vitoriosa, também é verdade que, pelo menos oficialmente o regime de Somoza ainda goza de apoio junto aos norte-americanos, cuja embaixada em Manágua já fez saber que vê com agrado a conclusão do seu mandato, de forma pacífica, em 1981, como aliás o ditador tem feito questão em anunciar, mesmo a saber que talvez não tenha força para isso. Ora, aos EUA não interessa, de maneira nenhuma, um novo regime revolucionário no Continente Americano («Cubas, nunca mais!») muito menos saído de uma insurreição armada, com claras opções de esquerda. Ao mesmo tempo, Costa Rica, Panamá, México e Venezuela, nomeadamente, estão muito interessados no que se está a passar na Nicarágua, enquanto, desde ontem, fala-se insistentemente no nome de um primo de Somoza, Luis Pallais Debayle, director do jornal pró-ditadura «Novedades», como o mais provável chefe de um Governo Provisório, que a esta altura é visto como a solução mais viável a curto prazo, pelo menos pelas forças ditas «moderadas». A sua posse seria uma forma de «Somozismo sem Somoza» e a Frente Sandinista já o classificou de «lacaio envolvido inclusive na morte do jornalista Pedro Joaquín Chamorro», em Janeiro último, facto que desencadeou toda a onda de contestação e violência que está a chegar ao ápice.

### O massacre

Enquanto fontes oposicionistas iranianas falam em 2450 pessoas mortas pelo Exército nos confrontos de sexta-feira, as agências internacionais ficam-se pelos 250. Em todo o caso, o certo é que o Xá do Irão teve mais uma oportunidade de mostrar quem é e que a política dos «Direitos Humanos» de Carter levou mais uma pedrada. Seja qual for o número de mortos e feridos, o que importa é que o foram de mãos vazias, quando apenas gritavam «slogans» contra um dos regimes mais odiosos do mundo. Mas isso é o menos. Na manhã do domingo, o presidente norte-americano, «muito preocupado» com o que se passava em Teerão telefonava ao seu amigo e aliado Xá, refirmando o seu apoio, recordando os importantes laços que os ligam, manifestando confiança no prosseguimento das «liberdades» e no fim da violência. Assunto arrumado.

### O segredo

Entretanto, depois da pausa para telefonar ao Xá, Carter voltou a defrontar-se com a cimeira de Camp David, onde Sadat do Egipto e Begin de Israel continuam a falar em paz para o Médio Oriente, segundo os seus critérios muito especiais e particulares. Desta vez, o prato forte do encontro é o segredo que a tudo rodeia, talvez para evitar especulações a nível internacional e para impedir a opinião pública de prever o novo fracasso que se avizinha, o que causará sérias mossaas ao prestígio internacional do inquilino da Casa Branca. Em verdade, pouco se espera da cimeira de Camp David. Israel jamais abdicará das suas posições, pelo menos enquanto for governado pelo fanático Menahem Begin, o Egipto parece estar mais interessado em acordos onde fique bem situado e os povos árabes já disseram, em grande maioria, que tudo o que se passa nas aprazíveis e saudáveis matas do Maryland, EUA, nada acrescentará ao problema que os grandes senhores tentam resolver nas costas dos principais interessados: os palestinianos.





## VIETNAME-1

Cinco anos depois da abertura americana na Indochina, o heróico povo vietnamita continua vítima de uma pressão exterior grosseira, desta vez por parte dum novo aliado do imperialismo e da reacção, Pequim.

A Conferência de Julho de 1954 em Genebra, que devia trazer a paz à Indochina, parece já um facto histórico remoto. A paz não se efectivou, porque a despeito da assinatura do documento de Genebra, Washington decidiu tentar o que os colonialistas franceses derrotados não conseguiam: impor a sua vontade ao povo vietnamita.

As consequências daquela decisão são bem conhecidas. A «guerra suja» do Pentágono, que a princípio ardia lentamente transformou-se numa gigantesca conflagração. As terras vietnamitas foram queimadas pelo napalm, martirizadas com bombas e espezinhadas pelas tropas intervencionistas, mas o povo corajoso do Vietnam não sucumbiu.

Agora, passados cinco anos do fracasso final da aventura americana, em muitas capitais põe-se a questão de saber se não estaremos perante uma entrega de testemunho da política de agressão.

## VIETNAME-2

A tensão criada na fronteira vietnamita-cambodjana foi inspirada por Pequim: Foi Pequim que treinou o exército do Camboja para a provocação. Os dirigentes chineses apresentam-se como protectores da burguesia chinesa residente no Vietnam. O ponto culminante dessa campanha de chantagem foi a suspensão pela China da assistência económica e técnica concedida à República Socialista do Vietnam, decisão anunciada nos primeiros dias de Julho.

Não se esqueça que todas essas medidas antivietnamitas são tomadas depois do país suportar uma luta sem precedentes com o Golias americano, armado até aos dentes e em que o Vietnam vive um problema-chave: como fincar firmemente os pés no chão? Como respirar, como desenvolver a economia e utilizar, ao máximo, o potencial do regime socialista, nas condições de paz?



## UM SORRISO EM MINIATURA

Pintor «oficial» dos papas, nos últimos dois pontificados, o artista miniaturista Roger Curtis começou já a retratar o Papa João Paulo I. Aqui o vemos encaixilhado numa área de 8,5 centímetros por 11,5 centímetros. Característica saliente do retrato: o sorriso do Papa. (Foto Keystone)



## METROPOLITA NIKODIM

Seguiram já para Moscovo os restos mortais do metropolita ortodoxo russo de Leninegrado e Ladoga, o metropolita Nikodim, que na semana passada morreu no gabinete do Papa João Paulo I, quando este o recebia em audiência. Com 57 anos, doente cardíaco de longa data, Nikodim sabia-se condenado e poucos dias antes de morrer a confidenciara que «o meu mal não perdoa». O metropolita Nikodim teve um papel relevante nos esforços de aproximação entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa Russa.

## VEDETAS DO PASSADO PRESENTES EM DEAUVILLE

King Vidor, Gloria Swanson; quem os reconhece? Os dois «Veteranos» do cinema aparecem nesta foto, acompanhados dos embaixadores

Hartman e Boulaye, na inauguração dum festival em Deauville (França), consagrado às suas brilhantes carreiras. (Foto Keystone)

## SEGREDOS DE ESTADO NA GRÃ-BRETANHA

O Governo Britânico submeteu à Câmara dos Comuns, um livro Branco contendo propostas para a revisão da célebre lei sobre o segredo oficial, o «Official secret act» de 1911.

Este Livro Branco, que foi redigido por uma comissão do Governo em que participou o primeiro-ministro, tem como objectivo reformular totalmente a legislação actual. De acordo com esta, é considerado um delito, a ser tratado nos tribunais toda a divulgação e publicação sem autorização de informações respeitantes, directa ou indirectamente a actividade do Governo, do Estado e de certos sectores para públicos.

De acordo com o Livro Branco chegar-se-ia assim a uma situação absurda: o simples facto de um funcionário falar do seu trabalho com a mulher e os amigos, cairia teoricamente sob a alçada da lei. E o que é ainda mais grave: o Livro Branco condidera implicitamente que a lei foi por vezes utilizada como um instrumento destinado a impedir a Imprensa de cumprir a sua missão.

«Não há dúvida, afirma o Livro Branco, que a reforma da lei é não só uma melhoria absolutamente necessária do direito penal, mas

também a condição prévia de uma maior abertura do Governo em relação ao grande público.»

As propostas avançadas no Livro Branco abordam duas questões distintas. Por um lado e de um ponto de vista estritamente jurídico procede-se à «descriminização» do facto de se receber uma informação secreta. Daqui por diante só será sancionado aquele que a divulgar e, mesmo assim, só na condição de se provar que o responsável agiu com conhecimento de causa.

Por outro lado, é estabelecida uma lista precisa e limitada das áreas que serão cobertas pelo segredo oficial: as informações confidenciais respeitantes à defesa nacional, à segurança interna e às relações externas do país. Será igualmente objecto de sanção judicial a divulgação de informações, confidenciais ou não, sobre as actividades dos serviços de segurança «que merecem o máximo de protecção possível».

Tal como são apresentados pelo Livro Branco os projectos governamentais possuem aspectos espantosamente liberais, mas deixam subsistir uma vasta zona de incerteza. Rompendo, por exemplo, com uma tradição secular, deixam de considerar como estando englobadas no segredo de Estado as informações relativas à moeda e à economia, cuja divulgação não é em geral, «susceptível de causar um prejuízo semelhante ao que se daria nos sectores da segurança e informação».

Em contrapartida — e este ponto suscita sem dúvida numerosas críticas — o segredo oficial continuará a ser aplicado às actividades da polícia e ao conjunto do sistema penitenciário. Continuará a ser proibida a divulgação de tudo aquilo que possa ajudar um indivíduo a escapar à prisão ou a cometer «outros actos prejudiciais à segurança penitenciária».

Apesar das suas insuficiências, o Livro Branco foi bem acolhido. Mas muitos deputados protestaram contra o facto de o Governo não submeter imediatamente o projecto de lei ao Parlamento, embora seja verdade que o Governo tem outras preocupações mais prementes. O Livro Branco deixa a porta aberta para numerosas melhorias.

Reconhece, por exemplo, que deveria ser possível, pelo menos em certos domínios, criar um «verdadeiro direito de acesso à informação», como sucede noutros países e «nomeadamente nos Estados Unidos e na Suécia». Mas, a respeito disso, o Governo limita-se a indicar que mantém «abertura de espírito».

EXCLUSIVO

N.º 37/78

